

DIOGO LABIAK NEVES

**“DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ”: Território, Globalização e  
Boi-Bumbá, na Ilha dos Tupinambá.  
(Parintins – Amazonas)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Sob a orientação do Prof. Dr. Luis Lopes Diniz Filho.

CURITIBA  
2007

**MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
- MESTRADO E DOUTORADO**



**PARECER**

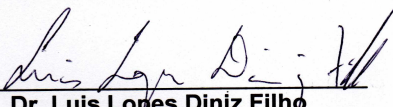
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia, reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo candidato **Diogo Labiak Neves**, intitulada: **"DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ": Território, Globalização e Boi-Bumbá, na Ilha dos Tupinambá (Parintins – Amazonas)"**, para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**.

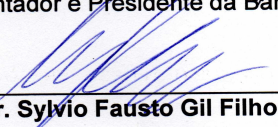
Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, são de parecer pela **APROVAÇÃO** da Dissertação.

Curitiba, 27 de março de 2007.

Nome e assinatura da Banca Examinadora:

interlocutor

  
**Dr. Luis Lopes Diniz Filho**  
(Orientador e Presidente da Banca)

  
**Dr. Sylvio Fausto Gil Filho**

  
**Dr. Euclides Marchi**

Para:

Hilda (*in memoriam*)

*“Eu já passei por quase tudo nessa vida; Em matéria de guarida espero ainda minha vez; Confesso  
que sou de origem pobre; Mas meu coração é nobre, foi assim que Deus me fez (...)”*

*“Deixa a vida me levar – Zeca Pagodinho”*

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer, enfaticamente, às Famílias Viana (em especial a Cleide Viana) e Uchôa (em especial a Maria José Uchôa), pelo acolhimento e carinho durante as minhas estadas em Parintins nos anos de 2005 e 2006 respectivamente. Sem estas pessoas este trabalho não seria possível.

E também a AGR Produtos Fotográficos, pelas películas fotográficas 35mm cedidas à pesquisa.

Anete Rubim, que não é macaco gordo mas quebrou alguns galhos. Sem ela este trabalho não seria possível.

Ao Professor Dr. Luis Lopes Diniz Filho, por ter acreditado no projeto desta dissertação. Mesmo que ela se mostrasse inusitada as suas pesquisas correntes.

À Araci Maria Labiak e Lino João de Oliveira Neves os dois “pseudo-co-orientadores” mais turrões e perfeccionistas que alguém poderia ter.

À Viviane de Lara Reis, do meu lado e me apoiando nos últimos sete anos e alguns meses.

Minha irmã, Hortênsia, mesmo com brigas e desencontros (coisa normal de irmã), sempre por perto.

Ao Professor Msc. Adilar Antônio Cigolini, pelas inúmeras críticas construtivas e sugestões ao projeto inicial. Estas se mostraram úteis e acabaram refletindo em melhorias.

À Marcelo Luis Rakssa, que sempre esteve por perto e pronto para ajudar da graduação ao mestrado, ele se mostrou um grande amigo. Conseqüentemente a Kalina Salaib Springer, da mesma forma solícita, amiga e sempre presente.

Aos amigos – irmãos que a Geografia me proporcionou, Felipe Augusto e Rudolf Kröker.



Aos colegas da Sociedade Secreta da Cebola Roxa, pessoas quais não posso citá-las aqui por motivos óbvios. Nossas diversas festas, churrascos e confraternizações foram diretamente responsáveis pela produção deste trabalho.

Aos professores Dr. João Carlos Nucci e Dr. Leonardo José Cordeiro Santos, pelas amizades e auxílios sempre que necessário.

Aos amigos, dos mais diversos cursos da UFPR, que estiveram presentes e ajudaram nesta, e em outras caminhadas. André Castelo Branco Machado (História), André Francisco Matsuno da Frota (Geografia), Camilo Gonzalez (Gestão da Informação), Marcos Alberto Torres (Geografia), Marina de Godoy (História), Milena Pessoa (Enfermagem), Giácomo Botaro Borges (Geografia), Lenandro Bamberg [Sr. Incrível] (Geografia), Leandro Pinto [Lobinho] (Geografia), Patrícia Baliski (Geografia), Roberto Carlos Pompeu (Geografia).

Aos colegas, companheiros e camaradas da Coneeg, por mais de uma vez debatendo assuntos não necessariamente relatos a Geografia, fora os tradicionais assuntos do movimento estudantil geográfico. Carlos Carriel Castro (Carlinhos/PUC/SP), Diogo Neves (Godi/UFF), Fábio Lopes da Silva (Kiko/UFV), Janaina Holanda (Naina/UFC), Judeci da Silva (UFRGS), Luis Santos (Marola/UFF), Maíra Bueno Pinheiro (Mairinha/USP), Paulo Fávero (Paulão/USP), Paulo Henrique Amorim (Joselito/UFF), Wladimir Jansen (Tristão/PUC/SP).

À Luiz Carlos Zem, secretário do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, e amigo, por sempre ajudar e quebrar o galho quando foi necessário.

À CAPES pela bolsa de estudos que me foi concedida.

“El general en jefe del ejercito libertador del sur Emiliano Zapata Manifiesto Zapatista en Nagua-  
Al pueblo de México:

A los pueblos y gobiernos del mundo:

Hermanos:

Hermanos nosotros nacimos de la noche

en ella vivimos

y moriremos en ella

pero la luz será mañana para los más,

para todos aquellos que hoy lloran la noche,

para quienes se niega el día.

Para todos la luz,

para todos todo.

Nuestra lucha es por hacernos escuchar y el mal gobierno

grita soberbia y tapa con cañones sus oídos,

nuestra lucha es por un trabajo justo y digno y el mal gobierno compra y vende cuerpos y  
vergüenza,

nuestra lucha es por la vida y el mal gobierno oferta muerte como futuro,

nuestra lucha es por la justicia y el mal gobierno se llena de criminales y asesinos,

nuestra lucha es por la paz y el mal gobierno anuncia guerra y destrucción.

Techo, tierra, trabajo, pan, salud, educación, independencia, democracia, libertad,

estas fueran nuestras demandas en la larga noche de los 500 años,

estas son hoy nuestras exigencias.”

EZLN... Para todos todo.

*Manu Chao*

Adaptado da Cuarta Declaración de la Selva Lacandona. México, 01 de janeiro de 1996.

## RESUMO

Este trabalho tem como ponto principal o fato de a sociedade amazônica, se é que podemos falar em somente uma sociedade amazônica, estar inserida no contexto de nossas vivências e no bojo da atual expansão capitalista, conseqüentemente unido pela atual fase da globalização. Com esta idéia partimos para uma análise amazônica, despindo dos velhos preconceitos e chavões, clássicos sobre o tema. Como foco de estudo, temos, sociedade Parintinense envolta à Festa do Boi-Bumbá de Parintins. Busca-se uma análise social da festa e da participação da sociedade Parintinense e Amazonense na Festa. Para melhor compreender a relação dentre a sociedade a Festa do Boi-Bumbá, compreendem-se as transformações ocorridas nos territórios conformados por cada grupo dentro da cidade.

O Festival de Parintins enquanto evento atrai turistas oriundos de vários locais do mundo. Embora sejam de vários locais do mundo, na sua maior parte são provenientes dos Estados do Amazonas e do Pará. Cada vez mais ocorrem mudanças visando o conforto e uma melhor condição de recepção destes turistas. Por mais que estas modificações, majoritariamente, influenciem apenas o Festival diretamente, estas modificações e transformações acabam por determinar, também alterações nas condições e nas relações internas da sociedade que recebe estes turistas. Apresenta-se, aqui, uma visão da Festa do Boi-Bumbá de Parintins sob a ótica da globalização, suas implicações culturais e sociais. São abordadas novas possibilidades de configurações nas territorialidades locais frente à globalização em curso. Serão abordadas as mudanças sociais produzidas pela globalização, na festa do Boi de Parintins e no seu Festival Folclórico. Como essas mudanças são encaradas pela sociedade, e com a sociedade se adapta a estas mudanças.

**Palavras Chave:** Boi-Bumbá de Parintins; Globalização; Territorialidades; Sociedade e Identidade.

## ABSTRACT

This work has as main point the fact of the Amazonian society, if it is that we can only speak in an Amazonian society, to be inserted in the context of our experiences and the bulge of the current capitalist expansion, consequently unbind for the current phase of the globalization. With this idea we leave for an Amazonian's analysis, undressing of the old preconceptions and clichés, classics on the subject. As focus of study, we have, Parintinense society around to the Party of Parintin's 'Boi-Bumbá'. A social analysis of the party and the participation of the society Parintinense and Amazonense in the Party searches. Better to understand the relation amongst the society the Party of "Boi-Bumbá", the occurred transformations in the territories conformed for each group of the city are understood inside.

The Festival of Parintins while event attracts deriving tourists of some places of the world. Although they are of some places of the world, in its bigger part is proceeding from the States of Amazon and Pará. Each time more the comfort and one better condition of reception of these tourists occur changes aiming at. For more than these modifications, mainly, they influence only the Festival directly, these modifications and transformations finish for determining, also alterations nas conditions and nas internal relations da society that receives these tourists. It is presented, here, a vision of the Party of Parintin's 'Boi-Bumbá' under the cultural and social optics of the globalization, its implications. New possibilities of configurations in the local territorialities are boarded front to the globalization in course. The social changes produced by the globalization will be boarded, in the Party of Parintin's 'Boi-Bumbá' and in its Folkloric Festival. How these changes are faced by the society, and how they can fit themselves with these changes.

**Key Words:** Parintin's 'Boi-Bumbá'; Globalization; Territorialities; Society and Identity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Cartograma de localização do Município de Parintins.....	60
Fotografia 01: Muro de Arrimo da Cidade de Parintins.....	61
Fotografia 02: Barcos atracados no Muro de Arrimo de Parintins.....	62
Figura 02: Base se Parintins.....	64
Fotografia 03: Vista da cidade de Parintins.....	65
Fotografia 04: Barco Regional chegando a Parintins.....	66
Fotografia 05: Rua parintinense enfeitada.....	68
Fotografia 06: Funcionários pintando órgão da prefeitura.....	69
Fotografia 07: Orelhão caracterizado.....	70
Fotografia 08: Orelhão caracterizado. ....	70
Fotografia 09: Triciclo utilizado em Parintins.....	71
Fotografia 10: Triciclo utilizado em Parintins.....	71
Figura 03: Logotipo do Boi-Bumbá Caprichoso.....	79
Figura 04: Logotipo do Boi-Bumbá Garantido.....	83
Fotografia 11: Pôster do Festival Folclórico de Fonte Boa.....	86
Fotografia 12: Alegoria.....	96
Fotografia 13: Casa de Dona Mariângela Farias.....	107
Fotografia 14: Muro da casa de Dona Mariângela Farias.....	108
Fotografia 15: Casa Azul.....	109
Fotografia 16: Casa de características simples.....	110
Fotografia 17: Placa de trânsito azul.....	111
Fotografia 18: Placa de trânsito vermelha.....	111
Figura 05: Territorialidades Iniciais.....	120
Figura 06: Territorialidades Tradicionais.....	125
Figura 07: Territorialidade Moderna.....	128
Fotografia 19: Publicidade, na cor azul.....	130
Fotografia 20: Publicidade na cor vermelha.....	130

Fotografia 21: Logotipo do Governo Federal.....	131
Fotografia 22: Logotipo do Governo Federal.....	131
Fotografia 23: Logotipo da Coca-Cola alterado.....	132
Fotografia 24: Orelhão da Telemar em vermelho.....	133
Fotografia 25: Botijões nas cores dos dois Bumbás.....	134
Fotografia 26: Bumbódromo.....	155
Figura 08: Selo Boi-Bumbá Caprichoso.....	164
Figura 09: Selo Boi-Bumbá Garantido.....	164

## **LISTA DE TABELAS E QUADROS**

Tabela 01: Relações e co-relações Territórios.....	51
Quadro 01: Relação dos Bois do Estado do Amazonas.....	159
Quadro 02: Festivais realizados até o ano de 2006.....	160



# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	4
RESUMO.....	7
ABSTRACT .....	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	9
LISTA DE TABELAS E QUADROS.....	11
SUMÁRIO.....	12
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 – AMAZÔNIA .....</b>	<b>21</b>
<b>2 – O ESTUDO.....</b>	<b>33</b>
2.1 – ‘DO SUJEITO DO ESTUDO’ – A FESTA.....	33
2.2 – ‘DO INVÓLUCRO DO ESTUDO’ – A GLOBALIZAÇÃO .....	36
2.3 – ‘DO OBJETO DE ESTUDO’ – A SOCIEDADE .....	39
2.4 – ‘DO INSTRUMENTO VIABILIZADOR DO ESTUDO’ – O(S) TERRITÓRIO(S) E O(S) TERRITÓRIO(S) NA GEOGRAFIA .....	43
<b>3 – LOCALIZANDO O ESTUDO.....</b>	<b>59</b>
3.1 – PARINTINS.....	59
<b>4 – RESGATE HITÓRICO.....</b>	<b>73</b>
4.1 – O SURGIMENTO.....	73
4.2 – OS DOIS ATORES (CONTEXTUALIZAÇÃO) .....	77
4.2.1 – Caprichoso (azul da cor do céu).....	77
4.2.2 – Garantido (vermelho da cor do sangue).....	80
4.3 – A INSERÇÃO DA FESTA NO CONTEXTO GLOBALITÁRIO.....	83
4.4 – ‘CARNAVALIZAÇÃO’ DO BOI BUMBÁ OU ‘BUMBALIZAÇÃO’ DO CARNAVAL? .....	93
<b>5 – A FESTA E A GLOBALIZAÇÃO .....</b>	<b>99</b>
5.1 – TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES DA/NA FESTA.....	100
5.1.2 – Territorialidade Inicial .....	118

5.1.3 – Territorialidade Tradicional.....	121
5.1.4 – Territorialidade Moderna .....	126
5.2 – CONSTRUÇÃO DA TERRITÓRILIDADE MODERNA.....	129
5.3 – A NOVA GLOBALIZAÇÃO E AS TERRITORIALIDADES.....	135
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>154</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>155</b>
Anexo 01: .....	155
Anexo 02 .....	156
Anexo 03 .....	157
Anexo 04 .....	158
Anexo 05 .....	159
Anexo 06 .....	160
Anexo 07 .....	163
Anexo 08 .....	164
Anexo 09 .....	165
Anexo 10 .....	166

## INTRODUÇÃO

A Amazônia não se cansa de surpreender a todos nós, seja pela sua biodiversidade, seja pela sua grandiosidade, seja pela sua efervescência sócio-cultural. Neste aspecto, a cidade de Parintins, no estado do Amazonas, vem se destacando de forma inegável. A Festa advinda dos Bois de Parintins, cada vez mais, tem tido destaque econômico, político e jornalístico em nível nacional e até mesmo internacional.

E junto com este destaque alcançado, certamente, aparecem novas situações dentro da festa. A Festa, certamente, não é mais como era quando começaram a surgir em Parintins as primeiras manifestações. Aos poucos, a brincadeira popular deixa de ter apenas o significado das ruas e passa a carregar toda uma carga sócio-cultural para a população desta cidade do Médio Amazonas.

Contudo, é no mínimo inusitado que tenhamos a apresentação de um trabalho sobre Parintins em uma universidade sulista, como este. Gera, ainda, muito mais estranheza ao ser elaborado por alguém tão diferente do estereótipo nortista, uma vez que, a priori, somos inclinados a pensar que não exerce nenhum tipo de relação junto ao objeto de estudo.

Ao elaborar um projeto de estudos, qualquer que seja o nível do projeto, mais do que apenas as vocações acadêmicas, temos que perceber também e fazer com que exerça certa influência neste estudo a história de vida do pesquisador em questão. Estamos cansados de saber que a ciência não se constitui tão neutra e pura quanto gostaríamos e, por vezes, pregamos. Então nada mais justo que fazer com que esta pseudo-neutralidade sirva para contribuir para a própria evolução da ciência, auxiliando nas pesquisas acadêmicas.

Quando da construção deste trabalho, certamente, não bastaram e não bastariam as pesquisas de campo realizadas durante os meses de junho e julho de 2005 e 2006. Com certeza, a carga e a vivência estabelecidas anteriormente foram o grande viabilizador deste trabalho. A realização destes dois trabalhos de

campo ou, como gostaríamos de chamar, experiências de campo, na cidade de Parintins durante os Festivais, seguramente apontaram e nos mostraram ponderações novas que foram igualmente decisivas. As conversas com os moradores, as experiências, os diálogos, por vezes, despretensiosos, cada um deles se mostrou um adubo fértil para as conclusões que serão apresentadas neste trabalho. Os bate-papos, que nem sempre foram jogados fora, sempre serviram para aparar algumas arestas ou dúvidas.

E como todo trabalho de campo que se preze não acaba no campo, sempre temos a fase de gabinete. Não foi surpresa quando, ao analisar as fotografias tiradas (quase setecentas [700], somados os dois trabalhos de campo), foram corroboradas as experiências vividas nos trabalhos de campo, que por sua vez, corroboram as análises e as informações obtidas, fossem estas obtidas através de conversas com membros da sociedade ou simplesmente constatadas durante os campos.

A realização deste trabalho, em um primeiro momento, pode surpreender, seja pela dificuldade de tratar temas tão longínquos da realidade sulista, seja pelo seu caráter inusitado. Mais inusitado ainda se mostrava a viabilização deste trabalho, dentro do ambiente acadêmico sulista, distante das realidades nortistas. Ao imaginar a realização deste trabalho, este sulista de alma cabocla, que passou grande parte da sua vida em terras amazonenses, não mais que tratava do seu retorno a sua antiga morada e as suas recordações. As antigas 'novidades' dos tempos áureos dos Bumbás<sup>1</sup>, as antigas lembranças e recordações da década de 1990, em Manaus, serviram de inspiração à realização deste trabalho.

De uma forma ou de outra, não se pode negar que a inspiração para a elaboração fica em um passado romântico que, muitas vezes, não existe mais. Contudo as visões aqui defendidas só foram obtidas após as visitas de campo e durante o desenvolver do trabalho, aliando-se à pesquisa teórica realizada.

Acreditamos que um dos grandes feitos e uma das grandes características do Boi de Parintins (ao 'universo Bumbá' como um todo e não apenas aos dois Bois

---

<sup>1</sup> Forma simplificada de se referir ao Boi-Bumbá.

propriamente) é a capacidade de apropriação identitária que ele gera na sociedade amazonense e, mais especificamente, na sociedade parintinense, bem como as suas implicações territoriais na ilha. Quando o Boi deixa de ser apenas um instrumento de brincadeira e extrapola os limites de Parintins, passando a servir como apoio cultural às diversas cidades do estado, ele passa a ter também em sua conotação outras características.

E o mais fascinante nessa relação é que ao mudar, gradativamente, a sua conotação junto à sociedade, o próprio Boi (no sentido físico e de espetáculo) acabou alterando as suas próprias características fundamentais. Isso fica claro quando ocorre uma aceleração demasiada no ritmo das toadas, por exemplo, como a ocorrida na década de 1990.

O Boi gradativamente deixa de ser o que sempre fora e passa a adotar novas conotações para os seus brincantes. A antiga brincadeira de Boi vira o ‘negócio’ chamado Boi-Bumbá, em que mais importante do que as tradições e o prestígio de cada família ou grupo, sobressaem os acordos financeiros e os contratos firmados para a construção deste Boi que será apresentado na arena e não mais na rua como antigamente. Se antes prevaleciam as tradições, atualmente prevalecem as verbas destinadas por cada patrocinador.

Enquanto o Boi fazia a sua evolução nas ruas da cidade, seu principal objetivo era atrair as atenções para a brincadeira e, despretensiosamente, conquistar novos adeptos. As evoluções ocorriam no meio da rua, em frente às casas de pessoas, devido estas terem relação com o boi que evoluía. Atualmente, dentro do bumbódromo<sup>2</sup>, mais do que se apresentarem para a população da cidade ou para os próprios turistas que ficam nas arquibancadas ou ainda para os torcedores que ficam durante toda a tarde, esperando para entrarem gratuitamente e ‘curtirem’ o ‘seu’ Boi, os Bumbás se exibem para os jurados do Festival e isso fica evidente quando se observa que todas as encenações são voltadas *apenas* para a cabine dos jurados e não mais voltadas ao público como

---

<sup>2</sup> O bumbódromo é uma arena, especialmente construída para a evolução e apresentação dos Bumbás parintinenses durante o Festival Folclórico de Parintins, construída em forma de uma cabeça de boi estilizada. A foto do bumbódromo encontra-se no anexo 01 deste trabalho.

era anteriormente. Mais do que a diversão e/ou a brincadeira na arena, o objetivo da exibição transformou-se. Ao invés de entretenimento, o objetivo passou a ser a conquista do campeonato e quase que exclusivamente isto.

Mesmo diante desta modificação ocorrida nos rumos e nas essências do Festival Folclórico de Parintins e da Festa do Boi, pode ser claramente percebido em Parintins a satisfação e a relação que os moradores locais ainda preservam em relação ao seu Bumbá predileto. Com todas as mudanças que ocorreram nas festividades, tendo o seu reflexo na estrutura e na organização da sociedade local, a população volta boa parte dos seus esforços para o Festival. Pois diante dos Bois do festival, mais do que apenas um 'produto' turístico, há toda uma carga sócio-cultural. Em cada um, há uma carga manifesta por parte da sociedade que, por via de regra, não se abstém desta carga que lhe é socialmente atribuída. Mais do que a pura convergência para um lado ou outro da disputa, há a participação da sociedade na construção destas relações que são estabelecidas em vias de mão dupla. Ao mesmo tempo em que a sociedade local usa como um dos seus pilares básicos esta relação estabelecida com Caprichoso e Garantido, eles também precisam da convivência social que lhes é proporcionada em Parintins, fica cada vez mais difícil conceber a idéia de que estes dois grupos possam passar a existir apenas fora dos limites desta pequena cidade do interior e sem a manutenção dos seus laços sociais tradicionalmente construídos e constituídos.

Neste trabalho, abordar-se-á uma visão da sociedade local, com base nos trabalhos de campo realizados, nas conversas-diálogos com a população local, nas análises pós-campo e em informações pré-concebidas de domínio público. Com o intuito de analisar as transformações (na visão da Geografia) na(s) territorialidade(s) dos bois Garantido e Caprichoso a partir da globalização que, a partir dos anos recentes, toma conta/envolve a 'Festa do Boi-Bumbá e o 'Festival' de Parintins.

Este trabalho está dividido em quatro eixos principais: 1 – Apresentação e caracterização de domínio mais amplo sobre a região amazônica visando uma análise introdutória sobre a temática a ser abordada; 2 – Ponderações sobre o

objeto, o sujeito e a temática de estudo a serem abordados; 3 – Localização e caracterizações do recorte adotado no estudo, compreensão da evolução do Boi-Bumbá parintinense, suas peculiaridades e 4 – Considerações sobre as características da sociedade e as modificações ocorridas por conta das modificações advindas com a nova etapa da globalização.

Para relacionar estes temas tal, como exposto no parágrafo anterior, este trabalho será dividido, seguindo a linha mestre pretendida para cada segmento, em 5 capítulos, que são: 1 – Amazônia; 2 – O estudo; 3 – Localizando o estudo; 4 – Resgate Histórico e 5 – A Festa e a globalização.

Cada capítulo será constituído de uma série de abordagens estruturais que permearão o debate a ser realizado, estruturados e seqüenciados de forma a facilitar a compreensão linear dos pensamentos que, se relacionam.

No capítulo um, com base em uma visão ao mesmo tempo unicista da Amazônia enquanto ente multi-espectral quando defrontada com as suas característica internas, serão abordados temas que vão desde as concepções de Amazônia que permeiam visões e imaginários de vários autores até as recentes ameaças que surgem com a dita inserção deste pedaço da América Latina que é a Pan-Amazônia (que compreende toda a Amazônia legal brasileira e mais a parte da Amazônia presente em outros países) no mundo moderno.

No capítulo dois, inicialmente será feita uma divisão que se mostra primordial para a elaboração deste trabalho. Trata-se da diferenciação entre o Festival Folclórico de Parintins e o que chamamos de Festa do Boi de Parintins. Após tratarmos desta divisão essencial, far-se-á ainda outra divisão na qual serão adotadas as diferenciações entre sujeito e objeto de estudo, fazendo uma apropriação da língua portuguesa, aproveitando-se deste artifício tal qual a gramática nos possibilita. Cabe esclarecer que para fins deste estudo serão utilizados como sujeito de estudo a Festa do Boi-Bumbá de Parintins como objeto de estudo a sociedade parintinense em geral. Como invólucro do objeto de estudo, será abordado o processo de globalização vivido por esta sociedade. Para a viabilização deste trabalho, serão utilizadas as análises dos territórios e das



territorialidades expressas sobre o objeto de estudo. Neste trabalho, as territorialidades serão compreendidas enquanto construídas através das relações exercidas e historicamente forjadas por uma parcela da sociedade num dado espaço, acabando por assim configurar as relações de poder que então se manifestarão na conformização destes territórios.

O terceiro capítulo apresenta a caracterização da área de estudo, ou seja, a cidade de Parintins, sua localização, sua área física, a sociedade deste município, as perspectivas da cidade e suas transformações para o Festival.

No quarto capítulo, é feita a caracterização da Festa do boi propriamente dita. Buscam-se as suas origens e a sua evolução histórica, bem como a construção do Festival Folclórico dentro da sociedade local. São também retratadas as origens e o surgimento dos dois Bumbás que são as estrelas máximas da festa. Gradualmente, dentro deste capítulo, far-se-á a contextualização da Festa com relação ao cenário global, suas influências.

No capítulo cinco, estão as leituras e interpretações das identidades constituídas e manifestadas em Parintins que, ao se co-relacionarem com um ou outro Bumbá, acabam por determinar as conformações dos territórios. Enquanto analisadas historicamente, revelam a presença de uma *Territorialidade Inicial*. Estaria ela alocada na proximidade de onde surgiram os dois Bois e onde se encontrava a grande parte dos seus brincantes. Seguindo-se a territorialidade inicial e apresentando-se como consequência e uma expansão desta, há o surgimento da *Territorialidade Tradicional* que divide a cidade em dois territórios formalmente delimitados, um correspondente a cada Bumbá. Mais recentemente, com o advento da nova forma de se fazer o Boi e com a gradativa inserção da sociedade nas novas características adotadas pelo Boi, após a sua completa inserção no processo de globalização, surge a *Territorialidade Moderna*, que já não se apresenta com uma rigidez tão grande em relação as suas fronteiras devido à inserção destas em uma gama cada vez maior de novas relações e ponderações. Neste capítulo, ainda são tratadas as relações que constituem e

colaboram para esta conformização desta nova territorialidade que surgiu nos últimos tempos.

Diante do exposto acima, e do trabalho que será apresentado a seguir, cabe ressaltar que este será um trabalho voltado às matizes geográficas. Em momento algum o nosso intuito é o de fazer um trabalho etnográfico, histórico ou antropológico. A interdisciplinaridade cada vez mais se coloca como uma ajuda aos estudos acadêmicos contemporâneos. Sabendo disto, por mais que em diversos momentos cheguemos perto destas áreas do conhecimento, este ainda será um trabalho de geográfico.

## 1 – AMAZÔNIA

Muito se estuda sobre a Amazônia, não apenas a porção brasileira, mas a Amazônia como um todo, chamada Pan-Amazônia, em diversas correntes de pensamento. Nas mais diversas áreas de concentração do saber científico a Amazônia vem despontando enquanto ponto de pauta. Seja na Biologia, incluindo estudos sobre a biopirataria, seja na(s) Engenharia(s) incluindo estudos sobre desmatamentos, a capacidade hidrográfica dos seus rios e atualmente sua exploração por meio do (im)possível desenvolvimento sustentável. Da mesma forma que a academia avança no estudo, sobre a Amazônia, o senso comum cria e recria diversos estereótipos a respeito da região. De pulmão do mundo a deserto demográfico, de importante reserva florestal à terra de ninguém, passando por reserva mineral do mundo este tipo de pensamento revela nada mais que um pobre (in)consciente coletivo, que foi alimentado e construído durante várias décadas. Por que não durante vários séculos? Neide GONDIM (1994, p. 9) nos alerta que “contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes”.

A autora em seu livro, *'A Invenção da Amazônia'*, de diversas formas, relata a formação e a criação do mito amazônico pelos viajantes e conquistadores europeus. Em coro com GONDIM, MAUÉS (1999, p. 20) coloca que esta criação da Amazônia, na verdade, representa diversas formas de rotular e atribuir identidade aos amazônidas, identidade esta que, na maioria das vezes, se traduz como negativa ou pejorativa.

Raymundo Heraldo MAUÉS (1999, p. 85) relata o que ele chama de um novo processo de 'integração' amazônica; “Numa nova fase de 'integração', desta vez ao conjunto do Estado Brasileiro, torna-se forte a expressão 'vazio demográfico', como se não existissem os índios nem os caboclos com seus

modos próprios de organização social e econômica”. O mesmo autor ainda nos alerta sobre a alternância de visões e concepções “ao longo de sua história, a Amazônia (as Amazônias) vem sendo objeto de uma alternância de visões paradisíacas e infernais” (Op. cit., p. 84). Continua ao afirmar a visão preconceituosa e incorreta destas visões: “com efeito, essas são todas visões alienígenas, mesmo que formadas em organismos regionais, ou concebidas por intelectuais nativos” (MAUÉS, 1999, p. 85). Assim o autor nos chama a atenção sobre não apenas a existência deste tipo de visão, como também para a produção e para a reprodução de estereótipos equivocados. Não basta conter a produção destes estereótipos, há que se conter também a reprodução destas afirmações, seja no meio acadêmico, seja no (in)consciente coletivo/popular acima citado.

De certa forma, esta visão distorcida vem sendo (re)produzida e transmitida, seja devido a inaptidão acadêmica dos teóricos que (re)produzem este tipo de pensamento, seja por puro interesse. Dentro desta perspectiva, ainda nos cabe perguntar: Mas de que Amazônia estão falando? Ou ainda, de que Amazônia estamos falando? De qual Amazônia falamos, nós todos ao teorizar sobre o assunto? Por vezes, não raro, observamos cientistas e/ou pesquisadores que sequer conhecem *in loco* a realidade de tal lugar. Pois quando nos deparamos com este tema, observamos a relevância das palavras de Carlos Walter Porto GONÇALVES (2003), quando afirma que antes de tudo se mostra cada vez mais necessário que os acadêmicos e cientistas tenham e obtenham conhecimento sobre a realidade amazônica.

Falamos, então, da Amazônia enquanto patrimônio nacional, enquanto patrimônio do conhecimento científico, ou enquanto patrimônio coletivo da humanidade? Acredito que falamos da Amazônia, não enquanto lugar isolado e esquecido do mundo, mas sim nos referimos a uma região<sup>3</sup>. Que a cada momento

---

<sup>3</sup> Com certeza alguns teóricos geográficos seriam ferrenhos opositores à utilização do conceito “região” desta forma. Mesmo assim optamos pela inserção, acreditando que antes de mais nada a “região” amazônica trata-se de uma clara indicação dos parâmetros aos quais nos referimos, neste momento. Ainda acreditamos que ela pode ao mesmo tempo ser Região, Lugar, Território e Espaço, dependendo da concepção adotada para cada terminologia geográfica. E ainda dentro de uma concepção e, por que não provocação, não podemos tomá-la enquanto Mundo?

que se passa encontra-se cada vez mais inserida no contexto global e que, definitivamente, enquanto existência, não se mostra mais como novidade dentro dos parâmetros hoje considerados. De qualquer forma não é prudente deixar de observar as múltiplas facetas existentes em um cenário que mesmo não sendo novo quando focamos a sua existência, ainda se apresenta fabulosamente desconhecido.

Comentando sobre as diferentes formas de visão e representação amazônica, Magali Franco BUENO (2002) nos traz à tona uma ponderação interessante, principalmente quando abordamos a (re)produção de uma visão, seja ela distorcida ou não:

“As diferentes visões sobre a Amazônia não dizem respeito apenas aos múltiplos agentes, mas às múltiplas escalas. Existem dois principais níveis de construção da representação sobre a Amazônia: o exógeno, estruturado pelos discursos enunciados externamente, e o endógeno, elaborado pelos protagonistas que vivem na região” (Op. cit., p. 02).

Nesta visão da autora, os atores sociais locais se mostram tão fundamentais para a construção e disseminação de visões qualificadoras da Amazônia quanto as produções ‘exógenas’. Pois a eles, nesta construção ‘endógena’, é atribuída a condição de produtores e concomitantemente reprodutores de determinadas ideologias. E, fundamentalmente, assumindo o papel de disseminadores desta prática, atuam enquanto canalizadores destas mesmas ideologias. Mostra-se interessante ressaltar que diversas vezes, na verdade, essa produção endógena vivida pelos atores sociais locais é desconhecida por eles próprios. E que, de forma incisiva, não se traduz como uma má situação, apenas há uma afirmação de sua existência, cabendo fazer uma avaliação mais detalhada de cada caso. Do ponto de vista do discurso ‘exógeno’, isto é mais fácil de ser realizado, talvez até porque nos seja mais familiar na vida acadêmica e pela proximidade/familiaridade com o tema do exercício deste

trabalho, de um modo geral. Também se torna mais fácil, visto que por via de regra, uma vez estando no sul do país, não estamos diretamente envolvidos com a sociedade amazônica no seu dia-a-dia.

Temos observado, entretanto, que a Amazônia brasileira tem sido pouco estudada, havendo necessidade de se realizar, academicamente falando, um estudo mais aprofundado e elucidativo das questões dessa realidade com vistas a consolidar diferentes escalas quanto aos diversos problemas vividos pelas sociedades dessa região, geralmente compreendidas segundo o imaginário coletivo nacional e global. Tal, poderá contribuir efetivamente para laboração de livros didáticos mais condizentes para a construção de conhecimentos mais coerentes sobre a região. Comumente vista como área inóspita e demograficamente vazia, a Amazônia não pode continuar a ser vista ou encarada desta forma, sob pena de incorreremos no mesmo erro aculturalizante e colonialista ainda presente em livros didáticos de geografia e nos discursos da mídia, como nos demonstrou Magali Bueno (2002).

Se, por um lado, acreditamos na necessidade de maior estudo sobre a Amazônia, por outro incorremos no risco de banalizar estereótipos, se estes estudos não tiverem os cuidados necessários de respeito e leitura correta da realidade local. Sendo que “nesse sentido o debate acerca da Amazônia passa (*passaria*) a ser visto mais pela ótica do que os outros pensam *sobre* a Amazônia do que a partir do que os amazônidas pensam de si mesmos” (GONÇALVES 2001, p. 23)<sup>4</sup>.

No mesmo sentido de nos alertar sobre a falta de conhecimentos e aplicação de noções geográficas com relação à região amazônica, Aziz Nacib AB`SÁBER desabafa, estupefato e com precisão crítica:

“A metade norte do Brasil, que possui um espaço geográfico equivalente ao território de países muito extensos (a Amazônia

---

<sup>4</sup> Grifo em itálico no decorrer da citação, conforme o original. Grifo entre parêntesis do autor deste trabalho.

brasileira, mesmo tomada *stricto sensu*, é maior que a Argentina), foi por muito tempo o grande espaço físico e ecológico oferecido à imaginação inconseqüente dos tecnocratas, destituídos de qualquer noção de escala, senso de realidade empírica e responsabilidade pelas propostas fantasiosas colocadas em mapas. O que se cometeu de pseudoplanejamento, feito a distancia, na fase que fundamentou a abertura da rodovia transamazônica, não tem paralelo em qualquer parte do mundo, em termos de ausência de noção de escala, responsabilidade civil por propostas predatórias, e falta de conhecimentos efetivos da realidade física, ecológica e social da Amazônia brasileira” (AB`SÁBER, 2004, p. 17 e 18)<sup>5</sup>.

Quando AB`SÁBER se refere ao problema de escala, ele não apenas nos remete ao problema cartográfico, como também nos insere na discussão sobre a complexidade e grandiosidade amazônica. De uma forma geral, a necessidade de uma complementação da escala e do espaço a ser estudado mostra-se como o grande problema de estudo geográfico na atualidade, principalmente, quando nos referirmos a uma complexidade escalar dentro de uma região multiespacial e principalmente multifacetária.

Para compreender este problema de escala que o autor acima nos coloca, podemos recorrer à Iná Elias de CASTRO (2003) que nos relata a necessidade de estabelecer uma correta relação entre o espaço e a escala de análise do estudo a ser realizado para não incorrer no risco de termos uma compreensão falsa de realidade estudada.

Observando-se por um outro viés, encontramos um velho artifício sob um novo argumento:

“Desse modo, o amazônida, em nome da qualidade planetária, é segregado como intruso em seu próprio território e não tem nenhuma compensação por tal ato de abdicação. A região Amazônica passa a

---

<sup>5</sup> Grifos e parêntesis conforme o original.



ser o Paraíso e os seres humanos que o habitam estão privados do direito de ter as mesmas necessidades dos demais moradores da Terra” (HANAN & BATALHA, 1995, p. 14).

Neste trecho, observamos uma pequena crítica dos autores quanto ao completo descaso aos seres humanos que ficam ‘marginalizados’ do processo de inclusão social-global que, pelo menos teoricamente, está em curso em todo o globo. Contudo, sutilmente, os autores apresentam uma discutível idéia, já aqui criticada, de que teríamos um paraíso terrestre. Mesmo ao apresentar sutilmente essa visão ela pode produzir maus frutos, isso fica mais fortemente evidenciado quando os autores, embora falando de outro assunto, nos sugerem que “nas primeiras décadas do século XX, a região amazônica foi sendo lentamente ocupada pelo homem ao longo das margens dos rios” (HANAN & BATALHA, 1995, p. 63). Esta afirmação seguramente não se caracteriza como uma grande novidade nos estudos amazônicos, uma vez que é sabido claramente que de fato por se tratarem de escoadouros naturais, os rios acabaram por converter-se em caminhos a serem percorridos, rumando cada vez mais em direção ao interior do continente americano. Por outro lado, a população nativa teve sempre a sua existência negada, configurando-se como ocupação humana somente a realizada a partir da exploração comercial e conseqüente colonização, por parte de grupos humanos não nativos.

O que também nos preocupa é que este discurso do vazio demográfico ocupado apenas nas áreas periféricas junto aos rios, ao ser associado a idéia de que “até então, não se conhecia e não se praticava o conceito de desenvolvimento sustentável – ou seja, o processo de exploração da natureza que respeita os limites da capacidade de carga dos ecossistemas e contemple sua reconstituição natural” (HANAN & BATALHA, 1995, p. 65), serve fortemente ao governo quando este monta um projeto de lei que visa o parcelamento e concessão de uso ‘temporário’ da Amazônia.

Está cada vez mais claro que o Projeto de Lei 4.776/2005<sup>6</sup> não representa uma grande valia em termos de proteção da diversidade e/ou das condições minerais existentes na floresta ou em seu subsolo. Na verdade, representa uma ameaça, dentre outros fatores, à soberania nacional e à própria (co)existência da biodiversidade local.

Ao contrário do que afirmam alguns teóricos, como, por exemplo, Berta BECKER<sup>7</sup>, a qual declarou que a única salvação para a Amazônia seria o Projeto de Lei acima citado, acreditamos que sim, ainda podemos ter uma condição de preservação e adequação do uso consciente da Amazônia. Só que, para que isso aconteça de fato, deveremos cada vez mais, discutir essa questão juntamente com as comunidades que vivem na região, garantindo e protegendo, deste modo, os conhecimentos das populações nativas. De nada adianta que venham empresas multinacionais, como já ocorreu no passado, por exemplo, como a Ford, extorquir e expropriar os recursos naturais e os conhecimentos das populações tradicionais. Esta conservação ou uso racional, como tem sido chamado, na verdade mascara um preocupante risco aos interesses nacionais na região. Sejam estes interesses junto aos recursos que serão extraídos, sejam eles juntos aos conhecimentos que seguramente serão expropriados. De que adianta certo conhecimento sugado com a anuência do governo se este não vier junto com conhecimento que diga onde e como ele pode ser usado?!

Estes conhecimentos certamente não virão em alguns anos de ‘pesquisas’ na floresta, mas sim, das comunidades tradicionais, que posteriormente ainda pagarão (financeiramente ou não) pelo uso dos seus próprios conhecimentos e de suas sabedorias. A apropriação dos conhecimentos

---

<sup>6</sup> Projeto de Lei, então tramitando no Congresso Federal, posteriormente aprovado e transformado na Lei Ordinária 11284/06, publicada no Diário Oficial da União do dia 03 de Junho de 2006. Presente à p. 01 c. 03, tendo sido parcialmente vetado. Informações disponíveis em [http://www2.camara.gov.br/proposicoes/loadFrame.html?link=http://www.camara.gov.br/internet/sileg/prop\\_lista.asp?fMode=1&btnPesquisar=OK&Ano=2005&Numero=4776&sigla=PL](http://www2.camara.gov.br/proposicoes/loadFrame.html?link=http://www.camara.gov.br/internet/sileg/prop_lista.asp?fMode=1&btnPesquisar=OK&Ano=2005&Numero=4776&sigla=PL) Acesso: 08 de Fevereiro de 2007 às 17 horas.

<sup>7</sup> Por ocasião da aula/palestra inaugural do Curso de Mestrado e Doutorado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, ocorrida em Curitiba no dia 15 de Março de 2006.

tradicionais milenares comumente é ignorada quando alguns autores se referem à biopirataria. A este roubo de conhecimentos associado à biopirataria, Carlos Walter Porto GONÇALVES (2004) chama de *etno-biopirataria*<sup>8</sup>. Este é o mesmo tipo de apropriação que ocorreu quando navios ingleses levaram consigo sementes da árvore produtora do látex, mas não sem antes saberem do que se tratava.

Este trabalho se encaminha para uma constatação de que “a intensidade da atuação das políticas públicas, associadas aos interesses de setores do capital privado, nas últimas duas décadas, tornou-se perceptível” (VICENTINI, 2004, p. 166). Esta autora nos alerta sobre a constante anuência do poder público que incentivam investimentos de capital privado na Amazônia, como vemos na atualidade.

A autora ainda nos revela que:

“[...] Por outro lado, a imagem da Bacia Amazônica permanece para o período contemporâneo, ainda marcada pelas idéias racionalistas, onde a natureza significa, definitivamente, recursos naturais e suas possibilidades de exploração, mesmo que a fantasia da natureza perdida, e de sua regeneração, tente imaginar formas de controles e graus dessa exploração” (VICENTINI, 2004, p. 259).

Ela, nos mostra que, mesmo nos dias atuais, ainda temos que nos preocupar com os rumos que damos e dão à Amazônia. Ou seja, revela que a concepção utilitarista que relegamos à região pode ser ao mesmo tempo satisfatória e prejudicial. Temos que tomar cuidado com os atos que praticamos no presente, visando as conseqüências futuras.

Parece-nos que, ao lançar este Projeto de Lei e implementá-lo, o governo e seus defensores esqueceram-se que, dentre outros pontos, pode estar em jogo

---

<sup>8</sup> Construção teórica feita por Carlos Walter Porto Gonçalves durante o mini-curso “Geografia e Movimentos sociais: A América Latina e o Caribe em questão”, realizado durante o VI Congresso Brasileiro de Geógrafos na cidade de Goiânia, ano de 2004.

a soberania territorial e nacional, ao deixar que empresas e/ou pessoas estrangeiras controlem dimensões do território nacional. Manuel Correia de ANDRADE (2001, p. 61) já nos alerta que “mais de uma vez a Amazônia foi salva da sanha imperialista, mas a vigilância deve ser constante, pois interesses transnacionais estão sempre prontos a intervir e contam com poderosos grupos nacionais a eles ligados”.

E continua alertando a sua preocupação no tocante à necessidade de maior controle quanto às possibilidades de outras formas de controle e apropriação do ‘território’ nacional.

“Muitas vezes, no passado, o processo de anexação de territórios foi precedido de concessões econômicas e da implantação de exploração; hoje a ocupação militar torna-se desnecessária, uma vez que o controle econômico permite o controle do território, a isenção do pagamento de impostos e de taxas e até o exercício de atribuições ligadas à soberania nas áreas controladas por grandes empresas” (Op. cit., p. 61).

Com isso, chegamos à conclusão de que é necessário, sim, ter pulso firme ao abordar temas relacionados à Região Amazônica e a sua preservação. O conjunto dos fatores geralmente se mostra mais amplo do que somos capazes de vislumbrar em uma primeira olhada. Junto com a abordagem da preservação da Amazônia há a necessidade de investigar comunidades tradicionais, como os ribeirinhos, os extrativistas, os seringueiros, e os povos nativos. Como Lembra TOCANTINS: “A ocupação humana na planície amazônica, foi de certo modo, um processo ecológico em que atuaram fatores de Geografia, de Natureza, fatores políticos, sociais e econômicos, culturais, definindo-se um acento peculiar (regional, pode-se dizer)” (1982, p. 6)<sup>9</sup>. Portanto, cada vez mais se torna complicado imaginar a Amazônia enquanto cenário, sem considerar também as

---

<sup>9</sup> Parêntesis conforme o original.

implicações provenientes das ocupações humanas, refutando assim as velhas premissas de vazio demográfico e de vazio cultural.

Januário AMARAL (2004) conceitua essas premissas como mitos: “O mito da homogeneidade, o mito do vazio demográfico, mito da riqueza e extrema pobreza, mito do nativo como obstáculo ou como modelo para o desenvolvimento, mito do pulmão do mundo, mito de solução para os problemas da periferia, mito da Amazônia como área rural e mito da internacionalização da Amazônia” (Op. cit., p. 10, 11 e 12). O autor ainda nos mostra como estes mitos serviram, em consonância com a ação governamental, para o planejamento do (pseudo) desenvolvimento da região. Desde a época colonial até o novo e atual colonialismo imposto pelos ‘mais avançados’, a região sofre dessa visão preconceituosa e distorcida, olvidando-se assim a real contribuição cultural e social dos grupos humanos presentes na Amazônia.

Berta BECKER (2005, p. 39) também reitera que “a prioridade das políticas públicas para a região não deve ser mais a ocupação do território, mas a consolidação do povoamento visando ao desenvolvimento, almejado hoje por todos os grupos sociais”. Desta forma, ela nos demonstra que devemos pensar o desenvolvimento local e regional como um todo. Mas ainda se faz necessário que observemos que tipo de desenvolvimento queremos ou pretendemos. Certamente, a autora nos demonstra que mais que as intenções, há de se firmar um grande leque de políticas públicas adequadas, visando o interesse local e não o capital externo.

Sejam nos centros urbanos, sejam nos rincões dos vales mais ‘afastados’, o mito da homogeneidade amazônica certamente perdura. Tratam-se todos os atores sociais como iguais. O adensamento humano na Amazônia, com certeza, não se dá de forma igualitária e muito menos previsível. José Aldemir de OLIVEIRA (2000, p. 21) salienta muito bem que: “o espaço que se produz no interior da Amazônia, influenciado pela expansão do capital, ocorre num contexto de uma mais abrangente visão de produção em que homens enquanto seres

sociais produzem sua história, sua consciência e seu mundo para além da produção natural”<sup>10</sup>.

Arrematando a construção do seu pensamento, afirma ainda que “as relações de produção na Amazônia têm sido produzidas e reproduzidas numa espacialidade concretizada e criada para possibilitar a expansão do capitalismo que avança, fragmentando-a e homogeneizando-a, estabelecendo condições de controle para inseri-la na escala global” (Op. cit., p. 22). Explicando, desse modo,, a inserção da Amazônia cada vez mais dentro de um cenário global e globalizado. Entendemos que essa situação deve ser cada vez mais estudada e analisada.

O autor ainda ressalta que a construção de uma nova ponderação e uma nova situação global/local há de levar em conta as suas características locais e peculiaridades. “Todavia, há as especificidades decorrentes da história do lugar, da capacidade de resistência e da forma não equânime de como as inovações atingem o lugar e de como as pessoas se relacionam com o novo” (Op. cit., p. 22). Portanto fica claro que, neste processo, não importam apenas as vontades do capital e/ou as suas interferências. Cada vez mais, fica ainda mais claro que, em cada lugar, temos uma consideração diferenciada a abordar e a realizar sobre a globalização.

João de Jesus PAES LOUREIRO (1995, p. 25), também refere-se “à existência de uma economia voltada para o mercado externo europeu e muito pouco integrada regionalmente e nacionalmente, o fato é que a Amazônia se manteve isolada ou marginalizada em relação ao Brasil e à América Latina”. Portanto, não é de se estranhar que, gradativamente, nos últimos anos, tenhamos tido um processo acelerado de inclusão globalizante desigual<sup>11</sup> na região. Certamente, estas feridas ainda não estão cicatrizadas e suas conseqüências ainda não foram totalmente assimiladas e/ou sanadas. Desta forma, cabe cada vez mais o estudo destas condições e destas características peculiares.

---

<sup>10</sup> Observe-se que aqui o autor utiliza a expressão mundo, ao referir-se ao espaço vivido pelos atores sociais ou como ele os chama “os seres sociais”. Não deliberadamente, aqui, apropria-se da mesma dose de provocação que fizemos anteriormente neste mesmo capítulo.

<sup>11</sup> Cabe ressaltar que este processo não se mostra desigual apenas na região amazônica.

Se, por um lado, sabemos que a tendência globalizante é a homogeneização dos espaços, por outro lado, também sabemos que esta mesma inserção pode encontrar certas resistências locais que lhe configuram características próprias e singulares. Certamente, o cenário amazônico não seria diferente dos demais lugares do mundo.



## 2 – O ESTUDO

### 2.1 – ‘DO SUJEITO DO ESTUDO’ – A FESTA

Inicialmente propomo-nos a estudar as relações sociais presentes na organização social do Boi-Bumbá de Parintins, as interferências da globalização nas nuances da Festa. Dentro desta idéia, tentaremos observar as características, as alterações, as dinâmica territoriais, manifestas através de seus grupos sociais, ocorridas na cidade de Parintins como efeito deste evento.

Para a caracterização e viabilização do estudo proposto, é necessário realizar uma diferenciação, que se mostra primordial. A caracterização que pretendemos fazer se refere à diferenciação entre a *Festa do Boi-Bumbá de Parintins* e o *Festival Folclórico de Parintins*. Segundo a proposta inicial de estudo, esta diferenciação serve para demonstrar a especificidade do objeto de estudo, uma vez que caracteriza a sua dimensão e a sua área de abrangência.

Segundo esta proposição, compõem o Festival Folclórico de Parintins as comemorações e as festividades que acontecem no bumbódromo nos dias determinados, na cidade de Parintins-AM. Estas comemorações e encenações tradicionalmente aconteciam nos dias 28, 29 e 30 do mês de junho, mas a partir do ano 2005 ocorreu uma alteração importante, nem tanto no tocante a data em si, pois pouco se alterou e continua, por via de regra, mantendo-se no final do mês, mas quanto a sua significação dentro de um universo simbólico mais amplo, passou a ser, a partir daquele ano, no último final de semana do mês de junho.

Esta alteração, naquele ano, significou uma mudança para os dias 24, 25 e 26 de junho, e no ano de 2006, ocorreu nos dias 30 de junho, 1º e 2 de julho. Como foi afirmado, não se mostra tão pertinente quando nos defrontamos à quantidade de dias corridos ou mesmo a uma alteração muito profunda na sua organização, mas sim, toma um significado maior pela sua dinâmica e simbolismo envolvido e por significar uma alteração que há tempos já era proposta por parte

dos organizadores de setores mais ‘vanguardistas’. Da mesma forma, setores mais ‘tradicionais’ da organização buscavam postergar essa medida, por achar que aí estava manifestada uma influência demasiadamente grande dos patrocinadores, da dita demanda turística e da globalização como um todo, embora o termo *globalização* nem sempre seja tão utilizado. Pois, segundo os mesmos, tais mudanças serviriam mais aos interesses escusos de grupos alheios à tradição do Festival.

O presente trabalho analisa a questão social embutida no ‘Universo Bumbá’, para tal, partiremos para a compreensão das territorialidades presentes na cidade à medida que elas são diretamente influenciadas pelas identidades correlatas aos dois Bumbás de Parintins. Assim sendo, a Festa do Boi-Bumbá de Parintins com o sujeito do estudo. Para o estudo das questões sociais, acreditamos que esta festa seja a escolha mais apropriada, enquanto sujeito relacionando-se com o objeto de estudo. Em concordância com Paul CLAVAL (2002) quando ele diz que se torna impossível dissociar as questões culturais e sociais, dentro de uma análise geográfica, e do modo que o trabalho se propõe a visualizar o chamado ‘Universo Bumbá’, acreditamos que seja mais apropriado nos aprofundar na questão social deste universo. Em momento algum pretendemos desprestigiar toda a questão cultural, que indubitavelmente, permanece atrelada a esta Festa. Apenas acreditamos que esta, para o intuito desta pesquisa, não se coloque como cerne principal e fundamental.

Embora a Festa tenha sofrido interferências da globalização nos seus mais variados aspectos, sejam eles culturais, sociais ou econômicos, observamos que a nova estruturação da Festa devidos às modificações ocorridas durante os últimos anos, está servindo de contraponto à lógica globalizante.

Isso confirma o pensamento de Boaventura de Souza SANTOS (1994), quando declara que algumas experiências locais com características específicas e particulares têm se colocado como contraponto à lógica globalizante. E, já que inegavelmente vem ocorrendo estas modificações por conta deste processo em curso em nível global atualmente, CLAVAL (2004, p. 35) nos diz que temos que

descobrir “uma nova estratégia para fiscalizar e mudar o processo – necessário – de globalização: a ação horizontal que une os lugares e evita o triunfo total da lógica vertical da globalização”.

Ainda dentro de uma perspectiva de análise identitária, para Wagner Costa RIBEIRO (2004, p. 166)<sup>12</sup>, ao tratar da globalização, diz-nos que “ela foi definida como um sistema cultural que homogeneíza, que afirma o mesmo a partir da introdução de identidades culturais diversas que se sobrepõem aos indivíduos”. Raimundo Dejard VIEIRA FILHO (2002, p. 30) confirma a tendência de contraponto dos Bumbás ao processo globalizante quando diz que “[...] todo o processo criativo dos Bois Caprichoso e Garantido contribui para a construção de uma identidade regional amazônica”. O mesmo autor ainda nos faz outras colocações igualmente perspicazes, como, por exemplo:

“Nas diversas linguagens transmitidas nas festas dos bois de Parintins, percebe-se uma valorização dos elementos regionais. A meu ver, há uma reinterpretação do modo de viver do caboclo e do índio, imersos na natureza amazônica, diante da multiculturalidade da realidade brasileira, com um propósito de reafirmar uma diferença em relação ao nacional, de afirmar sua própria particularidade” VIEIRA FILHO (2002, p. 31).

Ainda, Ana Rúbia Figueiredo FERNANDES (2000, p. 111), ao falar de DéMonteverde<sup>13</sup> e citá-lo, é contundente em afirmar que o Boi tem sofrido mudanças ao longo destes últimos tempos. “Se para alguns, as mudanças foram prejudiciais, porém necessárias, para outros, elas não contribuíram em nada, apenas deturpam a brincadeira que a cada ano vem perdendo a sua essência”

---

<sup>12</sup> Segundo Wagner Costa Ribeiro, artigo publicado originalmente em “El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos”. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. vol 6, n. 124. Universidade de Barcelona , 30 set. 2002 (ISSN 1138-9788). Acesso: [www.eb.es/gecrit/sn/sn-124.htm](http://www.eb.es/gecrit/sn/sn-124.htm).

<sup>13</sup> DéMonteverde, Filho de Lindolfo Monteverde, o fundador do Garantido. Hoje, Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido. Também conhecido popularmente como Boi Garantido, ou Boi-Bumbá Garantido.

(2000, p. 111). E nas palavras do próprio DéMonteverde: “O auto do boi não existe mais, as figuras que representavam a dramatização da morte do boi, [...], não possuem mais o mesmo destaque que tinham antigamente, foram sumindo, o Boi tornou-se apoteótico e não folclórico. É como se contassem uma historia diferente” (DÉMONTEVERDE apud FERNANDES, 2000, p. 111).

Contudo devemos ainda apresentar a idéia que nos é incitada por FOER (2005, p. 90), “na verdade, esta é uma importante característica do debate sobre a globalização: a tendência a glorificar todas as coisas nativas, ainda que mereçam ser deixadas no passado”. Esta mesma linha de pensamento, idéia e questionamento quanto à validade ou legitimação incontestável e perpetuação das tradições também nos é apresentada em BUENO (2002) em sua dissertação ao discorrer sobre as diversas faces do imaginário brasileiro, especificamente, no que diz respeito ao imaginário ligado à região amazônica.

## **2.2 – ‘DO INVÓLUCRO DO ESTUDO’ – A GLOBALIZAÇÃO**

Neste trabalho, a partir da situação acima relatada, pretendemos entender o processo atual de globalização tal qual Pierre GEORGE (1980) nos coloca: a globalização teria tido o seu início nos períodos das grandes navegações com vistas ao expansionismo europeu. Posicionamento próximo ao colocado por Manuel Correa de ANDRADE (2001), que indica um posicionamento pouco divergente deste acima apresentado. Desta forma, não adotaremos a compreensão defendida por Milton SANTOS (2000a, p. 27) quando ele diz que “como sonho, a globalização é antiga, mas, como realidade, ela só começa a mostrar seus primeiros lineamentos depois da Segunda Guerra Mundial”.

Concordamos, porém, com a sua advertência “de que a atual globalização exclui a democracia. A globalização é, ela própria, um sistema globalitário” SANTOS (2000a, p. 10 e 11). O autor nos lança a idéia da junção dos termos *Globalização* e *Totalitarismo*. Que por si só já é auto-explicativo. Mais adiante, o autor nos convida a nos “opor à crença de que se é pequeno, diante da

enormidade do processo globalitário, a certeza de que podemos produzir as idéias que permitam mudar o mundo” SANTOS (2000a, p. 10). Esta mesma idéia é recorrente em outro trabalho do mesmo autor (2000b) que, em consonância com Boaventura de Souza SANTOS, nos diz que devemos criar novas soluções alternativas às novas problemáticas que nos são postas pelo processo de globalização.

Partimos ainda de uma concepção apontada por Carlos Walter Porto GONÇALVES (2003), ao indicar que devemos estudar a região amazônica como uma parte integrante do sistema atual e não como uma nova região de expansão capitalista. Dentro desta visão, torna-se possível vislumbrar as concepções e problematizações surgidas do advento da globalização.

Já que “vivemos a era da globalização, ou melhor, o período em que o capitalismo conseguiu se expandir com uma intensidade grande sobre toda a superfície da Terra, encontrando-se, hoje, sob a égide de uma única potência – os Estados Unidos da América” (ANDRADE, 2001, p. 67)<sup>14</sup>, não poderia estar a região amazônica fora deste contexto. Ana Fani Alessandri CARLOS (2002, p. 173) é contundente ao afirmar que “a universalização do capitalismo produziu um crescente e denso fluxo econômico provocando uma nova ordenação e hierarquização do espaço mundial”.

Fixos e fluxos<sup>15</sup> estes que serão primordiais quando confrontados com as relações que por eles perpassam. Para HAESBAERT (2003) os fluxos podem gerar dois tipos de relação com o território. Quando relacionados a uma lógica horizontal, estes fluxos promoveriam uma territorialização no dado local. Porém quando relacionados a uma lógica vertical, estes mesmos fluxos serviriam à desterritorialização. A mesma idéia nos mostra Jorge GASPAR (2004, p. 180), porém com outras palavras, “a globalização fragmenta multidimensionalmente o domínio territorial – no mesmo território configuram-se diversos espaços de poderes, que podem coexistir em tensão mais ou menos conflituosa”. Assim,

---

<sup>14</sup> Grifo introduzido pelo autor deste trabalho.

<sup>15</sup> Neste caso, compreendidos conforme a proposição de Milton Santos, amplamente aceita Geografia Brasileira contemporânea.

quando estudarmos as relações horizontais e verticais relacionadas à Festa do Boi-Bumbá, podemos fazer o seu relacionamento com os fluxos, para termos uma caracterização de suas dimensões territoriais, suas territorialidades e possíveis desterritorialidades. Cabe ressaltar que para os mais diversos autores que se dedicam a estudar o território, este sempre vem relacionado às configurações de poder existentes na sociedade, como veremos mais adiante. GONÇALVES (2004, p. 212) é claro e afirmativo quando quanto a isso, ao se referir a território e territorialidades: “não há território sem sujeitos que os instituem. Portanto, todo território se faz por meio dos sujeitos sociais que o fazem. É preciso identificar as territorialidades que subjazem aos territórios”.

Percebe-se, então, que o estudo das territorialidades envolvidas à Festa é de extrema necessidade para a concretização do trabalho proposto. As relações como a sociedade parintinense estabelece com a Festa e o Festival podem ser observadas através do estudo das territorialidades. Da mesma forma, mostra-se eficaz o estudo das territorialidades expressas pelos Bumbás em Parintins. Os territórios mais do que uma simples questão de estudo, aqui, serão de suma importância para a concretização da análise proposta.

Dentro de uma outra perspectiva, Boaventura de Souza SANTOS & João Arriscado NUNES (2003, p. 25) nos indagam “como reinventar as cidadanias que consigam, ao mesmo tempo, ser cosmopolitas e ser locais?”. Desta forma, SANTOS & NUNES buscam uma contribuição à indagação apresentando uma seqüência de textos, que nos dizem que, de fato, é necessário democratizar a democracia Ou seja, ter uma nova caracterização democrática, para que a democracia seja de fato democrática e não apenas fantasiosamente democrática. Mais à frente, SANTOS & NUNES nos indicam uma possibilidade desta democratização quando falam que:

“de fato, a expressão [multiculturalismo] pode continuar a ser associada a conteúdos e projetos emancipatórios e contra-hegemônicos ou a modos de regulação das diferenças no quadro do exercício da

hegemonia nos Estados-nação ou em escala global. É importante por isso especificar as condições em que o multiculturalismo como projeto pode assumir um conteúdo e uma direção emancipatórios” (Op. Cit., p. 33).

Temos ainda as colocações de BRAGA (2002, p. 122) sobre a utilização de mídia por parte dos Bumbás: “os bois-bumbás têm utilizado a promoção do espetáculo pela mídia para enfatizar uma imagem regionalizada do Festival, [...]”, o que nos abre estudo complementar propício à análise que nos propomos inicialmente, devido o poder da influencia da mídia diante da sociedade MÉSZÁROS (2002).

### **2.3 – ‘DO OBJETO DE ESTUDO’ – A SOCIEDADE**

Fátima GUEDES (2000, p. 57) enfatiza a utilização da Festa do boi enquanto “[...] peça fundamental do aparelho ideológico”, ao comentar sobre a sua utilização como material indutor, dentro do processo globalitário, de uma melhor perspectiva aos seus participantes. Inclusive, apontando tal processo como uma solução aos problemas enfrentados. A autora aponta esta utilização como proveniente do Estado, utilizando o Festival como vitrine de suas ações políticas e do cumprimento de suas obrigações. Isto fica evidente quando a autora fala “hoje, a descrença na política e nas suas mudanças, toma conta dos ilhéus que, remota e acanhadamente, profetizam a salvação do Município através do boi” (GUEDES, 2000, p. 57)<sup>16</sup>.

Podemos apresentar outras ponderações quanto aos significados atuais do Boi, como, por exemplo, a que nos é apresentada por Luiza Elayne Correa AZEVEDO (2002, p. 71) “o bumbá já mudou sua trajetória no sentido de deixar de pertencer ao povo de Parintins?”. Nesta pergunta, a autora nos indaga sobre a

---

<sup>16</sup> A autora fala em “ilhéus”, pois Parintins tem a sua sede municipal situada em uma ilha à margem do Rio Amazonas.

abrangência e até mesmo sobre a ‘propriedade’ atual dos Bumbás. Caber-nos-ia continuar a indagação proposta pela autora. Como está esta relação, que a própria autora nos induz a pensar, dos bumbás com os patrocinadores do festival? Quem realmente ‘dá as cartas’ no festival? Seria este mais uma propriedade do processo de globalização? Quanto aos dois primeiros questionamentos, não temos resposta de imediato, contudo pode-se pensar tratar-se de um reflexo das mudanças causadas pelo processo globalitário. E quando Sérgio Ivan Gil BRAGA (2002, p. 126) nos indaga: “Por que os bois de Parintins são tão importantes para compreender a Amazônia, sua natureza e sua gente?”, reformulamos e acrescentamos à pergunta; ‘Por que os Bois são tão importantes para compreender a Amazônia, sua natureza, sua gente *e a sua sociedade?*’.

Dentro de uma perspectiva mais ampla, podemos falar que são estas as verticalidades que são impostas pelo processo da globalização ao festival. Nesta mesma perspectiva, mais nos interessam as horizontalidades que, com certeza, são produzidas neste contato local/global. Aqui buscamos as concepções abordadas por SANTOS (2004 e 1994) para nos auxiliar nas análises das territorialidades e/ou desterritorialidades, conforme já exposto anteriormente.

Segundo Magali Franco BUENO (2002, p. 14) “as conjunturas locais relativizariam os efeitos estruturais das forças homogenizadoras”. De forma complementar, Franklin FOER (2005, p. 89) explica que “(...) o capitalismo das multinacionais priva as instituições locais de seu caráter local, homogeneíza, destrói tradições (...)”.

Contudo quando falamos em identidade, certamente temos de nos referir em relação a que esta identidade se coloca. Inicialmente, temos a colocação de que esta identidade seria reforçada por uma caracterização regional forte, ao nos referirmos à Amazônia. Porém, BUENO (2002, p. 18) nos coloca que “o que acontece, no caso da Amazônia, é que somente alguns grupos particularmente a elite intelectual, tem esse sentimento de pertencimento e de afeição em relação à região”. A mesma autora ainda complementa mais adiante “da mesma forma, se



existe uma identidade amazônica já construída entre alguns grupos sociais – particularmente os intelectuais – em outros, (...), ela não existe” (Op. Cit., p. 34).

À parte, a discussão a respeito da conceituação teórica de (das) regiões, GONÇALVES (2001) nos indaga se é realmente possível falar em uma Amazônia apenas. Ou se teríamos várias Amazônias, que generalizantemente são evocadas como apenas uma Amazônia. GONÇALVES (Op. cit.) cita, por exemplo, que para a academia, o que corresponde à Amazônia seria o correspondente à área de abrangência da *Hevea*, dentre as quais mais se destaca a espécie *Brasiliensis*<sup>17</sup>. BUENO nos aponta, em uma exemplificação simples, cinco maneiras diferentes adotadas para a delimitação do que seria a Amazônia: “Bacia Amazônica, Floresta Amazônica Brasileira, Amazônia Clássica, Amazônia Legal e Pan-Amazônia ou Amazônia Internacional” (2002, p. 78).

GONÇALVES (2001, p. 68), ao falar sobre as sociedades amazônicas, afirma que as “suas elites têm olhos mais voltados para fora, para o pólo moderno do qual dependem, voltando as costas para a realidade social dos ‘de baixo’, tidos como atrasados”. E continua, declarando que: “constituem-se, desse modo, em importantes elos da conformação sócio-geográfica do mundo moderno e contemporâneo”. Contudo, para BUENO (Op. cit.), a elite seria a elite intelectual, enquanto para GONÇALVES (Op. cit.), trata-se de uma elite social adotando um caráter mais próximo à definição proposta pelos estudiosos que concebem a sociedade enquanto palco das lutas de classes. Assim, esta elite seria a ‘classe dominante’.

Rogério HAESBAERT (1992, p. 106), arremata, afirmando que “a sociedade é muito mais complexa e as relações de poder muito mais difundidas do que esses dualismos fazem crer”. Com isso, chegamos à conclusão de que definitivamente não podemos considerar apenas um ou dois fatores, ao estudar as sociedades. Desta forma, reforça-se este ponto trazendo SANTOS (1992, p. 13) que, ao se referir a estas relações, diz que a sociedade pode ser caracterizada como “um mercado hierarquizado e articulado pelas firmas hegemônicas,

---

<sup>17</sup> No caso, trata-se da seringueira, ou seja, a árvore produtora do látex.

nacionais e estrangeiras que comandam o território com o apoio do estado. Não é demais lembrar que, ainda aqui, mercado e território são sinônimos. Um não se entende sem o outro”.

Em contrapartida, SANTOS (2002a, p. 92) afirma a sua visão quanto ao destino de forças não hegemônicas: “(...) os processos não hegemônicos tendem ou a desaparecer fisicamente, ou a permanecer, mas de forma subordinada, exceto em algumas áreas da vida social e em certas frações do território onde podem manter-se relativamente autônomos, isto é, capazes de uma reprodução própria”, assim, na visão deste autor, apenas devem permanecer forças não hegemônicas que estejam em um determinado território que satisfaça determinadas condições específicas. Porém esta condição não vem a dizer respeito apenas quanto ao território, faz-se necessário que haja uma conjunção de fatores para que ocorra esta relação acima descrita. Não podemos esquecer que “o espaço não qualifica os processos sociais sendo, ao contrário, por eles definido” (MORAES, 1991, p. 148), ou seja, as ações sociais ocorridas no espaço (geográfico) é que de certa forma ajudam a caracterizá-lo melhor. As relações das sociedades e dos grupos sociais moldam o espaço.

A compreensão da conformação dos novos territórios, partindo-se dos antigos já existentes, será de grande valia para a construção deste trabalho. Ou seja, a evolução territorial da sociedade parintinense será melhor percebida para chegar-se a uma leitura das influências recentes dessa nova fase do processo de globalização que vivemos.

Como pode ser percebido, principalmente dentro da construção deste trabalho, abordar-se-á, a partir de uma visão materialista. Deste modo, assumiremos um posicionamento crítico com relação do processo de globalização. Contudo este posicionamento não deve ser confundido como única abordagem. Entendemos que existem também outros autores e outras abordagens teóricas possíveis para trabalhar temática proposta. Contudo, acreditamos que para a abordagem social que nos propomos, a abordagem materialista se torna mais pertinente.

## **2.4 – ‘DO INSTRUMENTO VIABILIZADOR DO ESTUDO’ – O(S) TERRITÓRIO(S) E O(S) TERRITÓRIO(S) NA GEOGRAFIA**

Uma das grandes questões em voga na Geografia brasileira atual, sem dúvida alguma, é o território. Cada vez, mais ele aparece nas produções geográficas contemporâneas. O que temos observado é que cada vez mais a terminologia *território* é usada indistintamente, ou seja, sem a devida conceituação teórica necessária para a abordagem do tema. Há algum tempo, seria “possível afirmar que as ciências sociais promoveram uma verdadeira redescoberta do território, mas na maioria das vezes, de forma contraditória, apenas para enfatizar o seu desaparecimento” (HAESBAERT, 2006, p. 43). Há também uma banalização de sua utilização, levando por várias vezes a uma utilização inadequada. Embora essa concepção inadequada possa ser variável segundo uma ou outra caracterização teórica, o que se observa atualmente é uma clara utilização apenas da terminologia ‘território’ como uma palavra constante na língua portuguesa, mesmo dentro da academia. Sendo assim, é muitas vezes empregado seguidamente em um texto ou trabalho, apenas de forma a substituir ou como sinônimo de outra palavra ou termo.

Há que se ressaltar que esta preocupação dentro da comunidade geográfica, não pode ser encarada propriamente como uma novidade, esta idéia já nos é passada por Marcelo José Lopes de SOUZA (2003) quando nos fala desta ‘diversificação’ do uso da palavra *território* e nos apresenta esta preocupação com a simples substituição de outros termos e/ou expressões pela palavra *território* sem qualquer justificativa teórica.

Outrora, Ruy MOREIRA (2006) já nos alertava sobre esta confusão conceitual dentro da visão acerca do território na geografia, ou pelos geógrafos.

“Há no presente uma grande confusão conceitual entre espaço e território, confusão manifesta no ato de eleger o território, em vez do

espaço, como referência teórica da organização geográfica da sociedade, quase como se houvéssimos nos esquecidos de que a geografia desde e por causa de Kant, é uma ciência da análise do homem, da natureza e da sociedade – e, assim, da história –, a partir dos recortamentos do seu espaço” (Op. cit., 2006, p. 79).

Então, para o autor, cada vez mais devemos nos preocupar com esta confusão que vem tendo vez entre os estudiosos. Sem nos olvidarmos que o espaço é o objeto de análise da geografia, podemos estabelecer recortes dentro deste objeto de análise. Desta forma, interessando-nos as relações dos sujeitos dentro do nosso recorte estabelecido. Para tal, observa-se que “qualificado como domínio do seu sujeito, cada recorte deste espaço é um território” (MOREIRA, 2006, p. 79).

Outros autores já nos demonstraram claramente essa, justa, preocupação quanto à confusão conceitual que se apresenta ao vislumbrarmos a idéia deste tema. Misturas conceituais são feitas e por muitas vezes não corretamente relacionadas ou distinguidas. Se, por um lado, é fácil falarmos de território ou dos territórios, por outro, lado também mostra-se muito fácil não observar os limites conceituais de outras abordagens, causando assim (grandes) equívocos. E para Rogério HAESBAERT (2006, p. 44) “grande parte destes equívocos se deve à confusão conceitual em relação a espaço e território”.

Inicialmente a idéia de *território* surge na Geografia aproximando-se e carregando “marcas profundas de uma ligação com a terra, no sentido físico do termo” (HAESBAERT, 2006, p.47) ou mesmo como sinônimo. Essa idéia inicial gradativamente decaiu como forma majoritária de pensamento, contudo ainda sendo muito utilizada.

“Hoje, em muitos lugares do mundo, estamos bem distantes de uma concepção de território como ‘fonte de recursos’ ou como simples ‘apropriação da natureza’ em sentido estrito. Isto não significa, contudo,

que estas características estejam completamente superadas” (Op. Cit., p. 47)<sup>18</sup>.

Embora não seja a forma mais usual e corriqueira de conceituação atualmente, essa particularidade ainda pode ser observada. Há ainda autores que utilizam, como foi empregada no trecho a seguir: “a perspectiva da apropriação de novos territórios incluía uma maior penetração e domínio da floresta” (VICENTINI, 2004, p.147).

Possivelmente essa relação, acima destacada, advenha de uma concepção mais naturalista e voltada às origens biológicas desta terminologia. Mas se essa idéia de co-relação entre território e terra como sinônimos já há algum tempo pode ser vista em desuso dentro da geografia, ainda persiste a concepção clássica da abordagem, dentro da qual território se confundiria com os limites do Estado. Esta abordagem é inicialmente introduzida por Ratzel e uma vez que é fortemente difundida possivelmente a vertente mais trabalhada e analisada, certamente traduz a abordagem mais clássica acerca dos territórios. Inclusive para alguns, ainda um tanto quanto céticos e/ou tradicionalistas seria esta a única maneira de observar e estudar o território.

Seguramente, não há como se falar ou abordar sobre as dimensões de um Estado sem que haja uma relação direta entre o seu território. De maneira concreta, da mesma forma como foi defendido anteriormente, não há como existir, qualquer que seja o Estado sem um território que não tenha o seu substrato material. Inclusive, sobre este assunto RATZEL (1990, p. 73) parecia não ter dúvidas, ao defender “que o território seja necessário à existência do Estado é coisa óbvia” não deixa a menor sombra de dúvida, sobre a relevância ou não de um território estatal.

Mister também se mostra a relação inferida acerca das sociedades e seus pares em conjunto com as suas dimensões territoriais.

---

<sup>18</sup> Grifos conforme o original.

“É fácil convencer-se de que do mesmo modo como não se pode considerar mesmo o Estado mais simples sem o seu território, assim também a sociedade mais simples só pode ser concebida junto com o território que lhe pertence. (...) É certo porém que a consideração sobre o solo se impõe mais na história do Estado que na da sociedade; isso deriva da maior amplitude das porções de território sobre o qual a propriedade daquele se exerce” (RATZEL, 1990, p. 73).

Ao entrarmos neste campo, fica claro que, para Ratzel (Op cit), a questão da ‘propriedade’ se mostra mais pronunciada que para outros pensadores. Como visto acima, inclusive sendo esta a maneira de definir quem exerce influência sobre determinado território. A relação estabelecida se dá através da posse conquistada, exercida e mantida soberanamente. Durante muito tempo, este posicionamento mais aguerrido fez com que estas e outras idéias defendidas por Ratzel fossem confundidas e desvirtuadas.

Se a um território, tal qual defendido e conceituamos neste estudo, qualquer grupo pode reivindicar a sua dominação ou apropriação. Podendo, desta forma, causar uma disputa pelo território. Ao território enquanto entendimento de Estado “tal como resulta da teoria política moderna, se opõem aqueles que refletem outras estruturas de poder” (CLAVAL, 1999, p. 08). As quebras dessas estruturas de poder, nesse caso, significariam então a quebra do poderio do Estado perante o seu território. Pode-se, então, entender os motivos que fazem com que o controle territorial seja tão importante quando são abordados temas como a soberania. Tendo sido quebrado esse domínio perante as relações internas, a própria sobrevivência do/no território ficaria comprometida.

Por outro lado, “a tarefa do estado continua sendo em última análise apenas uma: a da *proteção*. O Estado protege o território contra as violações vindas de fora, que poderiam reduzi-lo” (RATZEL, 1990, p. 76). Portanto, ao Estado cabe o controle e a vigilância dos seus domínios por mais que nele estejam diversos grupos sociais. Mesmo compreendendo que “quando uma

sociedade se organiza para defender o território, transforma-se em Estado” (Op. Cit., p. 76), a defesa dos seus limites cabe ao Estado formalmente constituído.

Atualmente, em meio a tantas questões políticas, geopolíticas, guerras e quase guerras, fica fácil de entender as razões que fazem a defesa dos seus domínios aparecerem como ponto principal da soberania de qualquer Estado, uma vez que “a perda de território seria a maior prova de decadência de uma sociedade” (MORAES, 1984, p. 56). Em resumo, a perda de seus territórios e domínios tem como início a diminuição gradativa de sua soberania nos mais diversos aspectos.

Enquanto no território, tal qual inicialmente caracterizado, essa situação não estaria estritamente comprometida, para o Estado, a quebra territorial acaba por significar um grande problema. Quando se fala que a sua existência não estaria comprometida, nos referimos a sua existência material enquanto concepção. É claro que alterações ocorrerão e que mudanças significativas estariam por vir. Apenas mudar o poder exercido sobre um determinado território não se mostra capaz de incorrer na sua dissolução, seja mudar no sentido de cambiar as relações ou mudar no sentido de alteração das forças detentoras de determinado poder.

Certamente não se pode olvidar as contribuições feitas por Claude RAFFESTIN, para quem “espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é anterior ao espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível.” (1993, p. 143)<sup>19</sup>. Portanto antes de estudá-lo, deve-se compreender melhor e completamente a composição (multi)espacial do recorte adotado.

Fortemente baseado em bases Foucaultianas<sup>20</sup>, Raffestin, cada vez mais, traz às análises dos territórios dentro da ciência Geográfica a compreensão das relações de poder. Ao trabalhar com a visão de relativização e acumulação das

---

<sup>19</sup> Parêntesis conforme o original.

<sup>20</sup> Referencia à ‘escola’ de pensamento que segue as tendências do acadêmico francês, Michel Foucault, que se apóia fortemente na conceituação e caracterização das relações de poder existentes na(s) sociedade(s) em diversos níveis.

relações de poder nos territórios, estas passam a servir como alicerce fundamental para a construção de novos territórios. Dentro desta visão, passa a surgir a possibilidade da conformação de novos territórios que, não apenas os oficialmente delimitados pelo Estado dentro de seus limites, passam a ter diversas escalas de compreensão diferentes. Portanto o território, nesta perspectiva, passa a ser “um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela revelações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 143 e 144).

Se, por um lado, cada vez mais, o território vem sendo abordado sob um viés geográfico, não há como negar a sua relação dentro de outras áreas da ciência acadêmica. Relações estas que sob um olhar geográfico, muitas vezes não produz o efeito ou o resultado desejado, assim como a geografia seguramente também afasta-se (afastou-se) gradativamente do matiz teórico destas outras ciências. HAESBAERT ressalta que “o conceito de território é amplamente utilizado não só na Geografia, mas também em outras áreas como a Ciência Política (especificamente no que se refere ao Estado) e a Antropologia (principalmente em relação às sociedades tradicionais, com vínculos espaciais mais profundos)” (2006, p. 45). Trazemos aqui esta citação para poder exemplificar casos de ciências que apresentam olhares próximos ao que comumente é praticado na Geografia.

Agora, se há como falar em uma aproximação teórica ao nos referirmos às Ciências Sociais como um todo, certamente essa afirmação fica praticamente impossibilitada quando nos referirmos às Ciências Biológicas, nas quais o território também se mostra como fundamental em algumas pesquisas e análises. HAESBAERT acrescenta ainda que:

“Encontramos aqui um outro debate muito relevante: aquele que envolve as dimensões priorizadas na definição de território. Nesse sentido, há duas tradições principais na construção do conceito: uma, já ultrapassada, que concedia privilégio à dimensão natural, biológica, do



território (e que nasce com a ‘territorialidade’ dos animais, na etnologia);<sup>21</sup> outra, ainda muito presente, que prioriza as relações de poder, a condição política do território, principalmente aquela ligada ao Estado nação moderno” (2006, p. 51)<sup>22</sup>.

Se, para a Geografia contemporânea, a visão naturalista do território já se mostra, provavelmente, ultrapassada, o mesmo não pode ser dito quando observado através das ciências biológicas, da mesma forma que os estudos territoriais geográficos, provavelmente, pouco devem interessar aos estudiosos desta área. Se atualmente pouco interessa à Geografia estudar sobre esta visão naturalista, ainda cabe lembrar que nem sempre este desinteresse foi completo, por muitas vezes visões similares a esta foram trabalhadas dentro da geografia. Do muito que se fala e se aborda sobre território hoje em dia, pouco se pode afirmar com certeza absoluta, sem incorrer o risco de cometer atos falhos, apenas umas poucas certezas nos rondam sobre a visão territorial e aqui tentaremos demonstrar e/ou elucidar algumas questões acerca desta particularidade da ciência geográfica.

Muitas vezes o que se observa é que, devido às diferentes experiências de vida e diferentes concepções cada autor chega a uma concepção própria e diferenciada do que é o território. Embora o embasamento teórico utilizado, na maioria das vezes, seja o mesmo ou algo muito próximo, diferentes e às vezes divergentes visões surgem. HAESBAERT (2006, p. 45) claramente nos explica esta diferenciação conceitual nas visões acerca do território, pois “fica evidente que a resposta a esses referenciais irá depender, sobretudo, da posição filosófica a que estiver filiado o pesquisador”.

Uma idéia muito interessante é apresentada por Sandra AYRES (2005, p. 13) quando conceitua o território como “aquele materializado no espaço como um

---

<sup>21</sup> Essa tradição “naturalista” do território não está totalmente ultrapassada no âmbito das ciências biológicas, onde se fala, por exemplo, numa espécie de território como “espaço vital” para a sobrevivência de certos animais. Ps: Esta nota de rodapé, originalmente feita pelo autor, Rogério Haesbaert, é reproduzida aqui pela relevância dentro da citação utilizada.

<sup>22</sup> Parêntesis conforme o original.

campo de forças, definido e delimitado por relações de poder”. Estas relações sociais estabelecem a existência concreta do território, sendo portanto fundamentais na construção desta abordagem. Nessa mesma linha, Jorge GASPAR (2004, p. 180) indica que “relações que decorrem da coesão social (e cultural) e que, no fundo estão no cerne do próprio conceito de território”. E, se de fato “o conceito de território implica uma apropriação, um ordenamento, uma identificação por parte de um grupo social” (GASPAR, 2004, p. 182), então, não há como nos referirmos ao território enquanto alocado sob uma base apenas imaterial e filosófica, pois essas relações estariam sempre prejudicadas.

Cabe aqui ressaltar que mesmo as territorialidades subjetivas, tais quais as descritas por MOURA, ULTRAMARI & CARDOSO, encaixam-se dentro desta concepção que defendemos, pois, para elas, apenas os limites seriam subjetivos e não formais quanto na constituição dos territórios ‘oficiais’ ou formais como defendem estes autores. E uma vez tendo “a explosão das identidades na criação de suas territorialidades faz com que elas passem a ser parte da vida social” (1994, p. 115), justificando, desta forma, a inserção positiva da questão identitária dentro das análises territoriais. Embora não se mostre um fator consensual dentro da geografia brasileira, essa co-relação identidade/território apresenta-se cada vez mais interessante. Ao se apropriar mesmo que simbolicamente de um dado espaço, é necessário que haja uma representação identitária ligando tal grupo ao espaço apropriado.

Essa relação entre as territorialidades e as afirmações identitárias pode ser percebida no quadro a seguir apresentado por Haesbaert (2003)

**Desterritorialização**

Quantifica, massifica (na rede:  
desigualdade/hierarquizada)  
extroversão, desenraizamento

**Aglomerado**

massa/subclasse  
(deslocados e desclassificados)  
a ou disfuncional

sem identidade ou identidade  
fluida

superfícies, pontos e linhas  
(limites difusos)  
Mobilidades “de massas”

*conjuntural estrutural*

**Redes**

indivíduo, classe

Funcional  
simbólica  
Identidade  
individual  
e/ou “global”

pontos e linhas  
(limiar/hierarquia)  
mobilidade  
“técnica”

*legal/ilegal, tradicional/moderno*

**(Re)Territorialização**

qualifica, identifica,  
distingue  
(diferença/alteridade)  
introversão, enraizamento

**Território**

comunidade, “tribo”, nação

simbólico e funcional

identidades “regionais”

Superfícies  
(fronteiras)  
estabilidade relativa

TABELA 01: Inicialmente apresentado em HAESBAERT 2003, p. 199. (grifos conforme o original)

Ao analisarmos o quadro acima, observamos o território fortemente ligado a questões enraizadoras, enquanto observamos as desterritorializações fortemente voltadas ao externo. Esse deslocamento causador das desterritorializações seria gerado pela perda gradativa de sua(s) ligação(ções) identitárias e de seus enraizamentos, que podem ter origem nos mais diversos fatores, como, por exemplo, a atuação hegemônica de novos fatores ligados ao processo de globalização que cada vez mais homogeneíza os lugares e seus habitantes.

Como ressaltado, a identidade dos grupos não se mostra consensual dentro da geografia brasileira, porém cabe ressaltar que o poder invariavelmente sempre se mostra como um importante componente na(s) análise(s) territorial(ais). Essa relação com as forças de poder já se torna comum dentro das análises geográficas, uma vez que praticamente todos os autores são unânimes quanto a este fato. Por mais que vinculados a temáticas diferenciadas e postulantes de diversas correntes, ver autores e trabalhos que façam essa relação entre poder e território é o mais comum na Geografia. Tendo sido inclusive esta a primeira

relação dentre as análises realizadas pela Geografia. Portanto “o que está presente no conceito de território, ainda que tratado por diversos autores, é a relação entre poder e espaço” (AYRES, 2005, p. 25), mesmo sendo abordados de diferentes formas.

SOUZA não só defende que “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (2003, p. 78) como também destaca que é necessário saber “quem domina ou influencia e como domina ou influencia esse espaço” (SOUZA, 2003, p. 79). Em sua revisão sobre as territorialidades, Luciano Zanetti Pessoa CANDIOTTO afirma que, ao elaborar essas ponderações, SOUZA (Op cit.) gradativamente se afastaria de Ratzel e se aproximaria de Raffestin, pois “para haver território é preciso ter sociedade, em virtude de que os territórios são caracterizados primordialmente por relações sociais projetadas no espaço, e não meramente por espaços concretos” (CANDIOTTO, 2004, p. 81).

Mais adiante em seu trabalho, AYRES (2005) caracteriza a sua concepção acerca do território que, como se vê, sofre grande influência dos pensamentos de Candiotto, de Souza e da teoria da estruturação apresentada por Antony Giddens, dentre outros,

“Entendemos que é um território da relação de poder sobre o espaço concreto geográfico (e não somente), da realização nesse espaço de uma síntese integradora dos processos de significação (ordens simbólicas, discurso), dominação (instituições políticas e econômicas) e legitimação (instituições legais, no caso, também os mitos) empreendidos nas relações sociais do grupo entre si e com os ‘outros’. O fato de ser concreto, no entanto não elimina sua fluidez, sua característica essencialmente relacional” (AYRES, 2005, p. 48)<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Grifos, aspas e parêntesis conforme o original.

Deste modo, as relações de poder constituem peças chaves para a compreensão geográfica do território, uma vez que essas relações são exercidas, muitas vezes, de maneira subjetiva dentro de uma sociedade. Portanto, quando se defende hoje uma maior e melhor utilização desta abordagem dentro das Ciências Humanas e da Geografia, em especial defende-se que as relações sociais enquanto ocorridas dentro de um espaço materializado e definido fisicamente, sejam o foco das atenções.

Rogério HAESBAERT (1992) sugere que se deve encarar este poder não como coisa, no sentido de apropriação onde uns têm e outros não, mas enquanto relação. Dessa forma, o poder não pode ser apropriado por um determinado grupo, mas lhe conferido por uma determinada situação. Ainda nos refere claramente que:

“Não, o *poder* não pode ser definido simplesmente como coisa, que tem um lugar claramente definido para se localizar. O poder é antes de tudo uma relação (assimétrica, é verdade, mas uma relação) e portanto só existe na conjunção entre ‘dominados’ e ‘dominantes’, ‘opressores’ e ‘oprimidos’. Assim como um país ou Estado não oprime outro, mas sim uma classe ou um grupo social, também a classe ou o grupo oprimido não é simplesmente a despossuída, a destituída de poder que se submete à exploração do dominante sem (re)produzir/participar das mesmas *relações* de poder, ainda que no seu restrito círculo de poder cotidiano” (HAESBAERT, 1992, Pg 105 e 106)<sup>24</sup>.

Estas novas interpretações geográficas em muito já subscrevam a antiquada visão co-relacionando apenas o território como estrito sinônimo de terra. Embora essa ponderação ainda seja vez ou outra utilizada, como, por exemplo, em FARIA (2003), pode-se afirmar que a construção conceitual já realizada vem a superar em muito essa utilização ‘minimalista’.

---

<sup>24</sup> Grifos, aspas e parênteses conforme o original.

Se, por um lado, deve-se estar sempre atento a essa não veiculação obrigatória tal qual descrita acima, “aqui é importante lembrar que, tal como, na não-dicotomização geográfica entre natureza e sociedade, não é possível ver o corpo social fora do corpo da Natureza” (HAESBAERT, 2004, p. 124). Dessa forma, sempre tem-se em mente que o corpo social embora peça fundamental da análise societária, sempre estará interligada a um meio natural (para usar palavras próximas às do autor). Pessoas, atores, sociedades inteiras não podem e não existem isoladamente, descoladas de um ponto referencial.

Em outras circunstâncias, mesmo CLAVAL (1999, p. 08) já se referiu à compreensão de território, enquanto “apropriação coletiva do espaço por um grupo”. Claramente aqui o autor fala de um grupo social constituído que passa a buscar espacialmente a sua referenciação. Ainda, segundo o autor, as abordagens sobre as territorialidades adquirem relevância quando surge na Geografia a idéia, introduzida por Robert Sack, de que as territorialidades se aplicariam em todas as escalas. Dessa forma, Claval dá subsídios para afirmar que os estudos das territorialidades podem ser aplicados desde as pequenas questões, possivelmente circunscritas apenas a poucos metros quadrados, passando pelas disputas internas de um determinado bairro, até chegando às questões internacionais. Obviamente, nesse caso, para que uma análise tenha sua devida relevância há que se observar a necessidade de uma boa delimitação escalar e uma adequada definição da área a ser estudada em conjunto a uma escala apropriada. Idéia essa muito próxima da defendida por SOUZA (2003, p. 81), segundo a qual os “territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada à internacional; territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes”.

Interessante observar que a idéia de contigüidade têmporo-espacial pode ser mantida mesmo diante de diversos parâmetros e concepção dos territórios. Há sempre que se levar em conta essa relação formadora e conformadora de novas situações e maneiras de apropriação espacial. CIGOLINI (2002), mesmo tendo adotado uma concepção mais ligada à relação da ocupação e fragmentação

territorial, indica a relevância do componente histórico. A compreensão histórica de um dado espaço se mostra muitas vezes a chave para a análise sobre os territórios sociais ali presentes. Pensando historicamente as relações que compõem a(s) sociedade(s) envolvidas no processo, a compreensão desse dado território será certamente mais eficiente, já que não há como pensar em um descolamento ou um isolamento das relações. Mesmo assim, há quem insista em análises que sejam realizadas desconsiderando as componentes evolutivas de forma têmporo-espacial, possibilitando assim incorrer em grave erro.

Mesmo que por diversas vezes esteja-se observando pontualmente uma dada circunstância ou um dado comportamento, sempre devem-se ter em mente as relações que compõem esse conjunto. Suas peculiaridades, suas características são componentes fundamentais para entender os territórios. Quando se faz esse tipo de observação pontual, é preciso ter atenção para o fato de que “essas características do território não podem, no entanto, ser compreendidas a-historicamente” (SPOSITO, 2004, p. 22).

Então, até aqui pode-se conceitualizar o território como sendo formado através de relações sociais, forjadas historicamente, refletindo relações de poder (não necessariamente explícitas) e sem uma grandeza escalar previamente definida. Estas, então, seriam as características básicas quando nos referimos aos territórios dentro da Geografia. Certamente diferentes visões e diferentes concepções teórico-metodológicas farão com que novos componentes sejam observados e, de autor para autor, ganhem ou deixem de ter relevância. Deve-se ressaltar que, segundo a nossa concepção, além destes já citados, ainda devem ser acrescentados a materialidade concreta onde o território está(ria) estabelecido e a sua relação com o espaço. As formações territoriais se forjam através de sua relação com o espaço, por isso não se deve confundir o espaço com o território.

Este provavelmente seja o grande ponto de divergência com relação território, segundo a ótica da Nova Geografia Cultural. Se, para alguns, o território é o próprio “espaço geográfico definido por relações sociais e políticas” (TOLEDANO & FORTES, 2000, p. 53), para os teóricos desta vertente, território

poderia partir de uma outra concepção de base, ao postularem que “quando um lugar toma a forma de um tecido de lugares carregados de sentido para toda uma população, ele se torna território” (BONNEMAISON, 1997 e 1998 apud CLAVAL 2002, p. 33)<sup>25</sup>, entendendo-se que, de início, território não seria o Espaço, mas sim o lugar. Dessa forma, dando a possibilidade a uma interpretação variável, segundo a perspectiva do lugar que cada autor constrói ou conceitua. Tomando-se como base o lugar, e não o espaço, abre-se a possibilidade de surgir um território imaterial, existindo apenas no plano subjetivo, tal qual a concepção de lugar de um determinado grupo. Aparentemente, sendo apenas uma questão de divergência pontual, gera toda uma possibilidade no campo das representações sociais exercidas por determinado grupo social.

Defendendo claramente seus princípios culturais, contrapondo-se a outras visões, CLAVAL (2002, p. 40) aponta que “o enfoque cultural parece fundamental para entender a ressurreição dos lugares, as transformações dos territórios e os problemas de identidades nas sociedades multiculturais de um mundo globalizado”. Nesta fala, o autor mais uma vez deixa evidente a sua relação conjuntural e indissociável entre os conceitos de território e de lugar que, como comentado acima, são importantes dentro desta visão.

Esta também seria a idéia fundamental, da qual ROSENDAHL (2002) se apropria para tecer os seus conceitos acerca da relação entre o sagrado e as territorialidades. Com isso, percebe-se claramente que dentro dessa corrente de pensamento geográfico, passa a existir a possibilidade de abordar territórios que não contenham necessariamente uma propriedade física e/ou material, abre-se então a possibilidade da abordagem segundo o plano subliminar da sociedade ou de determinados grupos sociais.

Fortemente baseada na fenomenologia, que tem a sua origem na Filosofia, essas atuais abordagens dentro da Nova Geografia Cultural abrem ainda mais a possibilidade da compreensão do território segundo a ponderação de que estaria

---

<sup>25</sup> BONNEMAISON, J. *Le fondemenrs culturel d'une identité: l'archipel du Vanuatu*. Paris: Orston, 1996-1997. 2v.



enraizada, diretamente ligada e tendo surgido de uma determinada região<sup>26</sup>, enquanto compreendida por fatores, altamente cambiantes, como relações socioculturais e econômicas, dentro sempre de uma subjetividade latente traduzida pelas representações expressas socialmente. Sobre isso Salete KOZEL afirma que “outra área em que as representações seriam de fundamental importância seria a análise regional” (2002, p. 216), entendendo que essa idéia fenomenológica poderia subsidiar a conformidade de novos territórios e desta forma auxiliar nos estudos regionais.

Se, por um lado, dentro da geografia cultural, temos essa abordagem específica quanto ao território, não podemos dizer que essa visão acima apresentada seja a majoritária ou única dentro da geografia, embora venha crescendo e ‘conquistando’ novos teóricos e acadêmicos.

Certamente, na atualidade, não há como falar da existência única de um só território. Devemos, sim, falar de várias concepções de território, sob diferentes olhares e visões. Não que uma visão ou outra esteja certa ou errada, pois, como vimos acima, tudo será relativo quanto à filiação teórica do autor ou do pesquisador. De certa forma, isso legitima que diversos tipos de territórios surjam dentro de uma época ou em uma mesma situação.

Mesmo existindo diversos olhares acerca do(s) território(s), reiteramos que não se pode falar de território, num sentido geográfico, sem que haja uma interação sócio-espacial de seus atores sociais, o que implica necessariamente uma relação entre os atores sociais e o plano físico territorial, portanto, geograficamente, não há como pensar em um território construído somente no plano teórico, conceitual ou qualquer outro plano imaterial. Necessariamente, temos aqui uma relação indissociável entre Território e Espaço, que implica em

---

<sup>26</sup> Mesmo sabendo da complexidade dos estudos sobre a Região enquanto conceito Geográfico e levando em conta os esforços de diversos teóricos diante da necessidade de uma correta conceituação da terminologia, tentaremos não aplicar qualquer juízo de valor. Justamente por acreditar que esta seria uma ponderação em que se faz necessário uma vasta discussão e diálogo entre diversos autores a fim de um relevante embasamento que, por falta de espaço, não o faremos. Preferimos assim, para não incorrer no erro de não dispensar ao tema região o tratamento adequado.

uma existência material consolidada do dito território em questão. Assim, fica difícil falarmos em uma concepção imaterial do(s) território(s) dentro da Geografia.

Quando nos depararmos com a estruturação da sociedade parintinense, percebemos que diferentes abordagens territoriais poderiam ser aplicadas, visto a grande gama de facetas e possibilidades no mesmo espaço amostral do estudo. Contudo, adotamos apenas uma concepção para a análise que se fará neste trabalho. Tal como já foi dito anteriormente, consideraremos as relações sociais historicamente constituídas, mantidas no e com o espaço onde ocorrem as territorialidades e que se refletem nas relações internas da sociedade local. As identidades manifestadas de cada grupo social, seguramente, auxiliam na ponderação das relações de poder expressas, que nem sempre são explícitas, mas se manifestam de maneira subjetiva. Os diversos grupos da sociedade parintinense acabam, no seu cotidiano e no seu modo de vida, expressando estas relações que dão subsídio para a compreensão da dinâmica dos territórios no município.

### 3 – LOCALIZANDO O ESTUDO

#### 3.1 – PARINTINS

No lado direito do grande leito médio do Rio Amazonas, entre a foz do Rio Madeira e o Paraná do Ramos, está localizada a Ilha Tupinambarana. Com 7.096 Km<sup>2</sup>, esta é a maior ilha fluvial do Estado do Amazonas. A cidade de Parintins foi inicialmente fundada como “São Miguel dos Tupinambarana” no dia 29 de setembro de 1669 e elevada a categoria de cidade em 30 de outubro de 1880, já com o nome de Parintins.

A sede municipal da cidade de Parintins encontra-se à margem direita do Rio Amazonas e está localizada na Ilha Tupinambarana. Conta com uma população total de 92.118 habitantes (IBGE, 2000), sendo 58.125 na área urbana e 33.993 na área rural. Possui uma área total de 5.952,33 Km<sup>2</sup>, a qual contrasta com sua pequena sede municipal. Situado no Leste do Estado do Amazonas, posiciona-se próximo à divisa com o Estado do Pará, conforme a figura 01 abaixo. O município pertence à *mesoregião* geográfica *Centro Amazonense*, bem como a capital, Manaus, e à *microrregião* geográfica de *Parintins*. Destaca-se como a segunda mais populosa cidade de sua mesoregião, a qual é menor apenas que a de Manaus.

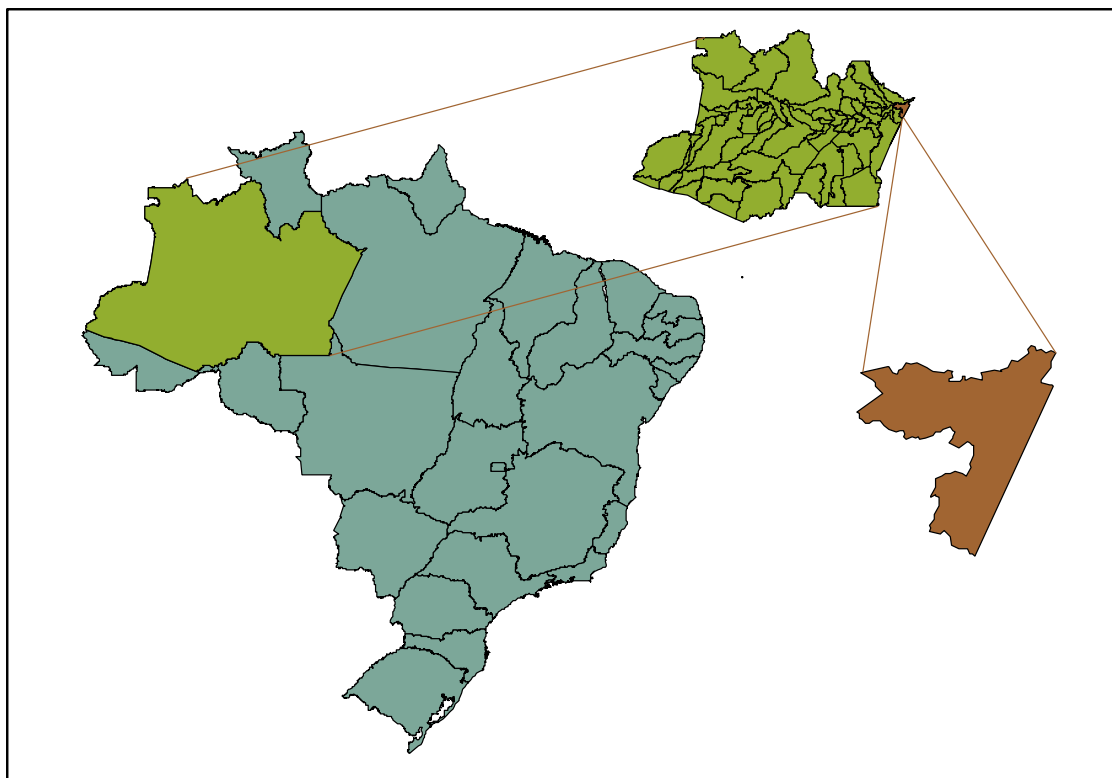


FIGURA 01: Cartograma de localização do Município de Parintins. AUTOR: Diogo Labiak Neves, 2006.

Aproximadamente a 50 metros acima do nível do mar, embora distante, apresenta baixa altitude, devido às características da Planície Amazônica. Com características de clima tropical chuvoso úmido, que lhe assegura uma condição de alta umidade e chuvas constantes durante grande parte do ano. Parintins conta com uma precipitação pluviométrica anual na ordem de 2.275,4 mm. Temperaturas que oscilam na faixa de 36,4<sup>0</sup>C, de máxima, a 21,3<sup>0</sup>C, de mínima. As águas barrentas do 'Rio Mar'<sup>27</sup> passam por Parintins, deixando para trás um rastro de erosão, que se reflete no muro de arrimo que está presente em todo o centro da cidade, como pode ser observado na fotografia 01. Provocados pela erosão, aparecem as famosas 'barrancas' do Rio Amazonas. Este muro de arrimo,

<sup>27</sup> "Rio Mar", como carinhosamente o Rio Amazonas é chamado por ribeirinhos e interioranos.

construído pela prefeitura, serve de atracadouro para os barcos na época do festival de Parintins. Os barcos param em qualquer lugar do muro devido a grande quantidade de embarcações e não apenas no porto ou no centro, conforme evidenciado na fotografia 02. A cidade fica a 15 metros do nível normal do rio, o que lhe garante segurança em tempos de cheia. Seguindo o mesmo rio, temos a cidade de Manaus, 420 Km a montante. Caso consideremos em linha reta, teremos 370 Km.



FOTOGRAFIA 01: Muro de Arrimo da Cidade de Parintins. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

O principal meio de ligação da cidade com as outras da região é feito através de embarcações regionais, utilizadas para transporte de passageiros e

cargas. Para Manaus, Belém e Santarém, existem vôos regionais. Para Manaus, principal rota, a duração média é de quarenta minutos a uma hora de vôo.



FOTOGRAFIA

02: Barcos atracados no Muro de Arrimo da Cidade de Parintins. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Com uma pequena sede municipal, Parintins se destaca pela produção pecuária, ocupando o primeiro lugar no estado. Os bovinos representam o carro-chefe da economia local, com 105.563 cabeças, segundo senso agropecuário do IBGE, em 2002. Ainda no setor rural do município, a agricultura é exercida principalmente pela produção de abacaxi, arroz (em casca), cana-de-açúcar e feijão. Ao olharmos para o produto interno bruto municipal de 2002, divulgado pelo IBGE, podemos constatar esse contraste acima apontado, pois o PIB agropecuário é de R\$ 58.190 e o PIB industrial R\$ 31.488, evidenciando assim o caráter predominantemente agropecuário do município, muito embora o município tenha uma população predominantemente urbana.

O município ainda contava com 177 escolas de ensino fundamental e 8 de ensino médio no ano de 2003, segundo IBGE. E, mais recentemente, foi instalado um campus avançado da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e

outro da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Conta ainda com 10 estabelecimentos vinculados à área da saúde, sendo 6 públicos e 4 privados. As agências bancárias são 4, todas na sede municipal.

Segundo o cadastro central de empresas do IBGE, de 2001, o município possui um total de 419 empresas vinculadas ao comércio em geral, somente 8 vinculadas à agropecuária e, incrivelmente, só dois à pesca. Para uma melhor compreensão e visualização de aspectos básicos de Parintins, apresentamos a Base de Parintins<sup>28</sup>, que pode ser vista na Figura 02.

São os pontos apresentados na carta a seguir:

- 1 – Centro de Saúde Dr. Toda;
- 2 – Curral do Caprichoso;
- 3 – Delegacia de Polícia;
- 4 – Secretaria Municipal de Cultura e Turismo;
- 5 – Bumbódromo;
- 6 – Porto;
- 7 – SAT: Serviço de Atendimento ao Turista;
- 8 – Catedral Nossa Senhora do Carmo;
- 9 – Prefeitura Municipal;
- 10 – Comunas Bar;
- 11 – Polícia Militar;
- 12 – Hospital Padre Colombo;
- 13 – Centro de Saúde Waldir Viana;
- 14 – Curral do Garantido.




---

<sup>28</sup> Mesmo sabendo que por convenção cartográfica o Norte deve ser sempre referido à parte superior, adotamos aqui a forma corriqueira de observar as cidade segundo a leitura tradicional dos rincões Amazônicos. Onde a cidade é sempre vista apartir do rio que está a a sua margem, não importando os pontos cardeais, neste caso invertendo a convenção cartográfica.





**FIGURA 02: BASE DE PARINTINS**

-  PONTOS DE REFERÊNCIA EM PARINTINS
-  SEDE MUNICIPAL DE PARINTINS
-  RIO AMAZONAS

ESCALA APROXIMADA 1:20.000

Figura de Parintins Elaborada por Diogo Labiak Neves, através de digitalização e confecção própria, 2006.





Localizado na porção oriental do estado do Amazonas, o município de Parintins primeiramente, surpreende pela vista ao fundo. Saindo de Manaus e descendo de barco o Rio Amazonas, a primeira coisa que podemos ver, quando nos aproximamos da cidade, é a torre da catedral como um ponto distante no horizonte (Fotografia 03).



FOTOGRAFIA 03: Vista da cidade de Parintins, onde se destaca a torre da catedral. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Após aproximadamente 18 horas de viagem<sup>29</sup> em barco regional, chega-se ao ponto final da viagem. Como ainda faltam alguns dias para o festival, ainda não há total ocupação no muro de arrimo, acompanha a orla junto ao leito do rio. Quanto maior a proximidade da data do Festival, mais difícil torna-se ‘estacionar’ um barco neste lugar. Muitos barcos regionais (Fotografia 04) chegam, trazendo principalmente pessoas, nesta época do ano<sup>30</sup>. Tantos os visitantes advindos de montante, principalmente do estado do Amazonas, quanto os advindos de jusante, do estado do Pará, primordialmente se utilizam deste meio de transporte para chegar à auto-intitulada, Capital do Folclore amazonense, como acabou conhecida a cidade no próprio estado. Embora exista a possibilidade de realizar a viagem por via aérea, a grande maioria prefere o barco, devido ao custo elevado do transporte

---

<sup>29</sup> De Manaus a Parintins são aproximadamente 18 horas descendo o Rio Amazonas. No trajeto contrário trata-se de aproximadamente 30 horas subindo o rio. Estas horas de subida e descida do rio variam dependendo da potência do motor e tamanho da embarcação.

<sup>30</sup> Embora haja fluxo de embarcações durante todo o ano. Nesta época do ano há um aumento no neste fluxo devido à proximidade do Festival Folclórico de Parintins.

aéreo<sup>31</sup>. Segundo a AmazonTur<sup>32</sup>, de todos os visitantes à Ilha Tupinambarana, 62% teriam utilizado o barco, enquanto os outros 38% utilizaram-se de aviões.



FOTOGRAFIA

04: Barco Regional chegando a Parintins. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

A grande maioria dos visitantes que se locomovem para Parintins nesta época do ano chega com um único propósito: Festival Folclórico. Seja para participar, trabalhar ou apenas ver o Festival, a população “flutuante” atinge nesse período o seu maior contingente. Turistas vindos de todos os cantos, do Brasil e do exterior, cada vez mais se deslocam ao palco que se forma no meio da floresta. Segundo os dados oficiais disponibilizados pela AmazonTur, no ano de 2003, 91% dos visitantes são provenientes de algum lugar dentro do território nacional e, destes, 67% vêm do próprio estado. Quanto aos estrangeiros, 9% de todo o universo dos turistas, destacam-se os estadunidenses, com 24%; franceses, com

---

<sup>31</sup> Para o ano de 2005 o preço da passagem aérea de Manaus a Parintins girava em torno dos R\$ 250. Enquanto a passagem de barco de “linha” ficava em R\$ 50.

<sup>32</sup> Empresa de turismo do Estado do Amazonas. É a responsável, por parte do Governo Estadual, pela obtenção de dados e pesquisas oficiais sobre o Festival Folclórico de Parintins.

15% e alemães, com 9%. Quando se comparam essas informações aos dados que BRAGA (2002) apresenta para o ano de 1999, verifica-se que houve uma internacionalização acentuada do fluxo turístico, já que 99,63% dos turistas eram provenientes do Brasil no final da década passado, sendo que 58,15% desse total provinham exclusivamente da cidade de Manaus.

Na época do Festival Folclórico, Parintins muda, tudo muda. Transforma-se de pacata cidade do médio Amazonas em capital do folclore brasileiro, pelo menos nos dias do Festival. As ruas se transformam, adquirem as cores dos Bumbás, fitas azuis e brancas, de um lado, e vermelhas e brancas, de outro, são colocadas enfeitando de cima a baixo as ruas da cidade, deixando-as com um ar mais alegre e coloridas para a grande festa que se aproxima (Fotografia 05). A cidade recebe ‘uma geral’, afinal milhares de turistas a visitarão em breve. De passagem efêmera, é verdade, mas é importante que tudo esteja ao gosto do visitante. Afinal, da visita destes turistas é que se eleva o faturamento anual do município que, em boa parte, precisa das receitas geradas nesta época do ano para o sustento financeiro, de uma forma geral.



FOTOGRAFIA 05: Rua parintinense enfeitada para o Festival Folclórico de Parintins. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Barcos chegam enfeitados com bandas tocando toadas<sup>33</sup> a todo o momento que antecede o Festival. Chegam de todos os lados e das mais variadas direções, de diversos tamanhos e com os mais diferentes passageiros, das mais diferentes classes sociais. Não importando diferenças de cor, credo, raça ou ideologia. Todos interessados na Festa que se aproxima e, preocupados com o Boi para o qual irão torcer, Caprichoso ou Garantido, afinal é impossível ficar neutro diante da grandiosidade da auto-intitulada ‘capital nacional do folclore’. De noite ou de dia, escuta-se apenas um tipo de música, a dos Bois. A galera<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Nome do estilo musical das músicas utilizadas pelos Bois.

<sup>34</sup> Como são chamados os torcedores de cada Boi dentro do bumbódromo.

insistentemente brinca no 'dois pra lá, dois pra cá'<sup>35</sup> das toadas. Num ritmo cadenciado e meticulosamente coreografado, as galeras ensaiam as músicas para a grande apresentação ou apenas para divertimento, como parte da grande festa. E, como parte da festa também, e também do festival, estão presentes as provocações de lado-a-lado de certa forma até incentivadas pelos Bumbás, nos anexos 02 e 03 podem ser observadas duas músicas alusivas e este tom provocativo porém saudável, presente nas festividades.

Mesmo com a chegada dos primeiros visitantes, é possível ver como a cidade vai sofrendo as transformações aos poucos. Muros são pintados (Fotografia 06), placas são instaladas, ruas com fluxo re-adequadas, ruas que ficam bloqueadas, o incessante serviço de limpeza (mesmo durante o Festival) etc. Em todos os cantos, é possível ver as mudanças temporárias em decorrência do Festival



FOTOGRAFIA 06:

Funcionários pintando muro de um órgão da prefeitura. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

---

<sup>35</sup> Analogia a forma de dançar Boi-Bumbá que é popularmente feita, aqui apropriada para dar nome a este trabalho. Pode ser percebida a sua presença desde conversas e manifestações até nas letras de músicas, como no exemplo do anexo 04.



Já os orelhões em forma de Boi Garantido (Fotografia 07) ou do Caprichoso (Fotografia 08), se tornam alvos obrigatórios de fotografias, são elementos permanentes da paisagem do município, mas existem com o intuito de deixar os turistas mais 'dentro do clima'.



FOTOGRAFIAS 07 e 08: Orelhões caracterizados dos Bumbás Garantido e Caprichoso respectivamente. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Táxis, moto-táxis e triciclos são vistos por todas as partes. Durante as festividades, o melhor modo de andar na cidade é a pé. Para trajetos mais longos, é possível optar por um triciclo típico do local, que faz o serviço de transporte (Fotografias 09 e 10).



FOTOGRAFIAS 09 e 10: Triciclos largamente utilizados em Parintins durante os dias do Festival, apenas sendo possível devido o relevo pouco acidentado da cidade. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Observa-se também que várias pessoas levam a Parintins os seus veículos pessoais por meio de balsas específicas para o transporte de cargas e veículos. Assim podem, durante a estadia, desfrutar do seu próprio meio de locomoção. Com a chegada de diversos turistas, mudam-se os hábitos da pacata cidade. Cidade de fortes costumes religiosos, principalmente católico, a cidade se vê abalada nos seus padrões habituais, ao ser ‘invadida’ por turistas vestidos com trajes de banho, andando seminus pelos quatro cantos, como se houvesse alguma praia ou balneário por perto. O jornalista Allan RODRIGUES (2006, p. 46) outrora ressaltou sobre essa questão, vejamos: “Os trajes usados pelos turistas chegam a causar reações negativas em alguns moradores, que se sentem pouco à vontade com tamanha liberdade no vestir”.

São constantes as bebedeiras e os tumultos pelas ruas da cidade. Tudo tem gerado grande controvérsia na sociedade parintinense. Este desconforto dos moradores diante desta situação pode claramente ser percebido durante os

trabalhos de campo realizados. Como pode uma sociedade firmemente enraizada em alicerces religiosos aceitar esta libertinagem que vem sendo causada pela invasão turística? Como pode a população aceitar bebedeiras, tumultos e desfiles depreciativos e abusivos em praça pública?

Dentre de tudo que muda na cidade, com certeza, o que mais impacta não são as mudanças ou melhorias que são implantadas no aguardo dos turistas. As mais impactantes mudanças são os atos desrespeitosos aos moradores e à ordem da cidade que este tipo de invasão temporária é capaz de causar. É incrível como a cidade novamente muda dois ou três dias após o Festival. As ruas voltam ao normal e o tráfego é re-estabelecido. Já não se têm todos os milhares de turistas pelas ruas, nem os barcos no muro à beira do rio, a grande maioria vai embora já na noite final das apresentações. Os turistas sequer ficam à espera do resultado da apuração, que sai na segunda-feira à tarde, após o término das apresentações. De uma hora para a outra, a cidade novamente esvazia-se. E volta à sua rotina. Após o 'dia da matança' quando acontece a fuga (Caprichoso) e a morte (Garantido) dos Bois, existe na cidade um grande silêncio, intencional por parte da sociedade, sobre o assunto. O Caprichoso foge para a mata onde no próximo ano será encontrado com o corpo cheio de galhos e folhas. O Garantido morre para poder ressuscitar no ano seguinte. Os dias que se seguem ao Festival é como se fosse um período de 'quarentena', para que no próximo ano todos possam se faltar novamente.



## **4 – RESGATE HISTÓRICO**

### **4.1 – O SURGIMENTO**

Como toda manifestação popular, a Festa do Boi parintinense surge principalmente nos bairros mais populares e pobres da cidade. Tendo nos seus primórdios, principalmente, a base do Boi vindo do nordeste junto com imigrantes, que vieram em busca de novos rumos em terras amazônicas. Embora seja tratada de forma consensual esta origem dos Bois parintinenses, esse mesmo consenso não é visto quando abordamos o surgimento concreto das agremiações dos Bois. Vários estudiosos e também populares apresentam diversas hipóteses para esse surgimento. Contudo o que não podemos de forma alguma pensar é que unicamente existem os Bois Caprichoso e Garantido: estes são frutos de uma grande gama de Bois surgidos no início do século XX.

Simão ASSAYAG (1997), contundentemente, afirma a relação do Boi de Parintins com o Boi nordestino. Segundo o autor, o Boi de Parintins, tal como conhecemos hoje, seria uma derivação do Boi vindo do nordeste brasileiro junto com seus imigrantes.

Andreas VALENTIN aponta que não apenas da cultura nordestina derivam as brincadeiras de Boi, já que “a presença de negros no médio Amazonas, mesmo pequena, influenciou o surgimento e a própria evolução do boi-bumbá na região” (2005, p. 20). Julio César FARIAS explica que “o folguedo junino do Boi-Bumbá de Parintins vem a ser uma adaptação do auto folclórico originário no Maranhão conhecido como Bumba-Meu-Boi” (2005, p. 23). Claramente, para esse autor, existe apenas a derivação direta do Boi nordestino, não tendo havido outras influências culturais significativas na sua evolução histórica.

Amarildo Menezes GONZAGA (2000), também neste sentido, vem afirmar a existência de diversas formas da brincadeira de Boi em todo o Brasil. Porém, por via de regra, todos se apresentam com a mesma linha geral nas suas narrativas,

sendo cada qual adaptados segundo as características e concepções de cada lugar.

Vários autores pesquisados (ASSAYAG, 1995; BRAGA, 2002 e VALENTIN, 2005) apontam como proveniente de 1840 a primeira descrição a respeito da brincadeira de Boi no Brasil. Trata-se do artigo intitulado “A estultice do bumba-meu-boi”, publicado no jornal *O Carapuceiro*, do Recife, pelo frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, o qual descreve o folguedo de maneira “crítica, indignada e permeada de preconceitos” (VALENTIN, 2005, p. 23).

Segundo Raimundinho DUTRA (2005, p. 44), o ano exato do surgimento do Boi Turana, o primeiro Boi do estado, seria 1910, mais precisamente no dia 13 de março de 1910. Em sua listagem de primeiros brincantes, o autor nos faz observar pessoas oriundas de famílias que viriam a fundar, posteriormente, Caprichoso e Garantido (respectivamente no Caprichoso a família Cid e no Garantido a família Monteverde). Em Manaus, nos idos de 1911, surgiria o Boi Mina-de-Ouro, fazendo assim com que a brincadeira aos poucos se popularizasse também na capital (DUTRA, 2005, p. 47). Para esse autor, no ano de 1913, surgiriam em Parintins o Boi Douradinho, enquanto em Manaus apareceria o Boi Caprichoso, no bairro da Praça 14, o qual surgia de couro branco, contrastando ao negro do Mina-de-Ouro. Cabe aqui a ressalva de que o Boi Caprichoso, tal qual conhecemos hoje é todo negro com uma estrela na testa, sendo que essa estrela foi posta no semblante do Boi apenas na década de 1990 (conforme veremos mais à frente). Enquanto isso, em Parintins, surge o Boi-do-Piauí, em 1914 (DUTRA, 2005, p. 54). Note-se que ainda não havia surgido o Boi Garantido que, segundo o autor, surgirá apenas em 1919 junto com o Pai-do-Campo. No bairro Nossa Senhora do Carmo, em 1922, surgiria o Boi Galante em substituição ao Pai-do-Campo. Finalmente, no dia 14 de março de 1925, seria criado o Boi Caprichoso (DUTRA, 2005, p. 87, 88 e 89), justamente no mesmo bairro do Boi Galante. Tonzinho SAUNIER (2003, p. 199) aponta como o período, entre 1910 e 1912, o surgimento do Boi Diamantino, contudo não lhe dá o título de primeiro Bumbá do estado. Ainda segundo SAUNIER (Op. Cit.), segue-se a vinda, para

Parintins, do Boi Caprichoso, trazido da cidade de Manaus por Emídio Vieira no ano de 1913. Em 1915, aparece o Boi Fita Verde no bairro do Aninga pelas mãos de Izídio Passarinho. E, criado por Lindolfo Monteverde<sup>36</sup>, em 1920, surge então o Boi Garantido proveniente da localidade hoje conhecida como Baixa do São José. O autor ainda ressalta a existência de outros dois Bois, porém estes seriam Bumbás mirins. Seriam eles o Tira-Teima e o Dois de Ouro, contudo SAUNIER (Op. cit) não comenta sobre as suas fundações, tão pouco tece grandes comentários a seu respeito.

Como se pode perceber, as diferentes versões de como e quando teriam surgido os primeiros Bois organizados de Parintins não nos deixam precisar o momento exato da criação de um ou do outro. A questão das origens é também um ponto controverso e relevante para os torcedores dos respectivos grupos, os quais se vangloriam das suas tradições ou de quem teria surgido primeiro. Fato é que o Garantido realmente surgiu na cidade de Parintins, próximo de onde é localizado hoje a 'Cidade Garantido'<sup>37</sup>, através de Lindolfo Monteverde. Contudo a mesma afirmação não pode ser feita quando nos referimos ao Caprichoso. Pouco se sabe sobre a história deste Boi, seu real fundador, onde foi criado e em que ano. Se foi criado em Manaus e levado a Parintins ou se apenas o nome do Boi parintinense foi inspirado em seu homônimo manauara. Em meados da década iniciada no ano 2000, a direção do Boi Caprichoso adotou uma das versões como versão oficial. Segundo essa versão, o Bumbá foi fundado pelos irmãos Cid já na cidade de Parintins no ano de 1913.

Mesmo quanto ao Garantido, existem divergências quanto ao ano de fundação. Para DÉMONTEVERDE (2003, p. 32), a real data seria o dia 13 de junho de 1913, quando Lindolfo Monteverde teria onze anos de idade. Contudo SAUNIER (2003, p. 207) aponta o ano de 1920 como sendo o correto. Pelo que se pode perceber, a questão se dá na diferença de critério adotada para determinar a

---

<sup>36</sup> Que nasceu em 02 de Janeiro de 1902 e faleceu em 05 de Julho de 1979.

<sup>37</sup> Principal Quartel General, onde são feitas as principais alegorias e o curral do Boi Garantido. Localizado na Baixa do São José. Os Quartéis Gerais são os locais onde o Boi é realmente construído e onde todas as decisões operacionais são tomadas.

origem de cada grupo. No caso, DÉMONTEVERDE adota a real criação do Boi e SAUNIER aceita como sendo válida a primeira brincadeira de rua do Garantido como seu ponto fundamental. Visto que antigamente apenas os adultos podiam participar desse tipo de festividade, ambos os critérios possuem o seu fundo de verdade. Antes de completar uma certa idade que lhes permitissem brincar de Boi pelas ruas, os brincantes do Boi ficavam restritos aos quintais de suas casas. Cabe ainda lembrar que DUTRA (2005) afirma que a fundação do Boi Garantido foi em 1919.

Esta divergência pontual, em grande parte, dá-se em conta da disputa entre os dois Bois estabelecida na cidade, já que ao colocar que o Boi Garantido teria surgido apenas em 1919, restaria ao Boi Caprichoso o posto de mais antigo, dentre os dois. Para isto, alguns defendem que não valeria nesta ‘contagem’ a fundação em si, mas quando o Boi realmente foi às ruas.

E se, no passado, “o folguedo invadia durante noites e madrugadas os terreiros das casas da pequena cidade de Parintins, à luz de lamparinas e fogueiras” (FARIAS, 2005, p. 23), lembremos que assim foi durante a maior parte do século XX. As brincadeiras de Boi ficaram restritas às ruas da cidade e terreiros das casas. Brincantes passeavam e brincavam com seus Bois e suas comitivas pela cidade. De forma amistosa, até que houvesse o encontro com outro Boi, quando de fato, davam-se os enfrentamentos entre brincantes de Bois contrários. Com o passar dos anos e com o crescimento do ‘fanatismo’ por parte dos brincantes, gradativamente, estes encontros passaram a ficar perigosamente violentos.

Com o passar dos anos, a tradição e a valorização dos pontos cruciais do enredo Bumbá foram adquirindo relevância dentro da brincadeira. As encenações, aos poucos, vão ganhando mais detalhes e se modificando. Contudo o que se observa hoje é que com a “massificação” da brincadeira de Boi, estes detalhes foram deixados de lado. Esta diferenciação foi historicamente ocorrendo à medida que as festividades foram exponencialmente crescendo, sendo este um ponto comum dentre os pesquisadores consultados durante a elaboração deste trabalho.

Raimundo Dejard VIEIRA FILHO comenta que “durante o período de rua, entre 1913 e 1965, criaram-se através de toadas, desafios, gestos e atitudes os valores identitários dos Bois, que estão relacionados com a vida social e cultural da cidade” (2003, p. 11). Com isso, ele afirma que nesse período surgem vários parâmetros que posteriormente servirão de apoio à valorização sócio-cultural local.

Torna-se curioso perceber que vários entrevistados por Sérgio Ivan Gil BRAGA (2002, p. 26) ressaltam unanimemente que “o Festival é um patrimônio cultural parintinense, na exata medida em que remonta à memória e à tradição cultural da cidade desde o início do século XX”. E, embora as mudanças no Festival e na Festa do Boi sejam perceptíveis, elas são encaradas como pontos de valorização cultural.

E tudo o que foi aqui apresentado, mais do que uma narrativa, acaba por se configurar enquanto “as bases fundamentais dos valores identitários dos bumbás que contribuirão para a formação do *ethos* cultural de Parintins” (VIEIRA FILHO, 2003, p. 29), já que a interligação do Boi-Bumbá com as identidades da população local e as suas bases sócio-culturais são nítidas.

## **4.2 – OS DOIS ATORES (CONTEXTUALIZAÇÃO)**

### **4.2.1 – Caprichoso (azul da cor do céu)**

Seu nome oficial é Agremiação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso, mas ele atende por Diamante Negro, Boi da Promessa, Boi da Elite e/ou Sangue Azul, auto intitulado ‘O Boi de Parintins’. Tem como personagem principal o touro negro com uma estrela azul (de cinco pontas) na testa (Figura 03). Suas cores são azul e branco, servindo para que os torcedores expressem as suas preferências. Originalmente surgido em bairros à jusante em relação ao centro da cidade, logo iniciou a sua expansão para toda a porção leste da ilha .

Se, quanto ao outro Boi de Parintins, tudo se sabe quanto ao seu surgimento, a mesma afirmação não pode ser feita quando nos referimos ao Boi Caprichoso. A fundação do Boi Caprichoso é atribuída aos irmãos CID (Roque, Raimundo e Felix), não sendo esta versão amplamente aceita. É claro que dentro de toda a situação construída e pelas richas existentes, os partidários do Boi contrário não aceitam esta paternidade, tentam deixar o Caprichoso órfão, tendo inclusive recentemente<sup>38</sup> lançado uma música sobre esta temática.

Para acabar com todas as histórias e possibilidades de falas, a diretoria do Boi Caprichoso assumiu no ano de 2005 a versão oficial de sua criação. Assim, ficou atribuído aos irmãos CID, no dia 20 de outubro de 1913, a criação do Boi.

Como marca deste Boi, durante os anos da década de 1990, ficaram os legados de apresentações quase impecáveis, capazes de incríveis precisões técnicas e artísticas. Estas características permitiram que durante muito tempo fosse considerado o Boi da inovação, devido ao surgimento de diversas atividades e situações alheias originariamente. Uma de suas principais características técnicas é o ritmo mais acelerado de suas toadas, como foi apontado por BRAGA (2002).

Curiosamente, a alcunha de Boi da elite, que é dada a este Bumbá, é atribuída a Paulinho Faria, apresentador do Boi contrário por 26 anos. Teria este apelido sido desferido, inicialmente, com um cunho levemente pejorativo e com a idéia de ‘mexer’ com os brios dos simpatizantes do Boi Caprichoso. Como a brincadeira de Boi (de rua) era originária das bandas menos favorecidas da cidade, não cairia bem esta inversão. FARIAS (2005) atribuiu esse apelido ao caprichoso porque, no passado, a alta sociedade parintinense davam preferência a este Boi.

Também o Caprichoso é o Boi da promessa. Com a forte presença da igreja católica na vida das sociedades amazônicas no começo do século XX, não seria de estranhar a interferência, mesmo que indireta, de dogmas católicos na

---

<sup>38</sup> Em 2005.

brincadeira. O Boi Caprichoso surge devido a uma promessa feita a “São João”. Assim, brincando de Boi-Bumbá, pagavam-se promessas.

Em 1996, surge a estrela de cinco pontas na testa do boi, ano em que Simão Assayag era membro da diretoria do Caprichoso e preocupava-se com a necessidade de um símbolo que pudesse servir como orientação para os torcedores. Surge a idéia e a necessidade de criar uma identidade em torno do Boi. Criou-se a estrela na testa da figura do touro negro.



FIGURA 03: Logotipo do Boi-

Bumbá Caprichoso. Imagem obtida através da revista oficial deste Bumbá, para o ano de 2006, entregue durante a coletiva de imprensa realizada em Parintins no dia 29 de Junho de 2006.

#### 4.2.2 – Garantido (vermelho da cor do sangue)

Oficialmente tem o nome de Agremiação Folclórica Boi-Bumbá Garantido, mas o Boi vermelho e branco também atende pela alcunha de o Boi do Povão, o Boi do Coração e/ou o Mais Querido. Este é o Boi Garantido, o Boi que tem na cor vermelha a sua identidade e no coração a representação dessa afirmação.

Se tem uma coisa da qual não podemos duvidar, dentro de toda aura mística que gira em torno do Boi-Bumbá Amazonense, é quando e onde foi fundado o Boi-Bumbá Garantido. Nascido na Baixa da Xanda<sup>39</sup>, tradicional bairro pobre e, na época, isolado de Parintins, localizado rio acima em relação ao centro. Tradicional bairro operário e, historicamente, moradia de trabalhadores das fábricas de juta, principal atividade econômica do Município de Parintins no início do século XX. Nesse bairro pobre, que hoje possivelmente seria chamado de periferia, surge o Boi Garantido. Seu fundador, Lindolfo Monteverde, tinha como ofício principal a pesca.

Como vimos anteriormente, existem divergências quanto ao ano de fundação do Garantido, tendo em conta o parâmetro que se adota para essa ‘fundação’. Essa divergência diz respeito à sua criação ou à primeira vez que o Boi foi posto na rua. Embora tenha sido criado anos antes, apenas após atingir certa idade o Boi foi posto às ruas. Como já vimos, deve-se lembrar que antigamente a brincadeira de Boi era uma brincadeira de adultos e, à época, com onze anos, Lindolfo Monteverde não poderia brincar com seu Boizinho nas ruas.

Curiosamente, o Garantido também carrega a pecha de ser conhecido como o Boi da promessa. Quando “Lindolfo adoeceu e fez uma promessa a São João Batista. Se recuperasse a saúde seu Boizinho não deixaria de sair à rua enquanto ele vivesse” (VALENTIN & CUNHA, 1998, p. 82). Mesmo tendo Lindolfo

---

<sup>39</sup> O antigo Bairro “Baixa da Xanda” hoje é conhecido pelo nome de Baixa do São José, tinha este nome em homenagem a mãe de Lindolfo Monteverde, que se chamava Alexandrina.



Monteverde falecido em 5 de julho de 1979, essa promessa é até hoje cumprida pelos brincantes e organizadores do Garantido.

Se tem outro título que cabe a este Bumbá, e sempre os seus torcedores fazem questão de lembrar, é o de “mais querido”. É falado por todos nos quatro cantos da cidade, que ‘Garantido é o mais querido’. Desde os visitantes turistas, pelas ruas, até o apresentador<sup>40</sup> oficial, durante a apresentação no Bumbódromo, para ‘provocar’ o contrário. “Em comum acordo com Lindolfo MonteVerde, o dono do Garantido, e Luís Gonzaga que tomava conta do Boi Azul, aceitaram o convite do Sr. Oneldes Martins e Pichita Cohen para realizarem a primeira competição entre os dois Bois. O título dado a essa 1ª competição intitulava-se ‘o mais querido’” (DÉMONTEVERDE, 2003, p. 81). Não é necessário (re)afirmar que o Garantido ganha essa ‘disputa’ e, até os dias atuais, brada-se como ‘O Mais Querido’.

Se o Boi Garantido tem como uma das suas marcas principais o coração na testa, poucas pessoas sabem como surgiu este coração na testa. Dentre elas, DéMonteverde (2003) assegura que foi Reinaldo Colares MonteVerde, filho de Lindolfo, que introduziu este que, hoje, é um de seus maiores símbolos, o coração (vermelho) na testa. Citando uma conversa com Reinaldo MonteVerde, DéMonteverde narra o surgimento deste símbolo.

“Meu pai estava para a pesca foi então que percebendo que eu fazia todas às vezes os bois todos iguais resolvi colocar na testa do boi que estava fazendo para comunidade do ‘Boto’ uma marca foi aí então que me veio a idéia de pôr um coração na testa daquele boi, eu preparei e montei o boi quando estava fazendo o acabamento, terminando de pintar o coração na testa do boi ouvi o barulho da tarrafa no chão, era o meu pai que acabava de chegar da pescaria ele se aproximou deu-me os parabéns por ter feito o detalhe do boi com muita perfeição.

---

<sup>40</sup> O apresentador é um dos itens oficiais a serem julgados durante o Festival. É dele a responsabilidade de apresentar aos jurados e aos espectadores o que o Boi apresenta na arena.

Foi aí que quando passou pra olhar de frente com o boi, pra sua surpresa viu o coração na testa do boi, meu pai chegou bem perto do boi e como se tivesse pegando o rosto de uma criança disse: 'Muito bonito, maravilhoso, grande idéia' e me falou orgulhoso: 'Meu filho está muito bonito mesmo, esse é o único boi que tu vai fazer com esse símbolo, quero que faças na testa do meu Garantido o mesmo que fizeste nesse boi, com um detalhe faz o coração vermelho'. É que eu tinha feito o coração e pintado de preto" (DÉMONTEVERDE, 2003, p. 18 e 19).

Nascia assim o Coração como símbolo do Boi Garantido. Surge como uma maneira de diferenciar os Bois, mesmo que, na época, não tivesse propriamente a mesma conotação que hoje lhe concebemos. E, se hoje este símbolo carrega toda uma conotação identitária e marcada junto às características deste Boi, certamente isso se deve à nova estruturação que vem ocorrendo nas festividades como um todo.

Hoje em dia, o Boi Garantido, além dos símbolos que foram explicados acima e dos títulos pelos quais é chamado, também é conhecido como o Boi do Povão (Figura 04).



FIGURA 04: Logotipo do Boi-

Bumbá Garantido. Imagem obtida através da revista oficial deste Bumbá, para o ano de 2006, entregue durante a coletiva de imprensa realizada em Parintins no dia 29 de Junho de 2006.

#### **4.3 – A INSERÇÃO DA FESTA NO CONTEXTO GLOBALITÁRIO**

Mesmo atualmente, ainda existem vários Bois na região amazônica que não sejam apenas os dois Bumbás de Parintins. De maneira concreta, pode-se afirmar a existência de Bois na cidade de Manaus, Fonte Boa, Itacoatiara e em várias outras cidades amazonenses (em anexo nº. 04 quadro esquemático dos Bois do Estado do Amazonas). Cada um dos Bois de outras cidades, seguramente, sofre influência da atual postura expansionista promovida por Caprichoso e Garantido. Esta influência apoteótica que advém de cantos rio

abaixo<sup>41</sup>, faz com que cada vez mais os tradicionais Bumbás percam a sua identidade e se transformem. Cada vez mais, pode-se observar que o auto do Boi é abandonado em troca de alegorias e figurações alheias à brincadeira inicial. O auto do Boi constitui-se na narrativa tradicional em torno do qual todo o conjunto de encenações ocorre<sup>42</sup>.

Gradativamente, vários itens foram sendo deixados de lado e vários outros foram sendo incorporados em nome de uma maior visibilidade e de uma maior competitividade. O auto do Boi não é mais encenado, pois causa sonolência em quem não o conhece e não tem a intenção de conhecer ou apenas tem olhos para a espetacularização do festival. Gradativamente, foi abandonado em favor de uma maior dinamização do espetáculo, logo, uma maior comercialização. Desta forma, acredita-se que os turistas tenham um maior interesse pelo ‘produto’.

Diversos pesquisadores já atentaram para o fato de estar o auto do Boi em Parintins sendo cada vez mais relegado a um segundo plano. Mara Eva LETÍZIA (2004, p. 42) já nos alertava que “no atual festival do folclore de Parintins, o antigo auto serve apenas de pretexto à festa dos currais vermelho e branco, e azul e branco”.

Cada vez mais, pode-se ver que o folguedo tradicional de rua vem sendo gradativamente abandonado e substituído pela épica encenação que ocorre no bumbódromo. Saindo dos cortejos e das ruas, com a criação do Festival Folclórico de Parintins<sup>43</sup> no ano de 1966, a brincadeira adota uma nova característica que, aos poucos, impede a antiga concepção de brincadeira de Boi. Passa, então, a protagonizar uma nova característica de espetacularização e encenação. Passam

<sup>41</sup> Aqui se faz uma alusão ao fato de Parintins estar justo na divisa do Estado do Amazonas com o Estado do Pará, desta forma qualquer influência que seja exercida por Parintins dentro do próprio Estado, será considerada a jusante, portanto Rio abaixo.

<sup>42</sup> De forma geral, este enredo se repete em todas as localidades onde ocorrem brincadeiras de Boi no Brasil. Seja do Boi de Mamão catarinense ao Boi-Bumbá de Parintins, passando pelos Bois nordestinos, pode-se observar, com variações, é claro, esta seqüência narrativa que dá voz e sentido à brincadeira. Esta narrativa, de forma geral, consiste na morte do boi e na sua ressurreição, geralmente motivado pelo desejo gestacional da esposa de um dos empregados da fazenda. As variantes consistem em como este boi morre e a forma de sua ressurreição. De maneira geral, a ressurreição do boi em si é quando se dá a grande festa.

<sup>43</sup> Em anexo, de número 06, quadro referente a todos os Festivais já realizados com os locais de realização, ano, Bumbá vencedor e a seqüência de títulos de cada um.

a ser importantes as regularizações e regulamentações que surgem para selecionar, avaliar e definir qual o melhor Boi a cada ano. Praticamente junto com o surgimento do Festival Folclórico de Parintins, chegam a Parintins água e luz de qualidade, a emissora de rádio e um Campus da Universidade Estadual do Rio de Janeiro que atuou por 10 anos na cidade (1967-1977).

De que outra forma poder-se-ia encarar a existência de outros Bois com os nomes de Caprichoso e Garantido no estado, se não como uma ação, mesmo que inconscientemente, expansionista? Claramente esta assimilação cultural que outros Bois sofrem vem suprimir as suas próprias raízes culturais. Com esta mudança prevaiente estamos seguros que cópias em miniatura surgem nos mais diversos cantos, influenciados pelo Festival tal qual é conhecido hoje. Onde estão as representações e os significativos iniciais?

No município de Fonte Boa, onde também existe um Festival Folclórico, apresentam-se os Bois Tira-Prosa e Corajoso, como demonstrado na Foto 11. Os itens e quesitos julgados em muito se assemelham aos julgados nas apresentações de Garantido e Caprichoso<sup>44</sup>. Como explicar que em Parintins, temos um touro branco com um coração vermelho na testa (Garantido) e em Fonte Boa temos um touro branco com uma estrela vermelha na testa rodeada com ramos de folhas de louro (Tira-Prosa)? Da mesma forma, qual seria a explicação para a existência de um touro negro com uma estrela de quatro pontas na testa (Corajoso) em Fonte Boa e um touro com uma estrela de cinco pontas (Caprichoso) em Parintins?

---

<sup>44</sup> No anexo 07 estão os vinte e um itens julgados no ano de 2006, no quadragésimo primeiro Festival Folclórico de Parintins.



FOTOGRAFIA 11: Pôster do Festival Folclórico de Fonte Boa. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JULHO de 2006.

Raimundo Dejard VIEIRA FILHO, ao falar da transformação ocorrida pela brincadeira, aponta que:

“A transformação da cidade vai levar à transformação do boi. No I Festival Folclórico de Parintins, em 1965, que era predominantemente feito por quadrilhas, Garantido e Caprichoso são convidados para uma participação especial. A partir daí, trocam o confronto violento das ruas por um confronto onde vários itens seriam julgados, entre eles harmonia e a arte de organizar e apresentar o boi. A grande mudança acontece, pois o boi de rua, que era apresentado numa ‘desordem organizada’ para satisfazer apenas ao lúdico, agora tem outros objetivos, passando a ser espetáculo para ser visto, apreciado e vendido como produto turístico” (VIEIRA FILHO, 2003, p. 26).

Assim, o autor nos passa a idéia de que gradualmente foi ocorrendo a transformação da brincadeira de Boi. Claramente isto se deve a nova concepção desenvolvida para a Festa de Boi após a sua encenação organizada e, nos últimos anos, após a construção do bumbódromo, pode-se observar uma mudança maior ainda. Com essa expansão, a Festa adquiriu destaque no cenário nacional e internacional. Ainda houve, nessa etapa, a apropriação feita pelo Estado da Festa que passa a utilizá-la como ‘vitrine’ “e apresenta os Bumbás de Parintins como expressão genuína do Estado diante de outros Estados da Federação e da comunidade internacional” (VIEIRA FILHO, 2003, p. 26).

Isso se torna claro quando o Estado assume a parceria na organização do Festival, através da Secretaria Estadual de Cultura, e a construção do novo espaço para as festividades, o bumbódromo, que tem como nome oficial Centro Cultural Amazonino Armando Mendes, governador à época da construção do bumbódromo e tradicional cacique político do Estado do Amazonas.

Junto com a crescente participação estatal no Festival, cada vez mais se faz necessária a participação de novos parceiros. Os custos cada vez maiores de produção do espetáculo fazem com que empresas e novas parcerias surjam quase na mesma proporção. Observavam-se, no ano de 2005, patrocinadores das mais diversas áreas de atuação envolvidas no Festival, podendo ser citadas Correios<sup>45</sup>, Coca-Cola, Kuat, Kaiser, Nokia, Amazônia Celular, Tim, Governo Federal, Governo Estadual, Governo Municipal, Rede Calderaro de Comunicação (afiliada local do Sistema Brasileiro de Comunicação – SBT), Bradesco e Petrobrás, marcas e empresas visualmente perceptíveis aos visitantes e participantes neste ano. Ainda que nem todas atuassem como patrocinadoras oficiais do Festival, contavam com suas marcas e logotipos espalhados pela cidade.

Seguindo os proveitos que podem ser gerados pela participação ou pelo aparecimento junto à Festa e ao Festival, várias empresas adotam peculiaridades

---

<sup>45</sup> Inclusive a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, popularmente conhecida como Correios, lançou no ano de 2004 dois selos comemorativos aos Bumbás de Parintins, que são apresentados no anexo 08.

e assumem novas características. Por sua vez, os Bois, cada vez mais, investem cifras grandiosas para preparar as suas apresentações: “atualmente cada bumbá necessita de mais de dois milhões de reais para a apresentação na arena” (VIEIRA FILHO, 2003, p. 18)<sup>46</sup>.

O investimento das grandes empresas vai desde simples produtos de lembrança aos participantes e aos populares, passando pela aquisição de camarotes destinados aos convidados especiais chegando até a construção de locais adequados para a estadia destes convidados durante o período em Parintins. No ano de 2005, a Coca-Cola inaugurou um novo barco com status de hotel cinco estrelas para acomodar seus convidados.

A festa acontece em todos os cantos, a cidade toda se vê tomada de Boi-Bumbá, numa explosão de alegrias, brincadeiras e danças, que efervescem e engrandecem a festa. Impossível estar em Parintins e não sentir, respirar, pulsar e/ou brincar<sup>47</sup> Boi-Bumbá.

Toda a cidade, de dia, gira em torno da praça em frente a catedral. Durante a noite, a festa acontece mesmo é no bumbódromo, isso para quem pode pagar o ingresso das arquibancadas especiais e/ou das cadeiras numeradas ou ainda para quem está disposto a passar toda a tarde sob o sol em busca de um dos lugares gratuitos na arquibancada destinada à ‘galera’. Haja vista que como a galera faz parte do regimento como item julgado, há uma grande procura por parte dos brincantes populares de ambas agremiações por estes lugares. Outro ponto a se ponderar é o custo dos ingressos, as cadeiras numeradas no ano de 2005 custavam R\$ 270,00 para as 3 noites de apresentações, em 2006 as

---

<sup>46</sup> E cabe lembrar que esse dado traz uma defasagem de pelo menos quatro anos para a data de realização deste trabalho.

<sup>47</sup> Utiliza-se, comumente, o termo ‘brincar de boi’ ao invés de dançar ou pular boi-bumbá. Provavelmente em uma referência e alusão às antigas brincadeiras de rua feitas nos primórdios do boi parintinense.



arquibancadas especiais saíam a um valor de R\$ 450,00<sup>48</sup>, conforme informações prestadas pelas diretorias dos dois Bumbás nos respectivos anos.

Outro ponto de festividade noturna é a “praça do desvio<sup>49</sup>”, que se localiza justamente atrás do bumbódromo (onde ficam as concentrações dos dois Bumbás, uma para cada lado da praça).

O Festival se torna elitizado, quando apenas alguns têm acesso ao bumbódromo. Isso é especialmente preocupante quando se percebe que a população parintinense fica à margem do festival que lhe pertence social e culturalmente. O império financeiro prevalece na organização do Festival e no acesso a ele. No trabalho de campo, foi observado que a população local tem acesso apenas às arquibancadas gratuitas. Com um alto custo, estas se tornam inacessíveis para a ampla maioria da população, mas são fonte de renda para alguns. Os Bois-Bumbás têm por costume pagar aos artistas locais com ingressos de arquibancadas e cadeiras, mas estes vendem os ingressos como fonte de renda, já que também é comum que os Bois-Bumbás não os paguem de forma adequada ou conforme o combinado. A sociedade, de uma forma, geral, embora tenha consciência desta situação vivida principalmente pelas camadas mais simples, conforme pôde ser percebido durante as conversas realizadas nos trabalhos de campo, tolera essa relação como uma possibilidade de aumento dos ganhos financeiros e até mesmo subsistência. Não nos esqueçamos que, em boa parte, os trabalhadores diretamente ligados às construções dos dois Bumbás são advindos das camadas mais pobres da população.

No ano de 2005, dois dias antes do início das apresentações no Festival, o governador do estado do Amazonas, Eduardo Braga, publicou e oficializou uma ajuda suplementar de um milhão de reais (R\$ 1.000.000,00) a cada uma das

---

<sup>48</sup> Devido à localização dentro do Bumbódromo, justo atrás da cabine dos jurados, as Arquibancadas Especiais sempre têm um valor mais elevado, quando comparado às Cadeiras Numeradas.

<sup>49</sup> Embora a praça tenha um nome oficial, ninguém na cidade a chama pelo nome e sim pela alcunha com o qual ficou popularmente conhecida, “Praça do Desvio”. O termo “Praça do Desvio” vem da alusão ao desvio de verbas públicas ocorrido na construção e reconstrução da praça.

agregiações. É fato consumado que artistas do Caprichoso se recusavam a entregar as alegorias feitas para a apresentação, caso não recebessem, o que prejudicaria o Festival. É fato que a ajuda inesperada acabou por premiar o Garantido, que se encontrava em dia com as suas contas. Mesmo a preferência pessoal do governador não podia deixar que ele privilegiasse uma ou outra agregiação, já que o que corria risco era exatamente o festival em si e não apenas um ou outro Bumbá<sup>50</sup>.

Dentro dessa nova lógica que se observa nos festivais seria inadmissível a falta de participação de um dos dois Bumbás. Financeiramente os patrocinadores não estão preparados para isso, comercialmente a cidade não está preparada, turisticamente o estado não está preparado para isso e publicitariamente nenhum dos envolvidos está preparado para isso. O custo seria muito alto a ser pago, para todos os elos dessa corrente.

Com as cifras que circulam na organização e no patrocínio do Festival podemos afirmar que a não realização acarretaria em um grande problema técnico e financeiro para todos os envolvidos..

Diante de tudo isso, podemos concordar com VALENTIN de que “não só pela grandeza, como também pela própria complexidade, o Boi-bumbá de Parintins se distancia, hoje, cada vez mais de suas matrizes originais” (2005, p. 121).

Há muito que se ponderar sobre esta situação. Contudo trata-la-emos como reflexo da estrutura capitalista na qual a Festa e o Festival têm os seus alicerces.

A participação da sociedade na festa é total, pois toda a cidade é envolvida, não apenas nos poucos dias que antecedem o festival ou quando chegam os turistas. Quem de fato faz a festa acontecer são os inúmeros populares que participam como carregadores que levam as grandes alegorias dos

---

<sup>50</sup> É fato notório e amplamente divulgado, na mídia estadual e local, que a pessoa em questão torce pelo Boi-Bumbá Caprichoso.

barracões até o bumbódromo, os voluntários que participam por amor ao Boi para o qual torcem, sem falar na “galera” que fica toda a tarde nas arquibancadas, ensaiando e esperando a hora da entrada do Boi na arena para a sua evolução. E, quando é chegada a hora, espera respeitosamente<sup>51</sup> a apresentação do “contrário”<sup>52</sup>, enquanto este faz as suas evoluções. A galera influencia de maneira direta no resultado; de certa forma, a sociedade, além de produzir o espetáculo, ainda pode influenciar no seu resultado.

A sociedade, em geral, que faz com que a Festa tenha o seu sentido máximo e seja a sua razão de ser, sim porque não se pode imaginar a Festa sem Parintins. Decisivamente, dentro da comunidade parintinense, o Festival tem se mostrado como ponto de extravasamento, como ponto de fuga. A comunidade tem também no Festival o seu ponto de apoio. Um necessita do outro e vice-versa. Intrinsecamente enraizadas, sociedade, Festival e Festa estão em Parintins, dentro de uma complexa estrutura sócio-cultural de fantásticas peculiaridades.

A cada ano que passa, milhões de reais são investidos para a realização do Festival. Esta grande quantidade de dinheiro é oriunda de diversas fontes: do Governo Federal, Governo do Estado do Amazonas, prefeitura Municipal de Parintins, da comercialização de discos com as músicas dos respectivos Bumbás, pela organização dos ‘currais’<sup>53</sup> dos Bois em Manaus (a partir do mês de março/abril) e dos patrocínios firmados com empresas.

Os patrocinadores são algo de maior envergadura e ao mesmo tempo um dos motivadores da realização do festival. Sem a sua presença constante, esta realização estaria comprometida. A quantidade de patrocinadores no bumbódromo, através de faixas e placas pintadas nas cores dos Bumbás, explicita

---

<sup>51</sup> Como já dito anteriormente, a galera é um dos itens julgados durante a apresentação. Bem como o seu mau comportamento também influencia com a perda de pontos, caso esta se manifeste durante a apresentação do outro boi. Durante uma apresentação a outra galera permanece quieta em silêncio e paciente, para que o seu boi não perca valiosos pontos.

<sup>52</sup> “Contrário” é como um adepto chama o(s) adepto(s) do outro Bumbá, para não ter de pronunciar seu nome.

<sup>53</sup> É como é conhecido o ensaio dos Bois. Servem tanto para ensaiar quanto para criar um aporte financeiro para o Boi.

claramente sua importância para o atual parâmetro de Festival que é praticado. Com a contribuição dos patrocinadores vem junto a interferência que acabam praticando, não é de se esperar que alguém ou alguma empresa invista milhões em algo que não possa minimamente moldar as suas necessidades ou as exigências dos seus consumidores. Se, por um lado, é interessante se mostrar ao lado da cultura, apoiando-a e até divulgando-a, esta relação se mostra improdutiva, caso o patrocinador não tenha ao menos o retorno do que foi investido junto a tal manifestação.

Dentro deste rol de atividades provedoras de receitas, é interessante salientar a realização dos currais em Manaus e os patrocínios, cada qual pelo seu motivo. Os currais são organizados por associações<sup>54</sup> específicas que existem apenas com o intuito de arrecadar proventos para que possa ser concretizado o Festival de Parintins, promover e difundir os Bumbás nos mais variados lugares. Estas organizações começaram a se articular em meados da década de 1990, quando ocorreu a grande explosão e febre dos Bumbás.

Mesmo levando em conta a relevância destes currais para a organização do Festival em Parintins, não se pode afirmar que haja uma semelhança entre estes ensaios e a apresentação que ocorre durante o Festival. Diferentemente das apresentações que ocorrem durante as três noites, as quais se desenvolvem segundo uma programação e normas que o regimento estabelece, os ensaios acontecem muito mais de uma forma lúdica e com a finalidade de diversão do que propriamente visando qualquer semelhança com as apresentações. Na realidade, estes ensaios acontecem diferentemente do que acreditam FERREIRA & BRAGA (2005, p.143) quando afirmam que “pode-se dizer que os currais são uma prévia do espetáculo promovido nas três últimas noites do mês de junho em Parintins, pois nos currais se pode sentir o que é o Boi-bumbá”.

Acredita-se que os currais servem principalmente para gerar, em parte, os recursos necessários para a organização da apresentação a ser feita. E ainda, que os currais cumprem um papel importante dentro da organização do que será

---

<sup>54</sup> No Caprichoso: Movimento Marujada. No Garantido: Movimento Amigos do Garantido.

apresentado nos três dias dentro do Festival. Contudo, não se pode estabelecer esta comparação em relação à grandiosidade do Festival e a dimensão que este atinge.

Não se pode negar que, em menor escala, a inserção dos currais na vida social de Manaus influencia toda uma participação de um determinado público alvo e de uma faixa etária, visto que, em sua maioria, os participantes destas organizações ligadas aos Bumbás são jovens.

Os recursos, financeiros mostram-se, cada vez mais os responsáveis diretos pela grandiosidade do Festival. No ano de 2006, o Boi Caprichoso dispôs de um orçamento de quatro milhões e meio de reais (R\$ 4.500.000,00) e o Boi Garantido de três milhões e meio (R\$ 3.500.000,00), segundo dados oficiais divulgados nas respectivas coletivas de imprensa e posteriormente amplamente divulgados pela mídia em nível estadual. Neste ano, a diretoria do Boi Caprichoso fez a promessa de que não haveria mais alegorias de pequeno porte em suas apresentações, pois elas não teriam mais espaço dentro da nova concepção de Boi-Bumbá de arena.

Realmente, o Boi Caprichoso cumpriu a promessa e não foram apresentadas alegorias ‘pequenas’. Contudo, mais importante que a grandeza escalar das alegorias dos Bois é a mesma grandeza que esta atitude revela. Percebe-se a clara modificação do Boi contida na promessa. Como se sabe, muitas vezes, a evolução ou a transformação é feita para ‘correr atrás’ do outro Bumbá que inicialmente introduziu alguma diferenciação.

#### ***4.4 – ‘CARNAVALIZAÇÃO’ DO BOI BUMBÁ OU ‘BUMBALIZAÇÃO’ DO CARNAVAL?***

Ao se tocar no assunto Boi-Bumbá, fora do eixo amazônico, o senso comum tende a relacioná-lo como um carnaval na selva. Com certeza, ao nos referirmos ao Boi-Bumbá como uma manifestação popular, temos de levar em

conta a sua carnavalização<sup>55</sup> que gradativamente ocorre(u) com a festa. Isso, com certeza, está relacionado com a expansão da festa. Contudo devemos também pensar no sentido oposto ao que foi relacionado: o de que houve também uma relativa ‘bumbalização’ do carnaval.

Inegavelmente, várias novas características referentes ao carnaval podem (puderam) ser observadas recentemente no Festival Folclórico de Parintins e mais fortemente na Festa do Boi-Bumbá. Estas características estão presentes desde a forte participação dos patrocinadores ao interesse da mídia pela sua divulgação. Para algumas pessoas, pesquisadoras ou não, várias influências vêm sendo notada desde que o Garantido passou a utilizar o instrumento musical denominado ‘surdo’ em sua Batucada<sup>56</sup>, em meados da década de 1970. Até então a Batucada e a Marujada eram compostas por repiques de marcação, palminhas e outros instrumentos, sem a presença de surdos. Hoje em dia, este instrumento é imprescindível para a marcação do compasso e a execução das músicas. Outras ‘influências’ são apontadas pelos participantes da Festa, como a crescente onda de luxuosidade e suntuosidade que vem sendo praticada no Festival, o advento de novos materiais e, conseqüentemente, novas técnicas de modelagem que são aplicadas nestes materiais. Tudo isto traz à lembrança imediata o carnaval praticado nas grandes capitais do país.

Também no sentido inverso, aos poucos, o carnaval vem se apropriando de novas técnicas e características presentes nos Bumbás parintinenses. Esta influência pôde ser sentida a partir do momento em que o conhecido carnavalesco Joãozinho Trinta concretiza este intercâmbio, em meados da década de 1990. Culminando, enfim, em 1998 quando a Acadêmicos do Salgueiro dedica todo um samba enredo<sup>57</sup> aos Bumbás. Neste ano, a participação de artistas parintinenses

---

<sup>55</sup> Vale destacar que essa carnavalização é uma assimilação de características do carnaval do Rio de Janeiro, que é justamente o mais “industrial” das manifestações carnavalescas.

<sup>56</sup> Batucada é, para o Boi Garantido, o que conhecemos como a bateria das escolas de Samba. No Boi Caprichoso, adota-se o nome de Marujada de Guerra, podendo ainda ser chamada simplesmente de Marujada.

<sup>57</sup> No anexo 05, a letra do samba enredo do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, presente na elite do carnaval carioca, no ano de 1998. Anexo 09.

tem relevância e se mostra fundamental à execução e concretização do desfile na Avenida Marquês de Sapucaí. Visto que, não apenas cantar Parintins é a fundamentação do samba enredo, toda uma áurea, uma cronologia e uma encenação são construídas para o desfile. Para o ano de 2007, a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Sossego, escola de samba das divisões de acesso do carnaval carioca, movida pela semelhança entre as suas cores e as do Bumbá Caprichoso, apresentou um enredo totalmente voltado a este Bumbá<sup>58</sup>, intitulado ‘a nação azul e branca de Parintins’.

Após esta convicta participação, aos poucos, os artistas que produzem o Festival de Parintins têm sido cada vez mais procurados pelas agremiações carnavalescas para o enriquecimento das suas alegorias. Busca-se, através dos artistas parintinenses, a superação de alguns velhos problemas técnicos enfrentados pelas escolas de samba. Um claro exemplo disto é o fator limitante de altura que há que ser enfrentado na avenida no carnaval Carioca, fator inexistente em Parintins. Esta limitação impede que as escolas de samba façam carros alegóricos maiores do que uma determinada altura, que é balizada na própria avenida através de uma estrutura de concreto construída especificamente para esta finalidade. Ao adotarem os novos estilos de montagens alegóricas, tal qual os produzidos em Parintins, essa limitação é facilmente contornada.

Dentre outras questões, é apontada a nova visualização dos carros alegóricos. Antigamente os carros eram parados e consolidadamente rígidos, após a participação destes artistas ‘importados’, é visível a mudança, pois passam a dispor de articulações e movimentações através do sistema de cabos e roldanas que já era praticada em Parintins, há muito tempo. Assim, em um extremo, poder-se-ia dizer que, ironicamente, a selva leva a tecnologia à cidade!

No desfile do carnaval de 2006, a Acadêmicos do Salgueiro, por exemplo, contou com este sistema de roldanas e articulações em um dos seus carros alegóricos mais importantes no desfile. No mesmo ano de 2006, a Acadêmicos do

---

<sup>58</sup> No anexo 10, letra do samba enredo do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Sossego no ano de 2007.

Grande Rio tinha, em seus barracões de construção e montagem, uma alegoria que foi apresentada pelo Bumbá Garantido no ano de 2005, ou seja, meio ano antes (Fotografia 12). Fato que não é de estranhar, visto que durante o 40º Festival Folclórico de Parintins corria solta a informação que vários dos artistas locais já estariam de malas prontas para auxiliar as escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo. Causa menos estranhamento ainda, quando se percebe que, na Acadêmicos do Grande Rio, dentre os seus principais carnavalescos e construtores do seu desfile, estavam artistas parintinenses.



FOTOGRAFIA 12: Alegoria apresentada pelo Boi-Bumbá Garantido no primeiro dia das apresentações do 40º Festival Folclórico de Parintins, que se encontrava no barracão da Grande Rio em 2006. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Na verdade, não é a primeira vez que este intercâmbio de artistas e alegorias é percebido. Já que “em 2005, a Escola de Samba Beija-Flor apresentou uma alegoria em forma de oca giratória vista numa das apresentações do Boi Caprichoso no ano anterior” (FARIAS, 2005, p. 42).



Também, este autor relatou a utilização, por parte do Boi Garantido no ano de 2004, durante um dos seus rituais, do mesmo 'Homem Voador' utilizado pela Acadêmicos do Grande Rio nos anos de 2002 e 2003.

Mesmo no inexpressivo, e quase inexistente, carnaval curitibano, o Boi-Bumbá já marcou presença. A escola de samba Acadêmicos da Realeza, durante o seu desfile de 2006, reservou um dos seus três carros alegóricos ao Festival de Parintins. Trabalhando nele, justamente, a questão de chegada dos participantes ao Festival. Este carro era na verdade a réplica de um barco amazônico que se encarregava de aludir sobre o transportar dos brincantes e sua chegada à cidade de Parintins.

Outra influência do Boi-Bumbá encontra-se na cidade de Manaus. Na época carnavalesca, ao invés do tradicional carnaval puro e simples, se é que em algum momento pode-se chamar de 'simples' o carnaval como é conhecido hoje, criou-se o 'carnaboi'. Trata-se de uma adaptação local do carnaval com o Boi-Bumbá, onde os foliões se divertem à maneira local. Existe, sim, o carnaval tradicional em diversos pontos da cidade, contudo o grosso dos foliões praticam esta mistura que, ao mesmo tempo, serve de comemoração carnavalesca e de preparação e início das atividades que culminarão no Festival no mês de junho. Na ocasião, são lançadas as novas músicas e do boi e quando se inaugura o calendário de atividades dos Bumbás.

O fato inusitado é que, durante esta atividade do 'carnaboi', os Bois da cidade de Manaus, Garanhão, Brilhante e Corre Campo, abrem as atividades, ao invés dos tradicionais rivais vindos de Parintins.

Diante de tudo o que foi exposto acima, não se pode negar o fato de que o carnaval tem realizado significativas alterações no Festival Folclórico e na Festa do Boi-Bumbá de Parintins, contudo o que se observa é que estas alterações colocam-se como uma via de mão dupla. Esta "evidente porém contestada carnavalização dos Bois de Parintins" (FARIAS, 2005, p. 42) já foi amplamente discutida e teorizada.

Ao mesmo tempo em que “o Boi-de-Parintins incorporou os elementos da estética do carnaval” (PAES LOUREIRO, 2002, p. 121) pode-se avaliar que existem as contribuições do carnaval, porém existem também as contribuições dos Boi-Bumbás ao carnaval. Intrinsecamente estas contribuições se mostram complementares e necessárias. Evidentemente que a relação Boi-Bumbá/Carnaval tem gerado bons frutos aos dois lados. Se, por um lado, tem-se uma maior introdução de tecnologias nos carros alegóricos no carnaval, por outro, lado em Parintins, tem-se observado o crescimento da espetacularização e da massificação do outrora folguedo junino. Além disso, o acréscimo musical e estrutural ao Festival de Parintins tem sido inestimável.

Porém, em que sentido a carnavalização pode oferecer um maior perigo de homogeneização, de mesmificação, ao Festival Folclórico de Parintins? Acredita-se na sensatez da fala de PAES LOUREIRO (2002, p. 122) quando afirma que o verdadeiro perigo está quando passam a ocorrer “as incorporações dos signos inerentes às escolas de samba e ao desfile carnavalesco na estrutura desse bumbá”.

Parece positivo partir da premissa que inovações tecnológicas ocorrerão, mesmo que não estejam obrigatoriamente ligadas ao carnaval, de uma forma ou de outra. Assim, parece ainda mais positivo pensar que o grande perigo destas mudanças que vêm ocorrendo é quando estas abalarem as estruturas simbólicas do Boi-Bumbá. Acreditamos que nisto, sim, reside o perigo da carnavalização do Boi-Bumbá. Quando este deixar de estar socialmente referenciado e deixar de ser uma representação e significação dos atores sociais locais, certamente, perderá a sua identidade e a sua representatividade.

## 5 – A FESTA E A GLOBALIZAÇÃO

Há 41 anos<sup>59</sup>, existe o Festival Folclórico de Parintins. Porém, cada vez mais, escutamos falar que o Boi-Bumbá está se tornando mais carnavalizado, mais dinâmico ou ainda mais *globalizado*. Mas o que se quer dizer quando se afirma que o Boi-Bumbá de Parintins, especificamente, está mais globalizado?<sup>60</sup>

Neste estudo, adota-se um posicionamento um pouco divergente daquele proposto por Milton Santos quando o autor defende que a globalização, enquanto idealização, é algo antigo, mas, enquanto realização de fato, só ocorre após a Segunda Guerra mundial (SANTOS, 2000). Preferimos, o posicionamento de Pierre GEORGE (1980). Segundo este, a globalização<sup>61</sup> de fato ocorre após (junto com) as grandes navegações. Ou seja, a partir da grande expansão marítima européia, é que temos uma considerável alteração paradigmática nas relações existentes, até então. Desse modo, as Américas sempre estiveram presentes no processo de globalização em curso no mundo, desde o princípio das grandes navegações.

Dessa forma, pode-se afirmar também que a chegada do Boi-Bumbá nos rincões da Amazônia e do território<sup>62</sup> nacional brasileiro já foi fruto de uma expansão proveniente do processo de globalização em curso. Assim, a existência dessas manifestações culturais já é pôr si só um elemento constituinte e ao

---

<sup>59</sup> Referente ao ano de 2006.

<sup>60</sup> Exemplificando a dificuldade de tratar conceitualmente dos processos de transformação sócio-cultural no período atual, pode-se citar a análise de Boaventura de Souza SANTOS (1991), o qual se refere ao período atual como *pós-modernidade* por absoluta falta de opção ou de outra caracterização plausível. De fato, o próprio autor afirma que é por falta de escolha que utiliza esse termo para operacionalizar seus estudos sobre o período atual.

<sup>61</sup> Embora Pierre George não utilize especificamente o termo 'globalização', o autor tece uma construção teórica evidenciando o que hoje chamaríamos de globalização. Quando ao falar que "a expansão européia teve por efeito uma universalização das necessidades, ao menos a título virtual e psicológico e a multiplicação das formas de produção de matérias brutas ou semi-elaboradas em todos os países do para o mercado da Europa" (GEORGE, 1980. p. 29).

<sup>62</sup> Aqui território é tratado enquanto observado como dimensão física. Enquanto representação de uma apropriação física do Estado, devidamente delimitado. Essa abordagem é a mesma apresentada por RATZEL.

mesmo tempo fruto do processo expansionista europeu que deu início à globalização. Esse variado conjunto de representações, encenações e caracterizações não existia onde hoje existem, elas foram trazidas e introduzidas gradativamente com o processo de colonização que se realizava em terras americanas.

Mas, se essas manifestações não existiam antes da globalização, como podemos afirmar que a globalização vem alterando essas manifestações? Como podemos dizer que a globalização altera as relações (pré)existentes (con)vividas pelas sociedades locais, em especial pela Parintinense? Existem de fato algumas alterações nos modos de vida desta sociedade ocorridas em função de influências externas, mas parece equivocado atribuir tais mudanças à globalização, como se estivéssemos buscando um bode expiatório.

Quando se analisam os relatos dos folguedos juninos que deram origem ao que hoje é a festa do Boi-Bumbá de Parintins, observa-se a nítida situação de uma brincadeira popular que tem apenas como intuito a diversão da população e da sociedade local. Hoje em dia, o que se vêem são estruturas completamente modificadas em relação à original, nas quais, conforme visto, destaca-se a atuação dos patrocinadores. E, desencantando um pouco a atuação dos Bumbás, sempre que se aproxima o momento do festival, começam a aparecer as denúncias públicas de desvio de verba e de não pagamento de funcionários, embora os repasses por parte dos patrocinadores sejam feitos, conforme demonstrado por RODRIGUES (2006).

Decisivamente, dos tempos primórdios de festa nas ruas e richa entre os simpatizantes, que chegavam as vias de fato causando tumulto na cidade, pouco restou.

## ***5.1 – TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES DA/NA FESTA***

Ao chegar-se em Parintins, costumeiramente, a primeira pergunta a ser feita é: onde ficar alojado durante a estadia na cidade? Implícita nessa pergunta está a questão: ficar-se-á do lado do Caprichoso ou do Garantido?

Diante dessa interpretação social de Parintins, verifica-se que as variadas identidades acabam por determinar as 'relevâncias'<sup>63</sup> de um ou de outro Bumbá, fazendo com que ocorra a apropriação dos territórios correspondentes. Essa relação, manifestada através das cores de cada agremiação, demonstra onde começa e acaba o território de cada um, uma vez que simultaneamente traduzem uma apropriação espacial, por mais que subjetiva, e uma relação de poder com esse espaço configurado.

Embora traduzir essas relações identitárias para uma interpretação de uma apropriação subjetiva do espaço requeira que se contextualize historicamente a sociedade em questão, não se pode esquecer que essa mesma configuração sócio-espacial se demonstra e se relaciona de forma mutável, devido a fatores externos. Desse modo, a lógica da separação territorial não é algo fixo e imutável.

Como já destacamos anteriormente, as identidades externalizadas, das mais diversas formas possíveis, são pontos primordiais para a identificação dos respectivos territórios. Uma vez que temos os territórios e eles nos remetem a uma lógica de reafirmação local e enraizamento das sociedades, a questão identitária não pode ser renegada ao falarmos do Boi-Bumbá de Parintins. Pois, "ao tornar próprio aquilo que nos é externo, ao dar sentido às coisas, ao identificá-las, identifica-se e, assim, constrói-se identidades de cada um" (GONÇALVES, 2003, p. 37).

À medida que acontece essa externalização de valores, sentimentos e relações, podemos ponderar a formação ou a conformação de novos territórios. Vejamos o que diz Gonçalves sobre isso:

---

<sup>63</sup> Usa-se 'relevâncias' por compreender que o valor dado a determinado boi pode variar de pessoa para pessoa, de boi para boi, e, principalmente essa relação pode ser muito tênue quando nos referimos ao boi contrário de cada torcedor. Essa relevância dispensada ao 'contrário' pode seguramente se configurar em algo muito efêmero e/ou insignificante.

“O território passa, então, a ser o externo incorporado, aquilo que faz com que cada um determinado grupo social tenha como seus limites, dois sentidos, pelo menos: até onde não só pode, no sentido de poder, como também até onde tem validade, legalidade, o que define como *suas* regras, *suas* normas, os limites dessa própria apropriação” (Op. cit., 2003, p. 37)<sup>64</sup>.

No caso parintinense, essa apropriação espacial se reflete através de outra apropriação. A manifestação de uma identidade co-relata a um ou outro Boi vem sempre a se manifestar como ponto de afirmação sócio-espacial ao mesmo tempo em que, na prática, demonstra-se uma conformização identitária. Não é demasiado afirmar que os mais diversos grupos sociais, em Parintins, manifestam a sua identidade através das cores dos dois Bois. Assim, a manifestação pública da sua identidade ou da sua ralação com Caprichoso ou Garantido se dá através das cores azul e vermelho, respectivamente.

Certamente, um dos aspectos mais interessantes quando se retrata a festa do Boi-Bumbá de Parintins é a identidade correlata e co-existente de cada um dos Bois. As relações mantidas sob o espectro identitário certamente fornece subsídios para uma melhor compreensão social. Quando falamos em identidade, nesse sentido, relacionamos as práticas e as relações externalizadas de afirmação ou reafirmação a respeito de cada Bumbá. Essas relações ocorrem em todos os lados em Parintins e, por isso, acreditamos que possam servir de parâmetro para a compreensão societária da cidade.

Em cada lugar aonde se vai na cidade, há uma relação explícita dos moradores com um ou com o outro Bumbá. Como já demonstramos, essa relação pode ser desde um simples atrativo turístico, como os orelhões personalizados, até uma relação subjetiva, a qual pode chegar ao extremos dos indivíduos se recusarem a utilizar as cores do contrário (VALENTIN & CUNHA, 1998). E

---

<sup>64</sup> Grifos conforme o original.

observa-se que em todas as instâncias, desde a casa, o carro e passando pela vestimenta, encontram-se provas de fidelidade e identificação ao Boi preferido.

Esse tipo de relação social, externalizada, que consiste numa forma de apropriação identitária, em Parintins, se dá através da manifestação das cores dos respectivos Bumbás. Se manifestando em azul e branco ou se colocando em vermelho e branco, claramente demonstra que as relações passam pelas apropriações dessas cores, enquanto símbolos de sua identidade. O mais importante, porém, é que essas identidades, à medida que manifestadas socialmente, tornam-se também elementos constituintes de determinadas territorialidades que existem dentro da sociedade parintinense.

Essas identidades, ao passo que traduzem uma apropriação e uma representação clara dessa apropriação do espaço, evidenciam as relações ali evidentes. Ao mesmo tempo em que passam a conformar essa relação entre o espaço apropriado e as sociedades ali presentes, passam a externalizar as relações de domínio territorial. À medida que estas identidades são divulgadas e coletivamente representadas passam a servir, ao mesmo tempo, como uma simbologia para a apropriação deste ou daquele território, pois intrínseco a esta externalização está a relação de poder ali exercida.

Necessariamente, quando falamos do Boi-Bumbá de Parintins, devemos relacionar essa perspectiva identitária com as várias visões de Amazônia anteriormente descritas. O posicionamento que considera o Boi-Bumbá enquanto referenciado a uma identidade positiva foi abordado por Araci Maria LABIAK (2000). Observa-se que, em várias visões que, muitas vezes são apropriadas e divulgadas pelos próprios amazônidas, o Boi-Bumbá vem a ser considerado como manifestação positiva.

Outrora abordado por VIEIRA FILHO, o tema das identidades culturais construídas através do Boi-Bumbá vem a se mostrar ponto de apoio primordial para a apropriação territorial, pois quando ele diz que “a identidade cultural tem uma relação com os fenômenos fundadores de uma comunidade e a apropriação de um território por um povo, e se constrói e se reconstrói a partir de uma intensa

interação entre os indivíduos de uma região e o meio ambiente que os envolve” (2002, p. 31), na prática, diz que a identidade cultural de cada lugar passa a servir como subsídio primordial para a compreensão da interação sociedade-meio.

Como vimos, autores como Labiak e Vieira Filho já analisaram esta temática. A novidade nesta abordagem é enfatizar a forma de manifestação dessa auto-afirmação identitária, na medida em que passaria a servir de subsídio para a compreensão da construção territorial e, conseqüentemente, das territorialidades envolvidas. Não apenas existindo enquanto identidade cultural pura e simplesmente, mas sendo observada ao ponto que esta identidade existente passa a interferir no cotidiano e no modo de vida da sociedade. Ao considerarmos que a manifestação desta relação identitária em ambos os lados se dá através das cores dos Bumbás, criamos uma situação em que se torna possível a constatação desta identidade, intrinsecamente vivida e convivida pela sociedade parintinense.

Ao ampliar a escala de análise, visando abranger o estado do Amazonas por completo, é preciso levar em conta também outras manifestações e não apenas as brincadeiras de Boi. Como já foi comentado, no estado do Amazonas não existem apenas os Bumbás Garantido e Caprichoso. NOGUEIRA (2002) assinala que outro ponto importante dentro da tradição em nível estadual seriam as cirandas, especificamente, no estudo tratando sobre a ciranda de Manacapuru e, mais perto de Parintins, no estado do Pará, a festa do Sairé, de Alter do Chão. Acrescentaríamos ainda, como exemplo, a festa dos peixes, em Barcelos.

Quando se fala em identidade, há de se levar em conta que ela se presta à diferenciação enquanto (auto)afirmação. Desse modo, “diferença é diferença da identidade e da semelhança, o algo posto de fora das articulações do sensível e do inteligível” (MOREIRA, 1999, p. 42). Portanto, a identidade passa a servir de instrumento de diferenciação, seja ela coletiva ou individual, que muitas vezes manifesta-se de maneira subjetiva e/ou imperceptível aos nossos olhares.

A diferença identitária assume a relação onde, guardada as proporções e as escalas dos lugares, há necessariamente que haver uma composição identitária servindo enquanto contraponto. Assim à medida que “a identidade



suprime o espaço, a diferença o restabelece. Suprimida a diferença, morre a interação” (MOREIRA, 1999, p. 48).

Como já abordamos anteriormente, no capítulo que trata acerca do estudo das territorialidades e dos territórios dentro da Geografia, o caráter identitário vem contribuir e arraigar um forte entrelaçamento territorial, enquanto as dinâmicas díspares a esse caráter vêm com o significado igualmente inverso, remetendo-nos às desterritorializações. Deste modo, consideramos que o “território como espaço de identidade cultural, [e] instrumento de um grupo cultural e/ou religioso, é fundamental no mundo contemporâneo” (HAESBAERT, 1997, p. 37). Portanto, a concepção dessa formação identitária revela-se crucial para o entendimento das territorialidades, como veremos a seguir.

A idéia de identidade pode variar segundo várias visões analíticas. Da Filosofia à Geografia, passando pela Antropologia, Sociologia e Psicologia, o conceito de identidade passa igualmente por diversas caracterizações e conceituações diferenciadas e, por vezes, divergentes. É preciso reconhecer, quando se aborda a identidade sob um enfoque geográfico, que muitas vezes busca-se essa conceituação em outras áreas. Essa conceituação a ser utilizada tem de ser obtida em outras áreas de estudo justamente por não termos uma caracterização, comumente utilizada, deste conceito.

Ao resgatar essa co-relação da identidade com o território, pretende-se entendê-la enquanto uma concepção coletiva. Priorizando, assim, as manifestações individuais de cada agente social, concebidas dentro de uma particularidade socialmente coletiva. Ao se manifestar, mesmo que de forma individual, cada agente acaba por refletir uma expressão social e coletivamente referenciada.

A partir do momento que observamos estas construções em torno das duas cores em questão, nada mais do que queremos é “chamar a atenção para certos aspectos simbólicos [...] que impactam nossa identidade e a identidade social” (COELHO, 2002, p. 70). Mais do que simplesmente objetos propriamente ditos, pondera-se a relação dentre os objetos enquanto sujeitos da ação. Assim,

abrindo a possibilidade de que por vezes adotem um caráter não necessariamente material e palpável.

Como neste caso surgiriam as cores, uma vez que surgem enquanto objeto-sujeito da ação proposta e visualmente mantêm as suas características? Assim, podendo “inferir o papel do objeto em questão como representação de identidade e construção de individualidade. Como hipótese dessa configuração identitária” (COELHO, 2002, p. 72).

Dessa forma, acredita-se que as cores, uma vez que se expressam pela ampla maioria dos brincantes, dos turistas e/ou dos próprios moradores da cidade, possibilitam analisar parte da composição societária em Parintins. E, ainda, fornecem subsídios para compreender as territorialidades, baseando-nos na relação já explicitada anteriormente entre as territorialidades e as identidades apoia-se no fato de que “em Parintins, o espaço visual é constituído a partir do azul e do vermelho” (VALENTIN, 2005, p. 201).

Os turistas, quando utilizam uma roupa de uma ou de outra cor, por exemplo, acabam manifestando consciente e voluntariamente uma preferência por um ou outro Boi e tanto é assim que em muitos casos há a preocupação para a não utilização de qualquer uma das cores pelos que querem ou precisam se manter ‘neutros’. Já os moradores não praticam apenas esta forma temporária de manifestação, mas formas mais diretas de manifestação perante a sociedade, fazendo com que a sua escolha seja amplamente conhecida e afirmada e, em alguns casos, chegando a medidas extremas.

Destacamos aqui o caráter muito mais do que festivo dessa representação e isso fica claro quando moradores passam a alterar a sua rotina diária em virtude da existência ou não da cor contrária, que representa o Boi contrário.

Em Parintins, é famosa a casa de Dona Maria Ângela, torcedora fanática do Garantido (Fotografias 13 e 14), casa esta na qual não entra nada que contenha a cor azul, devido a sua relação com o Boi Caprichoso. Há quem afirme (torcedores do Caprichoso geralmente) que tudo não passa de uma brincadeira e

que, em outras épocas do ano, entram sim objetos da cor azul na casa. Mas o fato é que é famosa a fotografia de sua piscina vazia, mesmo no calor escaldante que faz na região, pois o acumulo de água faz com que a coloração azul, que neste caso não é bem-vinda, venha à tona. Porém o que se deseja ressaltar aqui não é a questão da presença ou não da cor, mas sim destacar a influência que essas formas de afirmação identitária exercem na vida cotidiana.



FOTOGRAFIA 13: Casa de Dona Maria Ângela Farias. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.



FOTOGRAFIA 14: Muro da casa de Dona Maria Ângela Farias onde, se não bastasse a cor, fica evidente a relação com o Bumbá Garantido. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

E, do mesmo modo que existe a casa vermelha, existem também casas onde a predominância da cor azul é quase completa (Fotografia 15). Embora o exemplo da casa de Dona Maria Ângela seja o mais conhecido e emblemático, a mesma situação pode ser observada do lado azul, conforme a fotografia que se segue.



FOTOGRAFIA 15: Casa Azul identificando-se com o Bumbá Caprichoso. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Mais interessante ainda é observar que essa relação identitária não acontece apenas na 'classe média', mas também nos mais diversos níveis sociais. Como nos exemplos acima, pode-se observar que existe uma condição social, relativamente mais elevada por parte dos seus proprietários, porém essa relação externalizada com relação a um Boi também pode ser observada em casas com características bem mais simples.

Certamente pessoas com uma condição financeira mais elevada, poderão caracterizar melhor as suas residências e visualmente conceder a esta relação uma conotação visual mais chamativa. Porém, como pode ser visualizado na fotografia 16, mesmo que com características mais simples e de maneira mais discreta, essa relação pode ser também percebida nas camadas menos abastadas da sociedade.





FOTOGRAFIA 16: Casa de características simples co-relacionando-se como o Caprichoso. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JULHO de 2006.

É mister ressaltar que a aplicação das cores nas moradias é um exemplo significativo, pois demonstra uma interferência direta das identidades construídas em torno do Festival nas relações cotidianas da sociedade. Contudo essa mesma preocupação com as relações adequadas de cores e a sua correta identificação perante determinado grupo pode ser sentida mesmo nos equipamentos urbanos que compõem a cidade (Fotografias 17 e 18), desde orelhões a placas de trânsito, conforme já mencionado.



FOTOGRAFIA 17: Placa de trânsito azul, encontrada do 'lado' do Caprichoso. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.



FOTOGRAFIA 18: Placa de trânsito vermelha, encontrada do 'lado' do Garantido. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Mesmo enquanto órgãos públicos, portanto teoricamente alheios a essas relações identitárias da sociedade, essa preocupação cada vez mais vem sendo a tônica da relação perante os partidários de um lado ou do outro. A satisfação, a priori, tem de ser ampla e consensual. Dessa forma, fica evidente que em Parintins as cores (azul e vermelho) atuam como ponto de afirmação identitária, servindo como base para uma estruturação social e, à medida que ela é expressa

coletivamente, passa a servir como ponto principal para a corroboração de uma lógica de territorialização dos dois Bumbás (Caprichoso e Garantido).

A divulgação da sua condição enquanto membro de tal agremiação, a demarcação da zona de atuação de cada um, indubitavelmente passam pelo confronto de cores. Não apenas ao nos referirmos à divisão territorial da cidade, mas como ela também acaba por interferir em toda a relação social. O próprio bumbódromo que, ao longo do ano, é utilizado como escola, é pintado nessas duas cores de forma dividida. Contudo, é preciso não esquecer que a “singularidade aqui não é uma originalidade radical ou uma alteridade incapaz de troca, e sim outra estratégia para o reconhecimento de si mesmo e suas demandas” (SODRÉ, 2001, p. 18). Sabemos então que a auto-afirmação, na prática, antes de qualquer coisa, constitui-se em um instrumento de diferenciação social perante os demais, para que as suas demandas e ponderações sejam observadas. Conforme afirma MISHLER (2002), não se pode encarar a(s) identidade(s) sem um olhar histórico que corrobore a visão do pesquisador. A(s) identidade(s) seria(m) um palco de transformações amarradas e forjadas dentro de uma sucessão linearmente construída.

VALENTIN, por sua vez, afirma que “o festival de Parintins, indubitavelmente, vem contribuindo para a formação de uma nova identidade cultural no Amazonas” (2005, p. 122), e que embora seja “uma identidade ainda em formação” (Op cit., p. 122), já vem apresentando laços significativos e representativos da cultura com a sociedade local. Aqui se percebe claramente que, para o autor, essa identidade vem sendo construída ao longo dos tempos de forma seqüencial, linear e não apenas pontualmente conceituada de forma arbitrária. Ainda na mesma situação vemos que a escala de análise do autor, para esse parâmetro, é o estado do Amazonas, o que sem dúvida lhe confere uma gama maior de condicionantes e probabilidades. E ele acrescenta que “Garantido e Caprichoso resgatam seu passado, ‘imaginam’ sua história de maneiras



diferentes criando, assim, identidades próprias e diversas” (Op cit., p. 123)<sup>65</sup>. Assim, fica claro que, mesmo tendo um importante componente histórico em sua formação, a construção dessa identidade cultural, como o autor chama, não pode ser dada como finalizada e muito menos como semelhante às duas identidades em questão, cada qual relacionada com um determinado Boi parintinense.

Concordando com os posicionamentos de Valentin, é pertinente levantar a hipótese de que estas identidades podem ser analisadas enquanto identidades culturais. Pois à medida que se extrapola a esfera cultural, passando a interferir na vida cotidiana de toda a sociedade parintinense, parece-nos mais prudente tratá-la enquanto uma formação identitária apenas. Possivelmente muito mais perto de um caráter social ou sócio-cultural do que apenas cultural.

Temos ainda, dentro de outra escala de análise, de ressaltar as ponderações feitas por Luiz Felipe Baeta NEVES (2003) ao defender a não mais existência de uma identidade local única, pois ele assinala a existência de uma “identidade universal” surgida através do processo de globalização em curso. Quebrando dessa forma a lógica de construção identitária local e singular, passa-se então à coletividade dentro de uma escala analítica de maior amplitude, à medida que relações pessoais passam a ser evocadas e entoadas não mais por um “indivíduo individual fundador de si mesmo e absoluto” (Op. cit., p. 23). Essas palavras vêm fazer coro com HALL (2002) quando ele afirma que a produção de novas identidades é um dos efeitos da globalização.

Coincidentemente ou não, é a partir do marco que Hall nos dá enquanto início da globalização, anos 1990, que temos a grande explosão do Festival Folclórico de Parintins e conseqüentemente a sua grande expansão enquanto festa globalizada e mais posteriormente globalizante. A construção do bumbódromo, no ano de 1988, é o marco principal da expansão das relações sociais que envolvem o Festival Folclórico, bem como a Festa do Boi. Com efeito, após a construção do bumbódromo, é quando o Boi-Bumbá de Parintins atinge o seu apogeu e dissemina-se de forma vertiginosa, atingindo quase todos os

---

<sup>65</sup> Aspas conforme o original.

estados da região Norte do país, vários outros estados espalhados pelo Brasil e alcançando até certa visibilidade internacional. Assim, pode-se dizer que “a construção do bumbódromo, na avenida Nações Unidas, estabeleceu um marco na história do festival” (RODRIGUES, 2006, p. 90).

Afirmção esta que é corroborada por VALENTIN, para quem “o *Bumbódromo* é o marco divisor definitivo entre a inocente brincadeira de boi e o grandioso espetáculo de massa.” (2005, p. 104)<sup>66</sup>. Portanto não apenas um marco nas apresentações do Festival, mas também um marco nas festividades como um todo, certamente mantendo uma grande influência na Festa em geral, conseqüentemente, na cidade toda e na sociedade local.

Ainda, sobre as identidades culturais coletivas presentes em uma sociedade, podemos ressaltar que Anthony SMITH as caracteriza como “sentimentos e valores em relação a uma determinada unidade da população que teve experiências e atributos culturais semelhantes” (1999, p. 192). Como no estudo em questão, caracterizamos desse modo as relações da(s) população(ções) com Caprichoso e Garantido. Haja vista que não é necessário termos uma completa e total adequação, muito menos a presença de uma média, com relação a esses parâmetros sócio-culturais, dentro dessa sociedade surgem indicadores e referências (Op. Cit., 1999) que podem ser compreendidas e utilizadas para estabelecer a diferenciação identitária aqui proposta.

Portanto, cada vez mais a afirmação, ou melhor dizendo, a auto-afirmação, manifestada através das cores azul ou vermelho não significa nada mais do que a relação inicial do sujeito que manifesta essa relação com um Bumbá. E à medida que essa externalização se torna latente e visível, passa a demonstrar e servir de parâmetro para o confronto de forças, passando-se a identificar com este ou aquele, o que, na verdade, acaba por traduzir relações sociais de poder dentro da sociedade parintinense. Ao expressar a sua cor, ao mesmo tempo em que exerce e pratica a sua relação identitária, implicitamente pode ser observada a relação de poder que o indivíduo exerce sobre o ambiente

---

<sup>66</sup> Grifo conforme o original.

que o circunda. Ao defender a representação territorial com base na apropriação quase simbólica feita através das cores, pode-se afirmar que:

“A territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele” (Raffestin, 1993, Pgs .144 e 145)<sup>67</sup>.

Esta relação de poder implícita e, contraditoriamente, explícita ao mesmo tempo, não vem a se manifestar quando da simples escolha por um ou pelo outro Bumbá, mas sim da externalização da sua condição enquanto ligado a determinado Boi. Ao, coletivamente, haver essa manifestação ficam co-relacionadas, dentro das relações sociais naquele segmento de território, as identidades daqueles moradores ali residentes. E isto fica evidente quando, por exemplo, um morador do grupo contrário se sente constrangido em manifestar a sua relação com o Boi não predominante naquele território. Estas identidades, ao serem manifestadas dentro do espaço e ao acabarem por se configurar em relações de poder socialmente exercidas, que passam a corroborar a conformização das territorialidades dos grupos presentes.

Outrora, VALENTIN já ressaltara a importância destas identidades manifestas dentro da sociedade parintinense, ao serem constituídas de forma a corroborar parte de sua vida social. “As casas são pintadas e repintadas de azul

---

<sup>67</sup> Aspas conforme o original.

ou de vermelho, transmitindo, assim, a identidade de cada um – Caprichoso ou Garantido – e demarcando seu território dentro do complexo urbano” (2005, p. 201).

E, se para a compreensão dos territórios e das territorialidades, têm-se de observar, invariavelmente, as relações de poder, em Parintins há que se saber como se manifestam estas relações de poder. Estas relações se dão através da manifestação majoritariamente individual ou coletiva, mas demonstrando um caráter sócio-coletivo, como já foi explicitado.

Essas manifestações de relações de poder se dão através da explicitação da sua condição enquanto torcedor de um ou de outro Bumbá. Ao adotar, incorporar e manifestar a sua condição através das cores de Caprichoso ou Garantido, há o estabelecimento dessa relação. Embora, em alguns casos, haja individualmente uma relação de simples associação direta entre os torcedores e os Bumbás em questão<sup>68</sup>, quando nos referirmos à sociedade parintinense, entendemos que essa relação não é passageira, uma vez que a relação criada entre o Boi e a comunidade se estabelece de maneira cada vez mais arraigada e indissociável.

Ao manifestar intencionalmente e socio-coletivamente essa relação com o ‘seu’ Boi, as pessoas acabam inconscientemente ou não, “refletindo na sua arquitetura e no seu traçado urbano a dualidade cromática, a personalidade dos Bois e o próprio Festival” (VALENTIN, 2005, p. 199). Manifestando a identidade, tem-se a relação com o território cada vez mais cheia de significados, potencialmente carregada, do ponto de vista afetivo.

E sobre a relevância alcançada pelas duas cores ao serem representadas na sociedade parintinense, RODRIGUES afirmara que:

“Quem vai a Parintins hoje deve compreender que ela é uma cidade dividida ao meio por duas paixões: uma em vermelho pelo garantido e

---

<sup>68</sup> Relação temporária esta principalmente praticada durante o Festival por turistas e pessoas não residentes em Parintins.

outra em azul pelo caprichoso. O embate entre os bumbás envolve toda a população da Ilha, e mesmo aqueles que afirmam ser neutros ou, ‘Garanchosos’<sup>69</sup>, acabam sendo atingidos de uma forma ou de outra pela rivalidade existente entre os torcedores. A preferência por um bumbá pode determinar desde a cor de um berço até os adornos de um mausoléu; pode dividir casais, separar famílias e causar discórdias entre vizinhos; mas pode também, por outro lado, servir de combustível para uma força capaz de transformar um simples folguedo de São João num gigantesco espetáculo para milhares de espectadores” (RODRIGUES, 2006, p. 105 e 106)<sup>70</sup>.

Ao co-relacionar a inserção da Festa dentro de um contexto globalizado e diante de novas características diante da evolução ocorrida com a brincadeira nos últimos tempos, VIEIRA FILHO vem acrescentar que “a mistura existente entre o boi tradicional e a modernidade, contribui na construção de uma identidade cultural” (2003, p. 12). Concebendo uma relação com o Boi conforme tradicionalmente estabelecido na cidade e sua nova inserção diante das modificações ocorridas, o autor deixa transparecer a sua visão sobre a constituição identitária forjada na cidade que, ao se manifestar servirá de base para a auto-aceitação diante da própria sociedade. Certamente, sendo melhor encarada e aceita diante dos seus pares.

Compreendendo esta relação intrínseca entre as territorialidades marcadas pelos Bois de Parintins e as identidades co-relatas expressas pelos seus partidários (torcedores de um ou de outro Bumbá), tem-se de levar em conta ainda a construção histórica de ambos os territórios, onde cada um historicamente exerce a sua influência ou deixa-se influenciar diante de novas possibilidades, como será visto a seguir. Assim sendo faz-se necessário perceber que “as cores

---

<sup>69</sup> O termo ‘Garanchoso’ é uma fusão dos nomes dos bumbás Garantido e Caprichoso e serve para designar alguém que não tem ou ainda não definiu sua preferência por um boi em especial. ‘Garanchoso’ também foi o nome dado ao bumbá mirim que era apresentado pelos alunos do Ensino Fundamental do Colégio Nossa Senhora do Carmo em Parintins.

<sup>70</sup> Nota de rodapé e aspas transcritos conforme o original.

adotadas por Garantido e Caprichoso e que, ao longo do tempo, foram marcando cada vez mais seus territórios e suas identidades, formam um sistema funcional para a celebração da rivalidade” (VALENTIN, 2005, p. 193), funcionando, portanto, enquanto motivação mútua, existindo enquanto auto-afirmação identitária e manifestação de sua condição e servindo, desta forma, para que cada grupo social explicitasse as suas localidades de influência.

Como se pode perceber, a territorialidade acaba ressaltando e exercendo características principais dentro da sociedade após ser estabelecida. Aqui demonstra-se que essas relações se manifestam e determinam as formações dos territórios em Parintins. A seguir, será visto como se dão essas construções territoriais de maneira mais incisiva, suas relevâncias e suas delimitações.

### **5.1.2 – Territorialidade Inicial**

Essa construção deve nos remeter aos primórdios do Boi-Bumbá e Parintins, às origens de sua formação. Quanto à caracterização desses territórios, propomos que sejam observadas as limitações e as ponderações de cada Bumbá no passado. Mantendo-se fiéis aos seus respectivos bairros e lugares dentro da cidade, e com pouca possibilidade de superação, esses territórios praticamente refletem apenas a sua abrangência pontual.

De qualquer forma, é preciso resgatar como eles surgem em Parintins, a fim de estabelecer a base para a compreensão cronológica dessas territorialidades. É nesse sentido que utilizamos a expressão *Territorialidade Inicial*. Através do conhecimento dessas territorialidades antigas, podemos entender as modificações simultâneas que ocorreram e que acabaram por conformar as territorialidades subseqüentes.

Nessa visão, deve ser caracterizada enquanto territorialidade antiga, em Parintins, a divisão sócio-espacial surgida pela localização dos devidos Bumbás em seus respectivos locais de origem. Significativamente, como já foi destacado,

há uma diferenciação entre os locais de surgimento de cada um dos Bumbás. Esses locais continham membros de classes sociais distintas, quase opostas, e eram espacialmente distantes e em lados opostos da cidade. Quando se fala em classes sociais diferentes, basicamente inclui-se tudo, desde nível de renda à escolaridade formal dos seus integrantes, passando pela própria estruturação de influências da sociedade local a partir da posição exercida por cada segmento.





Tendo surgido cada qual no seu 'lado' da ilha, cada um desses territórios, mesmo que separadamente, viria a sofrer alterações simultâneas, que acabaram por forjar essa territorialidade tradicional como uma evolução e/ou consequência evolutiva da territorialidade inicial. Fica claro que a lógica social da pequena cidade de Parintins, particularmente dos bairros onde surgem os Bumbás, acaba por servir de subsídio para a compreensão que pretendemos aqui traçar.

Temos de saber que essa situação inicial traça parâmetros e coloca as diretrizes para a revelação das territorialidades posteriores e, de certa forma, deixa as suas marcas na vida social de Parintins. Ao mesmo tempo em que essas colocações são influenciadas pelas marcas sociais pré-existentes, elas deixam novas marcas que virão a caracterizar novas situações sociais presentes nas análises futuras, como se verá mais adiante. Mais que fielmente a representação dos locais de fundação de cada Bumbá, esta figura que é apresentada, vem com o intuito de identificar os redutos (locais da cidade) de cada Bumbá quando dos tempos antigos da Festa do Boi-Bumbá em Parintins.

Optamos também por apresentar a representação gráfica da cidade de Parintins da mesma forma como costumeiramente ela é apresentada na própria cidade e em outros trabalhos. Essa visão reflete a importância dos rios para a organização sócio-espacial das comunidades da Amazônia, pois, via de regra, as representações sobre a cidade definem marcos alinhados ao rio e que desconsideram a configuração norte-sul. Como se pode observar na Figura 05, as localizações dessas territorialidades iniciais de concentração de 'partidários' ou simpatizantes do Boi Caprichoso permaneciam junto ao lado leste da ilha.



**FIGURA 05: TERRITORIALIDADE INICIAL**

-  TERRITORIALIDADE INICIAL CAPRICHOSO
-  TERRITORIALIDADE INICIAL GARANTIDO
-  SEDE MUNICIPAL DE PARINTINS
-  RIO AMAZONAS

ESCALA APROXIMADA 1:20.000

Figura de Parintins Elaborada por Diogo Labiak Neves, através de digitalização e confecção própria, 2006.





### 5.1.3 – Territorialidade Tradicional

Tendo surgido da evolução seqüencial, histórica e lógica após a territorialidade antiga, o *Território Tradicional*, durante muito tempo, mostrou-se a melhor forma de compreensão da estrutura societária parintinense. Sendo comumente aceito e compreendido, dentro da academia e da sociedade de uma forma geral, como a leitura mais verídica da realidade social na ilha tupinambarana.

Assim como a maioria das cidades de pequeno e médio porte, em Parintins pode ser observada uma divisão, no sentido literal do termo. Tradicionalmente, da igreja da matriz para a direita (olhando a cidade desde o rio, portanto de frente para a cidade e com sul a sua frente), temos o lado do Garantido e para a esquerda o lado do Caprichoso. Essa relação inicial remete ao processo de ocupação do território em Parintins por ambos os Bumbás, dada a concepção tradicional dos territórios de cada um.

Onde os Bumbás surgem, quais são as suas características iniciais? Quais as características da população residente nos bairros originariamente? Tudo isso se mostra importante para uma melhor concepção e entendimento dessa territorialidade tradicional parintinense. Segundo essa concepção, existiria uma divisão clara e bem definida dentre os territórios de cada agremiação. Esta linha que traça a divisão, seria uma linha imaginária direta do bumbódromo à Igreja matriz, passando pelo cemitério e seguindo ao centro da cidade, logo à frente da matriz. Sem dúvida essa tradicional concepção faz transparecer a lógica social de Parintins há alguns anos. Existe uma forte relação entre o sagrado e o profano, fazendo com que esta interação acabe por traduzir a relação societária territorial. Afirmação esta que pode ser também percebida na fala de VALENTIN, para quem a catedral e o bumbódromo estariam dividindo as metades da cidade. Pois, “numa linha imaginária, estão suas duas maiores e mais imponentes construções: a Catedral de Nossa Senhora do Carmo e a arena do *Bumbódromo*,

erguendo-se como duas sentinelas e símbolos máximos dos dois extremos parintinenses: o mais sagrado e o mais profano” (2005, p. 76).

Observa-se, então, que nesta relação, as fronteiras e delimitações de cada território são claramente demarcadas e delimitadas. A(s) linha(s) que delimita(m) um do outro podem ser percebida(s) de maneira clara e praticamente indiscutível.

Seguramente, esta próspera cidade do Médio Amazonas não seria diferente das demais cidades do interior brasileiro, nas quais podemos perceber uma forte presença da igreja católica enquanto influenciadora das atividades sociais. Não é casual a leitura de que essa linha imaginária entre o bumbódromo e a igreja ainda reflita a importância simbólica, material e referencial da presença do catolicismo na cidade, visto que a igreja possui um papel fundamental nas atividades cotidianas. Vale lembrar que as festividades organizadas dos Bumbás, em forma de festivais, surgem por iniciativa da igreja, que objetivava torná-las mais ordeiras.

Ao ser compreendido como unidade de apropriação da vida social dos torcedores de cada agremiação, o território passa a ser o ‘ente’ materializador de todas as relações de primeira instância com o seu Bumbá. Essa característica permanece, mesmo quando observarmos o Território Moderno, conforme mostraremos a seguir.

Se, em um dado momento da estruturação social parintinense, os territórios passam a ter uma relevância de caráter ímpar, isso fica claro nas palavras de VIEIRA FILHO, ao dizer que “o território de cada boi é bem delimitado e demarcado, sendo considerado ofensa ser invadido pelo contrário, pois nesse determinado lugar é onde se recriam as próprias vidas” (2003, p. 31). Dessa forma, fica evidente a relevância alcançada por esses territórios junto à sociedade e não servindo apenas para as ponderações teóricas construídas academicamente.

Essa divisão que se apresentava rigidamente manifestada e construída em linha reta ligando o Bumbódromo à catedral, fazendo assim, literalmente, uma

divisão bi-lateral da ilha entre os Bumbás, da mesma forma que se mostrava e configurava através de uma linha imaginária, era respeitada, dentro das suas relações sociais cotidianas, como uma legítima fronteira rigorosamente constituída.

Quanto à conformação destes territórios, pode-se dizer que literalmente “a cidade de Parintins é dividida geograficamente em duas metades, sem planejamento prévio, com a catedral de Nossa Senhora do Carmo no centro; no lado de cima, o Garantido com sua torcida em torno à baixa da Xanda; e no lado de baixo, o Caprichoso, na rua Rio Branco com a maior parte dos seus brincantes” (VIEIRA FILHO, 2003, p. 39).

Essa visão divergente da adotada por RODRIGUES ao defender que após serem constatadas as localidades de cada Bumbá, “ficou estabelecido que a rua Clarindo Chaves serviria como fronteira entre as áreas de predominância de cada agremiação. O território do Caprichoso seria a região que vai da referida via até o bairro da Francesa, e o do Garantido do mesmo marco até o bairro de São Benedito” (2006, p. 111). Esta compreensão também é aceita por Marcos SANTOS (2002) ao analisar os territórios dos dois Bumbás em Parintins.

Independentemente da intencionalidade política ou não na conformação dos territórios em questão, eles acabam por se configurar em uma instância da vida social em Parintins, já que “a cidade se divide em duas, refletindo a dualidade dos Bois. Além das casas, árvores, postes e mobiliário urbano marcam a parte da cidade onde cada Boi tem sua sede e a maioria de seus moradores” (VALENTIN, 2005, p. 76). Deste modo, ficam estabelecidas as áreas da relação social presente em uma primeira instância para os lá residentes e principalmente para os partidários do Boi com o domínio daquele território.





Como sendo um fruto e tendo surgido da *Territorialidade Antiga*, observemos que os lados permanecem inicialmente representados da mesma forma. Há, porém, uma expansão da relevância social de cada Bumbá observada na mesma medida em que a Festa do Boi sofre o processo de espetacularização. Grosso modo, essa relação de cada Boi com o seu território passa a abranger

toda a extensão da ilha. Como pode ser vista a representação desta *Territorialidade Tradicional*, na Figura 06.

Por conta dessa evolução têmporo-espacial ocorrida na cidade de Parintins, em particular nas territorialidades expressas pelos Bumbás Caprichoso e Garantido, durante essa transição dos territórios iniciais para os tradicionais, somos cada vez mais inclinados a deduzir uma subsequente evolução na dinâmica territorial do município. Resultando, assim, na nova dinâmica territorial caracterizada neste estudo, como veremos mais adiante.



**FIGURA 06: TERRITORIALIDADE TRADICIONAL**

-  REPRESENTAÇÃO DA DIVISÃO DAS TERRITORIALIDADE TRADICIONAIS
-  TERRITORIALIDADE TRADICIONAL CAPRICHOSO
-  TERRITORIALIDADE TRADICIONAL GARANTIDO
-  RIO AMAZONAS

ESCALA APROXIMADA 1:20.000

Figura de Parintins Elaborada por Diogo Labiak Neves, através de digitalização e confecção própria, 2006.



#### 5.1.4 – Territorialidade Moderna

Nas interpretações feitas durante os trabalhos de campo, a lógica tradicionalmente aceita de separação uniforme e constante não se mostrou fidedigna, pois, nos dias de hoje, é possível falar em uma nova territorialidade posterior à tradicional, construída através dessa interface entre a relação da sociedade parintinense com processos externos advindos dessa nova etapa da globalização. A essa nova territorialidade presente, damos o nome de *Territorialidade Moderna*.

Um fator interessante e preponderante para a caracterização dessa nova concepção territorial é a ausência de uma fronteira estrita e bem delimitada. Mesmo que ainda induzida pela antiga linha imaginária que dividira o já superado Território Tradicional, não se pode mais afirmar que ela seja retilínea e rígida como fora um dia. Esses valores de rigidez não se aplicam mais ao novo tipo de delimitação entre os dois territórios. Embora a divisa não seja mais apenas uma linha que divide um território do outro, ela ainda se mantém. Se, antigamente, ficar de um lado ou de outro dessa divisão significava uma certa relação com o Bumbá do lado em questão, hoje essa relação não é necessariamente verdadeira. Estar de um lado ou de outro não implica obrigatoriamente a relação com este ou aquele. O que faz com que encontremos representações adversas no território do Boi contrário.

Relevantemente, ao mesmo tempo em que essa relação ocorre nos limites mais centrais da cidade, nos limites mais afastados do centro, as relações tradicionais ainda permanecem inalteradas. Onde antes se perfaziam Territórios Iniciais ainda permanecem inalterados; em seus lugares iniciais, os Bumbás mantêm uma relação relativamente mais estável. Essa relação modificada pela nova inserção globalizante e suas facetas, contudo, não fez com que a ‘fronteira’ rígida desses territórios desaparecesse. Apenas fez com que ficasse diluída ou invisível, possibilidade esta já sugerida por MOURA (2000). Na verdade, essa

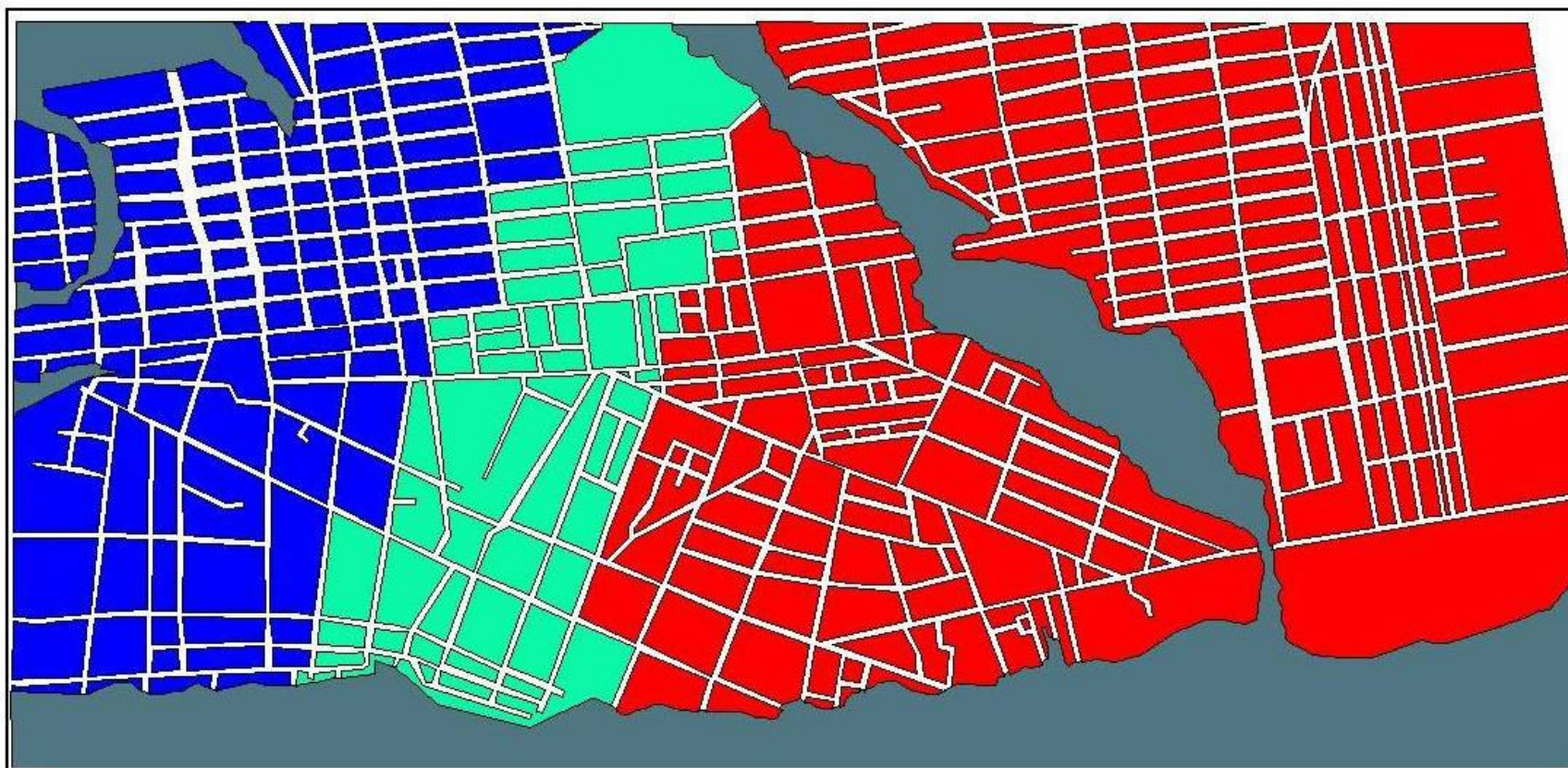
fronteira passa a ter um aspecto diferenciado, no tocante a sua delimitação exata, pois passa a ter uma fronteira com características mais difusas que a anterior. Essa fronteira na verdade não mais se presta à divisão clara e específica destas territorialidades, pontualmente acaba por se converter mais propriamente em um marco referencial de divisão do que em uma fronteira no sentido literal.

Umas das principais relações observadas durante os trabalhos de campo realizados, certamente, foi a dualidade como esta situação é enfrentada pela sociedade local. Como que nesta área próxima do centro e nas imediações do bumbódromo a tônica e a dinâmica da cidade são alteradas. Embora comumente não se fale com as palavras que aqui adotamos para descrever as situações que lá ocorrem, populares, moradores e até mesmo turistas reconhecem essa diferenciação neste delimitado espaço da cidade.

E já que estamos a nos referir sobre uma cidade às margens do Rio Amazonas, tomamos a liberdade de ir buscar 400 Km rio acima o que acreditamos ser a melhor expressão desta linha fronteira, o encontro das águas. Ao tecer esta co-relação, defendemos que a mistura onde se observa a diferenciação sem, contudo, conseguir distinguir pontualmente um do outro, possivelmente seja a melhor forma de traduzir esta situação na divisa dos territórios dos dois Bois.

Da mesma forma em que podemos falar nesta multi-dimensão, ao abordarmos a divisa desta nova fronteira territorial, devemos constatar que fatores decisivos para a caracterização e conformação dos territórios acabam por se confundir e se misturar, acabando por formar ruma zona fronteira, porém sem uma delimitação estritamente formal de seus limites. Como pode ser observado na Figura 07, este limite com características difusas e multi-territoriais tende a seguir os parâmetros anteriormente traçados na divisão da Territorialidade Tradicional, contudo sem apresentar a mesma rigidez estrutural na separação de um território do outro.





**FIGURA 07: TERITORIALIDADE MODERNA**

- TERRITÓRIO GARANTIDO
- TERRITÓRIO CAPRICHOSO
- LIMITE DIFUSO DOS TERRITÓRIOS
- RIO AMAZONAS

ESCALA APROXIMADA 1:20.000

Figura de Parintins Elaborada por Diogo Labiak Neves, através de digitalização e confecção própria, 2006.



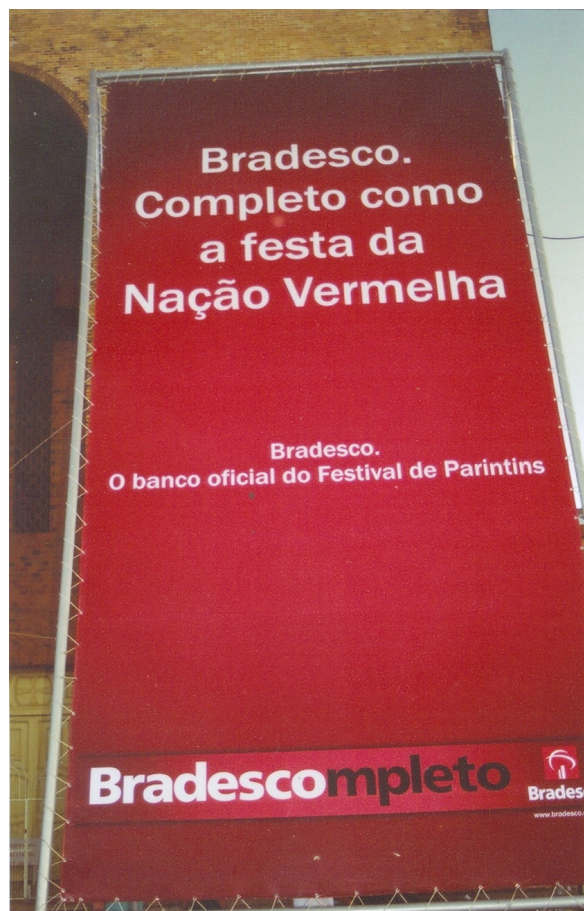
N



## **5.2 – CONSTRUÇÃO DA TERRITÓRILIDADE MODERNA**

Sem dúvida alguma, essa condição difusa existente nessa nova territorialidade é fruto das relações advindas dessa nova fase em que se encontra o festival. Ao mesmo tempo em que existe a espetacularização do festival, existe a crescente participação de novos parceiros nesse processo, como explicitado no capítulo anterior. Esses parceiros passam a produzir alterações na lógica social parintinense à medida que indistintamente passam a associar as suas marcas e logotipos com os dois Bois da cidade.

Passando a vincular um processo de identificação mútua entre os torcedores de cada Bumbá com o seu produto, as empresas passam também a forjar um novo processo de assimilação e aceitação do seu produto. Portanto, não basta colocar o seu produto na cidade, há que colocá-lo em um local estratégico e com a coloração adequada. Via de regra, esse local estratégico, nos últimos anos, tem sido as imediações do bumbódromo, as áreas mais centrais da cidade e locais mais movimentados. Seguramente, não é mera casualidade que a abrangência dessa nova condição difusa da fronteira dos territórios seja praticamente a descrita acima. Essas empresas, cada vez mais, conduzem os seus esforços para que haja uma identificação positiva por ambos os lados e que a sua intenção seja bem interpretada. É nesse sentido que se pode interpretar a propaganda veiculada pelo Banco Bradesco em 2006, com ambas as cores dos Bois (Fotografias 19 e 20), num dos lugares mais movimentados da cidade.



FOTOGRAFIAS 19 e 20: Publicidade promovida pelo Banco Bradesco, na qual fica claro o intuito de abranger as duas torcidas, colocada à frente da catedral municipal. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JULHO de 2006.

Ao mesmo tempo em que empresas e o poder público veiculam as suas marcas e logotipos através da Festa dos Bumbás de Parintins, torna-se quase sempre obrigatória a adequação do seu logotipo ou da sua estratégia de marketing para que haja uma relação com os dois bois. A não vinculação das cores do Bumbá contrário em seus domínios já promoveu casos notórios de modificações estratégicas. Um bom exemplo dessa alteração fica por conta do Governo Federal brasileiro que, teoricamente, não deveria fazer alterações em suas marcas representativas; porém, em Parintins, acabou por se ver obrigado a ceder e abandonar localmente a sua marca multicolorida em favor de duas marcas que tivessem uma representação e identificação com a sociedade local, conforme pode ser visto nas fotografias 21 e 22.



FOTOGRAFIA 21:

Logotipo do Governo Federal, gestão Luis Inácio Lula da Silva (2002-2006), adequado às cores do Bumbá Caprichoso. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.



FOTOGRAFIA 22:

Logotipo do Governo Federal, gestão Luis Inácio Lula da Silva (2002-2006), adequado às cores do Bumbá Garantido. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Muitas marcas locais acabam prevalecendo e se impondo como um novo fator de diferenciação. À medida que a cidade se desenvolve e se estabelece diante da relação dessas empresas com o festival, a contrapartida social existente após essas conformizações locais promovidas fica muito clara. Já há algum tempo a cidade gabava-se de ter conseguido promover uma alteração no logotipo de uma das marcas mais famosas e consolidadas do mundo, principalmente diante desta nova fase da globalização que vivemos. A empresa em questão, *'The Coca-Cola Company'*, concedeu autorização especial para que o Caprichoso vinculasse o seu logotipo na cor azul do seu lado da 'ilha'. Essa alteração vem sendo divulgada, principalmente pelos parintinenses, como sendo única no mundo, o que não condiz com a realidade. Basta

olhar o estádio do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre, apenas para ficar num exemplo nacional, para encontrar o mesmo logotipo da Coca-Cola nas cores azul e branco (Fotografia 23), tal como em Parintins, em substituição ao tradicional vermelho e branco.



FOTOGRAFIA

23: Logotipo da Coca-Cola alterado para o Festival de Parintins, alterando as suas cores originais para promover uma relação com o Bumbá Caprichoso. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO de 2005.

Na verdade, para o caso parintinense, pouco importa se a alteração atualmente é única no mundo. Importa sim que, possivelmente, esta tenha sido uma decisão pioneira à época. A decisão de relacionar-se com os torcedores do Bumbá Caprichoso e forjar uma associação com o seu Boi é o que se mostra mais interessante neste caso. Ao conceder e autorizar essa relação, a empresa fez com que automaticamente os torcedores dos dois Bois pudessem manter o seu símbolo nos seus territórios.

E, se essas concessões ocorrem de um lado da ilha, como não poderia deixar de ser, elas também têm que acontecer do outro lado da ilha. Existem também os casos onde empresas com a cor predominante azul têm de alterar isso para conseguir uma aceitação junto ao Garantido. A Telemar<sup>71</sup> teve de proceder a alterações em seus orelhões (Fotografia 24). Inicialmente eram todos azuis, em Parintins eles são encontrados também na coloração vermelha.

<sup>71</sup> Empresa de telecomunicações presente em todo o nordeste brasileiro, maior do sudeste e parte da região norte.





FOTOGRAFIA 24: Orelhão da Telemar com predominância da cor Vermelha, alterando as suas cores originais para promover uma relação com o Bumbá Garantido. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JUNHO 2005.

Se essas composições são indispensáveis para obter a aceitação por parte dos brincantes, torcedores e dirigentes de ambos os Bois, o que percebemos é que ao mesmo tempo em que ela produz novas características próprias para este pequeno município do médio Amazonas, ela passa a servir de apoio à auto-afirmação enquanto membros dessa sociedade e ao mesmo tempo componentes do seu Boi. E isso fica ainda mais claro quando se percebe que essa relação se dá desde as coisas onde teoricamente não se estabelecem laços a priori, como as placas de divulgação, por exemplo, até a pequenas coisas do cotidiano, como a presença de botijões de gás em ambas as cores, que podem ser visualizados na fotografia 25.



FOTOGRAFIA 25: Botijões nas cores dos dois Bumbás disponibilizados aos moradores de Parintins. AUTOR: Diogo Labiak Neves, JULHO de 2006.

Essas são condições de utilização e situações forjadas pela sociedade, que acabam por corroborar as condições identitárias que são externalizadas das mais diversas formas. Essa série de situações e novas condições gradativamente implementadas pela sociedade parintinense, com o apogeu e a espetacularização do Festival Folclórico de Parintins, é que contribuem para que essa nova característica territorial moderna e com fronteiras difusas surjam. Ao passo que ocorre essa profusão

de cores e interferências ocorridas na porção central da cidade, conseqüentemente dos dois territórios, para facilitar um retorno imediato, passam a não mais existir as rígidas demarcações dos seus territórios na porção central da cidade. Essa dinâmica de certa forma se transmite à sociedade, que passa a não obrigatoriamente relacionar-se com o Bumbá onde teoricamente haveria essa relação, devido ao seu posicionamento locacional na cidade.

### **5.3 – A NOVA GLOBALIZAÇÃO E AS TERRITORIALIDADES**

Indiscutivelmente, hoje, passamos por uma nova fase de expansão capitalista. Tornando-se cada vez mais homogeneizadora e impingindo as suas características gerais aos mais diversos lugares do globo terrestre. Mas quando nos referimos à atual fase da globalização em curso, precisamos que ter em mente as suas características práticas e teóricas. Há de se levar em conta novas características e novas conformidades desse processo que se adapta para melhor se expandir.

Assim, quando se fala em processos globalizantes, temos de fazer ponderações aprofundadas por estarmos diante de uma situação diferenciada da usual. Por isso, acreditamos que na atual fase seria perfeitamente plausível aceitar, como parte das relações sócio-econômicas internacionais, um imperialismo hegemônico em curso na esfera do pensamento:

“Agora se pode, de alguma forma, falar numa vontade de unificação absoluta alicerçada na tirania do dinheiro e da informação produzindo em toda parte situações nas quais tudo, isto é, coisas, homens, idéias, comportamentos, relações, lugares, é atingido” SANTOS (2000b, p. 51).

Dessa forma, estamos diante das “condições para a difusão de um pensamento e de uma prática totalitária” (SANTOS, 2000b, p. 54), sendo essa uma forma contundente de caracterizar os diversos processos que acabam por conformar o que usualmente chamamos de *globalização*. Trata-se, em suma de, “chamar atenção para o fato de que a atual globalização exclui a democracia. A globalização é, ela

própria, um sistema totalitário” (SANTOS, 2000a p. 10 e 11), o que remete imediatamente à noção de globalitarismo, utilizada pelo autor.

Obviamente, essa visão, aqui defendida, já apresenta toda uma carga de concepção crítica dentro da sua concepção, a qual vislumbra como negativa essa grande onda de homogeneização atual. Sempre que falamos em processos globalitários, é preciso levar em conta que culturas e sociedades acabam por ser subjugadas. Essa possivelmente seja a faceta mais perversa dessa pasteurização social que, ocorre comandada pelos ‘de cima’<sup>72</sup>. Seguindo lógicas hegemônicas de relações sociais e econômicas, os países ‘dominantes’ buscam fazer-se presentes mesmo em sociedades distantes.

Aqui temos que estabelecer ou esclarecer dois tipos de relações e ponderações. Cada vez mais se torna amplo consenso entre pesquisadores, comunidade acadêmica e sociedade em geral que diante da dita globalização, observamos um encurtamento de distâncias, as quais se tornam a cada dia menos relevantes e consideráveis. O que era longe se torna perto com as novas modificações globais, portanto não se tornando mais a distância, geográfica de fato, um empecilho para as pretensões globalizantes de qualquer nação hegemônica. Diante dessas relações internacionais, há de ser levado em conta também a relatividade de cada país envolvido. Seguramente, cada país, diante de parceiros diferenciados, tem posicionamentos diferenciados. Podemos então citar o caso brasileiro que, diante de países ‘mais evoluídos’, apresenta uma condição de subalternidade. Porém, ao tratar com parceiros ‘menos desenvolvidos’, sempre faz questão de tratá-los com a mesma subalternidade com que é tratado. Passando sempre adiante essa cadeia imperialista. Não entrando no mérito técnico da questão, como então classificar as atitudes do governo federal<sup>73</sup> diante da exploração petrolífera na Bolívia?

Mas, voltando ao caso parintinense, fica cada vez mais difícil pensar no Boi-Bumbá de Parintins alheio a sociedade que o concebeu, embora sejamos

---

<sup>72</sup> Aqui se utilizam as noções de ‘cima’ e ‘baixo’ concomitantemente com a idéia de países do ‘norte’ e do ‘sul’, tal como foi proposto por Boaventura de Souza Santos, para fazer referência à oposição entre dominados e dominantes, ou o que poderíamos chamar de participantes ativos do processo de globalização.

<sup>73</sup> Aqui como Governo Federal, subtenham-se as ações conjuntas dos governos Fernando Henrique Cardoso (1994-1998 e 1998-2002) e Luis Inácio Lula da Silva (2002-2006), pontualmente através das ações práticas da Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras).



constantemente induzidos a pensar o contrário. Se as modificações ocorridas com o advento da nova fase globalitária fizeram com que o Boi-Bumbá tivesse significativas alterações, paradoxalmente essas alterações possivelmente também causaram a sua sobrevivência enquanto fenômeno de massas. Outras cidades acabaram por subjugar-se ao 'Boi de Parintins'. Outras formas de manifestações folclóricas acabaram por sofrer as influências desse boi e 'bumbalizando-se'. O Boi-Bumbá parintinense ficou mais conhecido e expandiu exponencialmente as suas relações. De qualquer forma, não se mostra demasiada a afirmação de que "além da divulgação nacional, o dinheiro da multinacional também impulsionou os trabalhos nos galpões, onde os artistas puderam aumentar, novamente a produção de fantasias e alegorias para as apresentações" (RODRIGUES, 2006, p. 96), produzindo, desse modo, alterações na antiga maneira de se brincar o Boi e uma nova re-organização social.

Configurou-se , assim, novas fronteiras e novas territorialidades fora do limite inicial, ou seja, fora dos limites municipais. Ao mesmo tempo em que altera as suas manifestações, motivando uma expansão de suas relações, o Boi acaba por alterar as suas relações internamente na cidade, motivadas pela mesma lógica que impele sua movimentação expansiva. A compreensão desta 'nova' característica conferida ao Boi de Parintins pode ser facilmente compreendida quando se verifica que "a globalização tecnoeconômica do mundo, ao mesmo tempo em que aceita a fragmentação territorial, nivela culturalmente as diferenças de povos e costumes" (SODRÉ, 2001, p. 18). Em suma, o Boi-Bumbá de Parintins, ao influenciar outras manifestações culturais de outras cidades homogeneíza os padrões culturais de todas as cidades envolvidas.

Ao expandir as suas atividades de rua para as encenações dos festivais, a festa deixa de ser apenas uma brincadeira para virar uma atividade uma ocupação e um espetáculo. O que durante muito tempo foi motivado e movido apenas pela paixão dos seus brincantes e moradores das áreas próximas, atualmente passa a ser regido pelas leis do trabalho assalariado, levando-se em conta que diante de toda a estrutura a que se chegou, não há mais a possibilidade de continuar com as antigas formas de gestão e gerenciamento do Boi. Se, antigamente, o Boi era construído e financiado pelos próprios brincantes, atualmente ele é regido pelas verbas milionárias que cada Bumbá dispõe para a sua execução.

Podemos então pensar que, ao analisarmos a constituição desse fenômeno, poderíamos falar em *indústrias culturais* essencialmente interligadas a esta nova fase capitalista. Nas palavras de Gabriel COHN: “usando uma expressão arriscada seria o caso de dizer que se trata de um processo sem sujeito; ou, mais precisamente, que a questão fundamental é o modo de produção daquilo de que se trata. No caso, aquilo que alude ao termo ‘indústria’, ou seja, o capitalismo” (1998, p. 19). A Festa do Boi-Bumbá de Parintins passa a ser parte desse processo sem sujeito e ao mesmo tempo, parte desta nova indústria cultural que se desenvolve junto com a expansão do capital.

Essa análise desenvolvida acima em muito se aproxima da desenvolvida por Gerson Severo Oliveira DANTAS ao falar do próprio Boi de Parintins como sendo “resultante de uma ‘química’ forte que deu à brincadeira *status* de indústria cultural e envolve sentimentos e interesses hoje bastante consolidados na sociedade deste Estado” (2002, p. 22)<sup>74</sup>. Ao analisar essas mudanças, percebemos as interferências de atores políticos na conjuntura e na estruturação dos Bumbás de Parintins. E, seguramente, eles nos demonstram “como os processos de legitimação política se apropriam das formas culturais tradicionais tanto para ancorar formas culturais tidas como tradicionais tanto para ancorar formas de gestão e transformação social e justificar novas hierarquias sociais, quanto para sustentar reivindicações de direitos” (MONTEIRO, 1998, p. 120).

Sendo assim, as novas características municipais e supra-municipais já demonstradas acabam por também interferir nas relações presentes no município de Parintins. Seguramente, com outras manifestações, contudo deixando as suas marcas nas divisões territoriais dos dois Bumbás, por exemplo.

Ao mesmo tempo em que “as malhas podem ser formadas por movimentos de desestratificação ou de desterritorialização de intensidade intermédia” (ESCOBAR, 2003, p. 612), as características podem contribuir para o surgimento de novas territorialidades com novos parâmetros, já que “uma das características centrais dessas novas territorialidades é sua imbricação com processos múltiplos, diferenciados, complexos de identificação social, ou seja, tão importante quanto os processos

---

<sup>74</sup> Aspas e itálico conforme o original.

econômico-políticos de desterritorialização é a dinâmica simbólico-cultural que ajuda a moldar as territorialidades emergentes” (HAESBAERT, 2002, p. 31).

Aqui, seguramente, temos um aporte para analisar a formação da *Territorialidade Moderna* em Parintins. Ao serem forjadas novas relações globais na antiga fronteira entre os *Territórios Tradicionais*, na verdade, está-se forjando uma quebra de relações previamente estabelecidas e historicamente consolidadas. Onde aparentemente surgem novas características, na verdade há um inter-relacionamento entre os atores sociais locais e globais. Novas características essas que acabam por se universalizar e em pouco tempo se confrontar, já que há uma pasteurização das diferenças neste dado lugar (GÓMEZ, 2000). Contudo essa tendência homogeneizante não impede que ocorram confrontamentos entre os seus atores. Situação esta que pôde ser percebida em Parintins durante os trabalhos de campo realizados para a construção deste trabalho.

O confronto no mesmo espaço dos interesses dos atores sociais locais com dos atores globais permitiu observamos uma “tensão contraditória [em] que se pode entender a lógica global-local, não em termos de escala, mas sim como expressão de uma relação de poder que representa os pontos extremos de um contínuo dialético de interações complexas” (ARROYO, 2000, p. 123). Ao observarmos esta nova organização social em Parintins, compreendemos que as manifestações culturais iniciais “apenas podem ser reconstituídas pelo esforço de cada indivíduo ou grupo para reencontrar sua autonomia, sua capacidade de associar valores e práticas, sua participação no mundo das técnicas e dos mercados e pela manutenção de sua identidade e de sua memória culturais” (TOURAINE, 1998, p. 64).

Para se mostrar fiel às características originais, inicialmente, parece algo inviável para a população parintinense. Porém a (re)construção de uma nova territorialidade parece apontar para um fator de afirmação de sua auto-condição social dentro da sociedade parintinense, mesmo que essa condição permaneça implícita, quando os atores manifestam socialmente a sua identidade, através das cores do seu Bumbá.

## CONCLUSÃO

Certamente, como vimos durante o decorrer deste trabalho, a antiga brincadeira de rua<sup>75</sup> passou por transformações. Principalmente quando nos referimos a última etapa, diante o seu processo ‘expansionista’. Para tal, a construção do Bumbódromo relevantemente se coloca como um marco fundamental nesta diferenciação entre o Boi de rua e o Boi da arena, o Boi espetáculo, como atualmente ele é conhecido. O que não podemos pensar é que estas séries de mudanças ocorridas na festividade ficariam restritas apenas à esfera das apresentações.

As influências de novos processos e novos atores não atuam apenas na construção da festividade, mas também sobre toda a sociedade que a envolve. Uma vez que a Festa é construída principalmente pela comunidade local, mesmo que com recursos advindos de novas parcerias, comerciais, patrocinadores e dos currais na cidade de Manaus (parcerias estas não existentes no passado), é natural que aos poucos alterações acabem por atingir a sociedade parintinense, uma vez que não há como pensarmos em uma sociedade estanque, livre de alterações.

Gradativamente, a cidade pôs-se a se dispor de outra forma, a sociedade pôs-se a se configurar diante de outras possibilidades. Se, antigamente, a divisão dos adeptos de cada Bumbá era bem delimitada e cada qual tinha seus locais bem delimitados, atualmente estas afirmações não podem ser encaradas como verdades absolutas. As novas inserções ocorridas através do processo de globalização em curso, como a entrada de novos atores sociais no cenário local as novas configurações para poder comportar a grandiosidade crescente que o Festival vem adquirindo, contribuíram e contribuem de maneira clara e decisiva para a nova característica territorial que defendemos. A construção da *Territorialidade Moderna*, em muito influenciada pela presença destes novos atores, vem alterar em muito a lógica tradicional da organização territorial deste município. Pois a delimitação exata do território passa a deixar de ser uma situação importante no modo de vida da comunidade, para passar a viabilizar a construção de uma zona onde ocorrem as diversas manifestações visando a inserção

---

<sup>75</sup> O Boi-Bumbá de Parintins.

dos patrocinadores, dos turistas, dos dois bois ao mesmo tempo (o que anteriormente jamais seria aceito).

Ao sofrer as influências destes novos processos e atores, cada vez mais, há uma diferenciação deste espaço com relação a outros espaços da ilha, onde as características permanecem tais quais inicialmente se apresentavam. E por se tratar de um espaço onde mudanças ocorrem em uma velocidade mais acelerada que nos demais locais da ilha Tupinambarana, é que ali ocorrem as principais alterações percebidas. Então, nestes locais ou nesta zona de transição passam a incorrer simultaneamente as duas identidades relacionadas com Caprichoso e Garantido, uma vez que este é potencialmente um espaço mais ligado à construção de toda a áurea receptiva e da Festa e das suas necessidades enquanto forma de apresentação, visando o Festival, ligada diretamente com o folguedo, que fica relegado praticamente a um segundo plano diante da eminência do Festival.

Há de se ponderar que mesmo sendo relegada a um segundo plano em momento algum esta relação é esquecida. E é como prova disto que se apresentam as manifestações identárias que ocorrem nestes pontos, que onde outrora seria a divisão rígida entre os territórios de cada Bumbá e atualmente encontra-se a fronteira de características difusas. Embora sejam afirmadas de maneira diferenciada que as, quando comparadas as que manifestações que ocorrem nas localidades que não sejam nesta fronteira, estas mesmas identidade continuam a ser fundamentais para a constituição da vida social desta população. A ligação com um ou com outro Boi constitui-se um dos fatores essenciais da vida social neste município. Seja intimamente ligado ou de maneira mais sutil, sempre há uma ligação com um ou com o outro Bumbá. Pois, ao ligar-se com um ou com o outro se estabelece necessariamente uma relação social onde não há espaço para a neutralidade.

Ao se analisar a sociedade parintinense, certamente há de se levar em conta a construção dos territórios que a influenciam e que, ao mesmo tempo, por ela são conformados. Certamente há, neste ponto, de entender os fatores que viabilizam ou que favorecem a conformização destes novos territórios e estas mudanças que gradativamente ocorrem. Há de se relevar a formação histórica de ambos os territórios. Paulatinamente acabam sofrendo um processo de expansão desde a suas áreas

iniciais de influência, o que chamamos de *Territórios Iniciais*. Pode-se dizer que ambos expandiram os seus domínios em direção ao território contrário, formando, assim, entro de algum tempo, uma fronteira rígida dentre estes territórios, que seria uma das principais características dos *Territórios Tradicionais*.

As identidades expressas pela população de forma latente que, neste trabalho, foram utilizadas para servir de apoio à corroboração das territorialidades, podem ter sido alteradas em sua forma de manifestação, contudo a importância deste fator para a constituição societária é inegável. E à medida que mais do que simples afirmações identitárias, elas se configuram em um elo de convivência da sociedade com os bois e de um grupo com o outro. Afirmar a sua identidade passa a ser uma questão de integração social para cada parintinense.

Ao afirmar a sua identidade, externalizando-a, configuram-se as relações com o(s) território(s), pois mais do que simplesmente a afirmação em si, entram em campo as referências históricas de cada Bumbá nos seus domínios.

Patrocinadores, empresas multinacionais, agentes externos e os próprios governos Federal e Estadual cada vez mais vêm contribuindo para as alterações no Festival e, por consequência, em todas as atividades que o envolvem. Isto seguramente tem um reflexo na sociedade, que cada vez mais vê a sua brincadeira se distanciando da sua base inicial, os folguedos de rua. Estas mudanças foram introduzidas junto com a nova lógica de gerenciamento do próprio Festival. Os Bois que antes contavam com as comunidades para as suas elaborações e celebrações, atualmente baseiam-se nas verbas destinadas pelos patrocinadores. Se, antes, a saída do Boi para brincar à rua era uma questão de *honra* e *fé*, atualmente trata-se fortemente de uma questão contratual, se não *financeira*, entre as partes envolvidas.

Há um dito popular que diz: ‘Quem paga a banda, escolhe a música!’ Paulatinamente, este dito popular pode ser aplicado ao Festival, à medida que peças importantes do enredo são deixadas de lado, visando a melhor encenação para os visitantes; à medida que se trocam os dias tradicionais das apresentações para poder melhor atender a demanda turística. Principalmente, nos últimos anos, pode-se perceber que o Boi encenado durante os três dias de apresentações do Festival deixa de ser a ‘brincadeira de Boi’ para passar a ser o ‘produto Boi’. A inserção deste produto

em um mundo cada vez mais globalizado e as influências de atores cada vez mais distantes e alheios à situação local fazem com que em determinados locais haja características diferenciadas, o que acaba por fazer, que destas novas características, surjam novas territorialidades, pois passam cada vez mais a ter e manter relações distintas daquelas do seu círculo inicial. O que, de certa forma, induz uma organização voltada a fatores distantes, relativizando e homogeneizando estes espaços.

Interessantemente, mesmo diante destas novas convergências de fatores e das novas exposições advindas através do processo de globalização e com as modificações em curso nas festividades, sempre podem-se registrar as manifestações e a consciência de auto-afirmação com relação ao Boi, enquanto folguedo, e a apropriação do Garantido ou do Caprichoso enquanto instrumento. O orgulho de ser da terra do Boi-Bumbá e/ou ter na sua cidade o 'Maior Festival Folclórico do Brasil', como alguns o chamam, é claramente visível dentre os parintinenses. Mesmo que influenciada por forças externas, a relação desta sociedade com as suas formas de manifestação são visivelmente perceptíveis.

## REFERÊNCIAS

- AB`SÁBER, Aziz Nacib. **Amazônia**: do discurso à práxis. São Paulo: Edusp, 2004.
- AMARAL, Januário. **Mata virgem**: terra prostituta. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geopolítica do Brasil**. Campinas: Papirus, 2001.
- ARROYO, Mônica. *A regulação do território no contexto da globalização (uma trama entre as formas globais, nacionais e locais)*. In: SOUZA, Álvaro José de; SOUZA, Edson Belo Clemente de & MAGNOMI JUNIOR, Lourenço (Orgs). **Paisagem território região**: em busca da identidade.. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000. Pg 125-131.
- ASSAYAG, Simão. **Boi-Bumbá**: Festas, andanças, luz e pajelanças. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Caprichoso, o boi de Parintins**. Manaus: Editora Novo Tempo, 1997.
- AYRES, Sandra. **Territorialidade indígena na Amazônia brasileira do século XXI**: o caso Jamamadi. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação Geografia da Universidade Federal do Paraná. Orientador: Luis Lopes Diniz Filho. Co-Orientador Julio César Suzuki. Curitiba, 2005.
- AZEVEDO, Luiza Elayne Correa. **Uma Viagem ao boi-bumbá de Parintins**: Do turismo ao marketing cultural. In: SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002. p. 59-75.
- BECKER, Berta. **Síntese do processo de ocupação da Amazônia**: Lições do passado e desafios do presente. In: Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Causas e Dinâmica do desmatamento na Amazônia. Brasília: MMA. p. 05-28.
- \_\_\_\_\_. **Amazônia**: projeto nacional, política regional e instrumentos econômicos. In: MAY, Peter H.; AMARAL, Carlos.; MILLIKAN, Brent. & ASCHER, Petra. (Orgs). Instrumentos econômicos para o desenvolvimento sustentável da Amazônia: Experiências e visões. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 35-40.



- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. Manaus e Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Amazonas e Funarte, 2002.
- BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia**: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. Orientador: Ariovaldo Umbelino de Oliveira. São Paulo, 2002.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. **Uma reflexão sobre ciência e conceitos**: O território na Geografia. In: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério & SAQUET, Marcos Aurélio. (Orgs). Território e desenvolvimento: Diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004. p. 67-86.
- CARLOS, Ana Fani Alessandi. **O consumo do espaço**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandi. (Org). Novos caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 2002. p. 173-186.
- CASTRO, Iná Elias de. **O problema da Escala**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa & CORREA, Roberto Lobato. (Orgs). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003. Pg, 117-140.
- CIGOLINI, Adilar Antonio. **Ocupação do território e fragmentação territorial**: A formação da malha municipal paranaense. In: Revista Paranaense de Geografia, Nº 7. Curitiba: AGB – Curitiba, 2002. Pg 23-33.
- CLAVAL, Paul. **O Território na transição da pós-modernidade**. In: GEOgraphia, nº 2 (Ano I). Niterói: Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 07-26.
- \_\_\_\_\_. **Revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia**. In: KOZEL, Salete & MENDONÇA, Francisco (Orgs). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Reimpressão 2004. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 11-43.
- \_\_\_\_\_. **Milton Santos e o pensamento radical**. In: Milton Santos e o Brasil. BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 17-35.

- COELHO, Luiz Antônio Luzio. **Tal objeto tal dono**. In: LOPES, Luiz Paulo da moita & BASTOS, Liliana Cabral (Orgs). *Identidades: Recortes multi e transdisciplinares*. Campinas e Brasília: Mercado das Letras e CNPq, 2002. p. 69-81.
- COHN, Gabriel. **A atualidade do conceito de indústria cultural**. In: MOREIRA, Adalberto da Silva. *Sociedade Global: Cultura e globalização*. Petrópolis: Editora Vozes e São Paulo: Universidade São Francisco, 1998. p. 11-26.
- DANTAS, Gerson Severo Oliveira. **O Boi-Bumbá de Parintins como fenômeno da comunicação de massa**: um estudo da recepção das mensagens ecológicas veiculadas por Caprichoso e Garantido durante o Festival Folclórico de 2002. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Evandro Cantanhede de Oliveira. Manaus, 2002.
- DÉMONTEVERDE; MONTEVERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura; Editora da Universidade Federal do Amazonas e Universidade do Estado do Amazonas, 2003.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A Dinâmica da Cultura**: Ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DUTRA, Raimundinho Nonato de Jesus. **A revelação histórica do folclore parintinense**. Manaus: Fundação Vila Lobos, 2005.
- ESCOBAR, Arturo. **Actores, redes e novos produtores de conhecimento**: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências. In: Santos, Boaventura de Souza. (Org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado*. Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 2003. p. 605-630.
- FARIA, Ivani Ferreira. **Território e territorialidades indígenas do alto Rio Negro**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.
- FARIAS, Julio Cesar. **De Parintins para o mundo ouvir**: Na cadencia das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2005.

- FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. **Festival folclórico**: O que muda em Parintins? In: SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: Manaus: Editora Valer, 2002. p. 99-114.
- FERREIRA, Hueliton da Silveira & BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Por uma antropologia do espaço social**: os ensaios de Garantido e Caprichoso em Manaus. In: SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano IV, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2005. p. 139-161.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GASPAR, Jorge. **Técnica, território e poder**. In: Milton Santos e o Brasil. BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 179-188.
- GEORGE, Pierre; GUGLIELMO, Raymond; LACOSTE, Yves & KAYSER, Bernard. **A Geografia ativa**. Rio de Janeiro e São Paulo: Difel, 1980.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Geografando nos varadouros do mundo**: da territorialidade (o Seringal) à territorialidade seringueira (a Reserva Extrativista). Brasília: Ibama, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Processos planetários e fronteiras móveis**. In: Milton Santos e o Brasil. BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 203-215.
- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- GONZAGA, Amarildo Menezes. **Geografias do Boi**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Marco Frederico Krüger Aleixo. Manaus, 2000.

- GÓMEZ, José Maria. **Política e democracia em tempos de globalização**. Petrópolis: Editora Vozes; Buenos Aires (Argentina): CLACSO e Rio de Janeiro: LLP – Laboratório de Políticas Públicas, 2000.
- GUEDES, Fátima. **Saga do boi-bumbá em preto-e-branco**. In: SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002. p. 51-58.
- HAESBAERT, Rogério. **A (des) ordem mundial, os novos blocos de poder**. In: Terra Livre: Geografia, território e tecnologia. Nº 9, julho-dezembro 91. São Paulo: AGB e Editora Marco Zero, 1992. p. 103-127.
- \_\_\_\_\_. **Des-territorialização e identidade**: a rede gaúcha no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Fim dos territórios ou novas territorialidades?** In: LOPES, Luiz Paulo da moita & BASTOS, Liliana Cabral (Orgs.). Identidades: Recortes multi e transdisciplinares. Campinas e Brasília: Mercado das Letras e CNPq, 2002. p. 29-51.
- \_\_\_\_\_. **Desterritorialização**: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: *Geografia: conceitos e temas*. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa & CORREA, Roberto Lobato. (Orgs). Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003. Pg, 165-205.
- \_\_\_\_\_. **O Mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: SANTOS, Milton & BECKER, Bertha (Orgs). Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. Pg 43-70.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2002.
- HANAN, Samuel Assayag & BATALHA, Ben Hur Luttemarck. **Amazônia**: Contradições no paraíso ecológico. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1995.
- HOUTART, François. **A mundialização das resistências e da luta contra o neoliberalismo**. Tradução: Lílian do Valle. In: SEOANE, José & TADDEI,

- Emilio (Orgs.). Resistências mundiais: de Seattle a Porto Alegre. Petrópolis: Editora Vozes; Buenos Aires (Argentina): CLACSO e Rio de Janeiro: LLP – Laboratório de Políticas Públicas, 2001. p. 89-98.
- KOZEL, Salete. **As representações no geográfico**. In: Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. KOZEL, Salete & MENDONÇA, Francisco (Orgs). Reimpressão 2004. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 215-232.
- LABIAK, Araci Maria. **De Parintins para o mundo ver – sentir – dançar**. In: Anais do 50º Congresso Internacional de Americanistas. Warszawa (Polônia), 2000.
- LETÍZIA, Maria Eva. **Os enredos caboclos e nativistas nas toadas dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso, heróis do Festival Folclórico de Parintins**. In: SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano III, nº 1/2. Manaus: Editora Valer, 2004. p. 35-66.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra “invenção” da Amazônia**: Religiões, histórias, identidades. Belém: Cejusp, 1999.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: Rumo a uma nova teoria da transição. Tradução: CASTANHEIRA, Paulo César & LESSA, Carlos. Campinas e São Paulo: Editora da Unicamp e Boitempo Editorial, 2002.
- MISHLER, Eliot G. **Narrativa e Identidade**: A mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da moita & BASTOS, Liliana Cabral (Orgs). Identidades: Recortes multi e transdisciplinares. Campinas e Brasília: Mercado das Letras e CNPq, 2002b. p. 97-119.
- MONTERO, Paula. **O problema das diferenças em um mundo global**. In: MOREIRA, Adalberto da Silva. Sociedade Global: Cultura e globalização. Petrópolis: Editora Vozes e São Paulo: Universidade São Francisco, 1998. p. 113-133.
- MOREIRA, Ruy. **A diferença e a geografia: ardil da identidade e a representação da diferença na geografia**. In: Revista *GEOgraphia* – Ano 1 – Nº 1. Niterói: Departamento de Geografia – Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 41-58.

- \_\_\_\_\_. **O espaço e o contra-espaço:** as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, Milton & BECKER, Bertha (Orgs). *Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial.* Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. Pg 71-107.
- MOURA, Rosa. **Fronteiras invisíveis:** O território e seus limites. In: *Território/LAGET*, UFRJ. Ano V, nº 9. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Pg 85-101.
- MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis & CARDOSO, Nelson Ari. **Territorialidades em movimento.** In: ULTRAMARI, Clovis & MOURA, Rosa (Orgs). *Metrópole: Grande Curitiba: teoria e prática.* Curitiba: Ipardes, 1994. Pg 113-120.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia:** Pequena história crítica. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Ideologias Geográficas.** São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
- NEVES, Diogo Labiak. **A festa do Boi-Bumbá deixou de ser local e virou global; O caso parintinense e suas peculiaridades:** Como ficam Caprichoso e Garantido?!. In: *Anais do 14º Encontro Nacional de Geógrafos.* Rio Branco, 2006.
- NEVES, Luiz Felipe Baeta. **O conceito de Identidade.** In: SCOTT, Parry & ZARUR, George (Orgs). *Identidade, fragmentação e identidade na América Latina.* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003. p. 19-25.
- NOGUEIRA, Wilson de Souza. **As festas populares da Amazônia nas redes de comunicação:** Um estudo sobre o Boi-bumbá de Parintins, a Ciranda de Manacapuru e o Sairé de Alter do Chão, e as suas relações com o mercado capitalista. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Marilene Corrêa da Silva Freitas. Manaus, 2002.
- OLIVEIRA, José Ademir de. **Cidades na selva.** Manaus: Editora Valer, 2000.
- OLIVEN, Rubens George. **Tradição e Modernidade na identidade Brasileira.** In: SCOTT, Parry & ZARUR, George (Orgs). *Identidade, fragmentação e identidade na América Latina.* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003. p. 205-226.

- PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: Uma poética do Imaginário. Belém: Cejusp, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Tradição, tradução, transparências**. In: SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002. p. 117-126.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RATZEL, Friedrich. **Geografia do Homem (Antropogeografia)**. In: MORAES, Antonio Carlos Robert (Org). RATZEL (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1990. p. 32-107.
- RIBEIRO, Wagner Costa. **Globalização e Geografia em Milton Santos**. In: Milton Santos e o Brasil. BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 165-178.
- ROSENDAHL, Zeny. **Uma proposição temática**. In: KOZEL, Salete & MENDONÇA, Francisco (Orgs). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Reimpressão 2004. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 197-214.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice**: O social e o político na Pós-Modernidade. Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Souza & NUNES, João Arriscado. **Para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org). Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SANTOS, Milton. **A revolução tecnológica e o território**: realidades e perspectivas. In: Terra Livre: Geografia, território e tecnologia. Nº 9, julho-dezembro 91. São Paulo: AGB e Editora Marco Zero, 1992. p. 07-17.
- \_\_\_\_\_. **Técnica espaço e tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

- \_\_\_\_\_. **Território e Sociedade:** Entrevista com Milton Santos. Entrevistadores: SEABRA, Odete; LEITE, José Corrêa & CARVALHO, Mônica de. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000a.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2000b.
- \_\_\_\_\_. **O país distorcido.** Organização, apresentação e notas de Wagner da Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, tempo, espaço.** In: Revista Paranaense de Geografia. Nº 7, ano 2002. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Local de Curitiba. Curitiba: AGB, 2002b.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço:** Técnica e tempo, Razão e emoção. 4ª edição, 1ª edição 1996. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SAUNIER, Tonzinho. **Parintins:** *Memória dos acontecimentos históricos*. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.
- SMITH, Anthony D. **Para uma cultura global?** In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade*. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 183-205.
- SODRÉ, Muniz. **A mascarada multiculturalista.** In: VILLAÇA, Nízia & GÓES, Fred (Orgs). *Nas fronteiras do contemporâneo: Território, identidade, arte, moda, corpo e mídia*. Rio de Janeiro: Mauad: FUJB, 2001. Pg 15-22.
- SOUZA, Marcelo José Lopes. **O território:** sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa & CORREA, Roberto Lobato. (Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003. Pg, 77-116.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Sobre o conceito de território:** Um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério & SAQUET, Marcos Aurélio. (Orgs). *Território e desenvolvimento: Diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004. p. 15-36.



- TOCANTINS, Leandro. **Amazônia – Natureza, Homem e Tempo**: Uma planificação ecológica. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e Editora Civilização Brasileira, 1982.
- TOLEDANO, Maria Salomé de A. & FORTES, Mircia Ribeiro. **As categorias da Ciência Geográfica**. In: Revista de Geografia da Universidade do Amazonas, v. 2, nº 1-2. Manaus: Edua, 2000, p. 49-62.
- TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e diversidade**: O sujeito democrático. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração (EDUSC), 1998.
- VALENTIN, Adreas. **Contrários**: A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2005.
- VALENTIN, Adreas & CUNHA, Paulo José. **Vermelho**: Um pessoal Garantido. Manaus: A. Valentin, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Caprichoso**: A Terra é azul. Rio de Janeiro: A. Valentin, 1999.
- VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.
- VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. **A festa do boi-bumbá em Parintins**: Tradição e identidade cultural. In: SOMANLU. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002. p.27-33.
- \_\_\_\_\_. **Bumbás de Parintins**: Tradição e mudança cultural. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Selda Vale da Costa. Manaus, 2003.

## APÊNDICE

Termo de liberação de uso.

Eu Diogo Labiak Neves, autor desta dissertação defendida e aprovada no dia 27 de março de 2007, elaborada para a obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, autorizo a utilização para fins científicos, desde que devidamente citadas e creditadas, de todas as fotografias de minha autoria utilizadas neste trabalho.

Excluem-se, portanto, deste termo todas as Figuras contidas nesta dissertação, bem como a Fotografia 26 (Bumbódromo de Parintins), presente na página 156.

---

Diogo Labiak Neves

Curitiba, 27 de março de 2007.

## ANEXOS

**Anexo 01:** Fotografia 26: Bumbódromo de Parintins, com a construção em forma estilizada de uma cabeça de boi. Nesta foto podem ser observadas as arquibancadas devidamente separadas e identificadas segundo a associação a qual é destinada. Fotografia disponível no site [www.canalgarantido.com](http://www.canalgarantido.com).



**Anexo 02:** Música do Boi-Bumbá Caprichoso em tom provocativo ao Boi contrário. Nesta letra pode-se perceber a relação direta com outro Boi, para afirmar-se superior.

Título: *Contrário fanfarrão*

Compositores: Edílson Santana e Sandro Santos

É tão fácil transformar em poesia  
A toada que contagia a galera do meu boi  
Boi Caprichoso vem trazendo a Marujada, calando a Batucada  
Ensinando a brincar de boi,  
Brincar de boi, brincar de boi, vem contrário, vem para aprender  
Brincar de boi, brincar de boi, esse ano vai perder

Perder na arena, perder na toada  
O teu desafio não incomoda em nada  
Essa galera do baixo astral que um dia irá se afogar  
No seu próprio curral

Pobre contrário muito obrigado por existir  
Pois as minhas vitórias são em cima de ti (2x)

Chora, esperneia, agoniza fanfarrão  
Boi Caprichoso é história e tradição  
O folclore mais belo do lugar  
Só a nação azul e branca irá mostrar

**Anexo 03:** Toada do Boi-Bumbá Garantido em tom provocativo ao Boi contrário. Pode-se perceber claramente a relação estabelecida quanto à cor negra do Boi Caprichoso ao compará-lo com a ave Urubu.

Título: *Xô Urubu*

Compositores: Cezar Moraes e DJ' Rogério Lima

É vermelho o amanhecer  
 É vermelho o entardecer  
 Meu coração é vermelho  
 Tudo que é lindo é vermelho  
 Vou te mostrar onde mora  
 Onde mora o amor  
 E é tão forte o toque  
 O toque do meu tambor  
 É na fazenda mais linda mais bonita e verdejante  
 Entre as flores coloridas de um jardim  
 É perfeito onde mora o Garantido  
 Onde a brisa é perfumada de jasmim  
 Então pra que? O que queres

Tu não vens te enxerir  
 Vai procurar outro lugar  
 Não tens o que fazer aqui  
 Então xô urubu xô urubu  
 Xô xô xô xô xô urubu xô  
 Fora fora chegou a tua hora  
 É tua derrota não chora.

**Anexo 04:** Letra da música Ritmo Quente que teve parte de sua letra utilizada no título deste trabalho. Esta música fora muito tocada e reproduzida na década de noventa pelo grupo Canto da Mata, especializado em toadas, sendo posteriormente incorporada ao grupo de músicas oficiais do Boi-Bumbá Caprichoso no ano de 1997.

Título: *Ritmo Quente*

Composição: Alex Pontes e Mailzon Mendes

No ritmo quente você vai dançar  
Preste atenção que eu vou lhe ensinar  
Veja o passinho, *dois pra lá e pra cá*  
É Boi-Bumbá  
Vim do no norte, vim trazer  
Alegria de viver  
Quero só você  
É muita emoção  
Juntos vamos nós  
Em uma só voz  
Catar pra você  
Dance pra frente, gira  
Remexe pra trás, delira  
Ergue os braços pra cima  
Eh! Eiê, iê iê, iah

**Anexo 05:** Quadro 01: Relação dos Bois do Estado do Amazonas segundo Raimundo Dejard Vieira Filho:

Nome do Município	Nome do Boi-Bumbá
Amaturá	Mimosinho e Corre-Campo.
Autazes	Filho da Mata, Estrelinha, Corre Fama e Caprichoso. Além dos garrotes Mineirinho e Douradinho.
Barreirinha	Garantido e Caprichoso.
Boa Vista do Ramos	Tira-Fama, Mina de Ouro, além da Vaca Mimosa.
Borba	Corre-Campo e Corajoso.
Coari	Corre-Campo, Garantido, Raio de Prata e Estrelinha.
Itacoatiara	Tira-Fama, Mina de Ouro, Brinquedinho, Estrela de Nazaré, Garantido e Caprichoso.
Itapiranga	Mineirinho, Surubim, Malha de Ouro e Tira-Fama.
Lábrea	Guerreiro e Estrela do Mar.
Manaus	Corre-Campo, Tira-Fama, Cinco Estrelas, Tira Prosa. Estrela do Norte, Mina de Ouro, Garanhão e Brilhante.
Manicoré	Caprichoso, Corre-Campo e Canarinho.
Maués	Campineiro, Mimosinho e Pintadinho.
Urucurituba	Mina de Ouro e Trovão de Sol.

FONTE: VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. 2003.

ORG: Diogo Labiak Neves, 2006.

**Anexo 06:** Quadro 02: Esquemático de todos os festivais realizados até o ano de 2006. Apresentando o local da apresentação, o ano de realização, o Boi-bumbá vitorioso naquele ano e a listagem dos títulos de cada Bumbá, seguindo a ordem de conquistas e dos Festivais. FONTE: Diversos materiais, bibliográficos ou não, pesquisados para a realização deste trabalho. ORGANIZADOR: Diogo Labiak Neves, 2006.

Ord. Numérica	Locais de Apresentação	Ano	Bumbá Campeão	Ord. Título
1º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1966	Garantido	1
2º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1967	Garantido	2
3º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1968	Garantido	3
4º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1969	Caprichoso	1
5º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1970	Garantido	4
6º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1971	Garantido	5
7º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1972	Caprichoso	2
8º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1973	Garantido	6
9º Festival	Quadra da JAC – Praça da catedral Quadra da JAC	1974	Caprichoso	3
10º Festival	Quadra da JAC – Rua Jonathas Pedrosa	1975	Garantido	7
11º Festival	Praça da Catedral Quadra da CCE – Parque das Castanholeiras	1976	Caprichoso	4



12º Festival	Praça da Catedral Quadra da CCE – Parque das Castanholeiras	1977	Garantido	8
13º Festival	Quadra da JAC – Av. Amazonas	1978	Garantido	9
14º Festival	Praça da Catedral Quadra da CCE – Parque das Castanholeiras	1979	Caprichoso	5
15º Festival	Estádio de Futebol Tupy Cantanhede	1980	Garantido	10
16º Festival	Estádio de Futebol Tupy Cantanhede	1981	Garantido	11
17º Festival	Estádio de Futebol Tupy Cantanhede	1982	Garantido	12
18º Festival	Tabladão do Povo – antigo aeroporto	1983	Garantido	13
19º Festival	Anfiteatro Messias Augusto	1984	Garantido	14
20º Festival	Anfiteatro Messias Augusto	1985	Caprichoso	6
21º Festival	Anfiteatro Messias Augusto	1986	Garantido	15
22º Festival	Anfiteatro Messias Augusto	1987	Caprichoso	7
23º Festival	Bumbódromo	1988	Garantido	16
24º Festival	Bumbódromo	1989	Garantido	17
25º Festival	Bumbódromo	1990	Caprichoso	8
26º Festival	Bumbódromo	1991	Garantido	18
27º Festival	Bumbódromo	1992	Caprichoso	9
28º Festival	Bumbódromo	1993	Garantido	19
29º Festival	Bumbódromo	1994	Caprichoso	10
30º Festival	Bumbódromo	1995	Caprichoso	11
31º Festival	Bumbódromo	1996	Caprichoso	12
32º Festival	Bumbódromo	1997	Garantido	20
33º Festival	Bumbódromo	1998	Caprichoso	13
34º Festival	Bumbódromo	1999	Garantido	21
35º Festival	Bumbódromo	2000	Garantido /Caprichoso	22 /14
36º Festival	Bumbódromo	2001	Garantido	23
37º Festival	Bumbódromo	2002	Garantido	24
38º Festival	Bumbódromo	2003	Caprichoso	15

39º Festival	Bumbódromo	2004	Garantido	25
40º Festival	Bumbódromo	2005	Garantido	26
41º Festival	Bumbódromo	2006	Garantido	27
42º Festival	Bumbódromo	2007	Caprichoso	16

**Anexo 07:** Itens julgados no Festival Folclórico de Parintins ano de 2006:

1. Apresentador;
2. Levantador de Toadas;
3. Batucada ou Marujada;
4. Ritual Indígena;
5. Porta-Estandarte;
6. Amo do Boi;
7. Sinhazinha da Fazenda;
8. Rainha do Folclore;
9. Cunhã-Poranga;
10. Boi-Bumbá (Evolução);
11. Toada (letra e música);
12. Pajé;
13. Tribos Indígenas;
14. Tuxauas;
15. Figura Típica Regional;
16. Alegorias;
17. Lenda Amazônica;
18. Vaqueirada;
19. Galera (torcida);
20. Organização do Conjunto Folclórico;
21. Coreografia.

**Anexo 08:** Selos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançado no ano de 2004, comemorativos aos Bois de Parintins.

Figura 08: Selo Boi-Bumbá Caprichoso



Figura 09: Selo Boi-Bumbá Garantido.



**Anexo 09:** Letra do samba enredo da Acadêmicos do Salgueiro (RJ) no ano de 1998:

Alô você, alô, do boi bumbá!  
 Vem salgueirar, vem salgueirar, vem salgueirar  
 Vem garantir, ioiô; vem caprichar, iaiá  
 A lenda vida do folclore está no ar  
 São dois pra lá, ê boi!  
 São dois prá cá  
 Dança nativa dos Parintintins  
 Que maravilha  
 Explosão na Ilha dos Tupinambás  
 Mostrando para o mundo inteiro  
 Hoje o meu Salgueiro é folclore popular

Bate tambor, cunhá poranga  
 É puro fogo no ar  
 Gira meu boi, meu boi bumbá (bis)  
 Um lado azul, outro vermelho  
 As cores do festival  
 É Garantido, é Caprichoso o Carnaval

Um duelo na floresta  
 Veio de longe o meu boi-bumbá  
 Entre rituais nativos, magias e lendas  
 Ao som do tamurá  
 Esse é o Brasil cultural  
 Raça mestiça e amor  
 Mostrando seu visual no Carnaval  
 Nossa cultura é assim  
 O nosso povo é de fé  
 Vem pro Salgueiro se banhar de axé

Eu sou índio e só sei amar  
 Uso arco e flecha, na cabeça um cocar (bis)  
 Banho de cheiro de patchouli  
 Olha o Salgueiro na Sapucaí

**Anexo 10:** Letra do samba enredo do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Sossego (RJ) no ano de 2007:

Com o rufar dos tambores  
E o som das toadas eu vibrei

Amazônia mostra ao Rio de Janeiro  
Que é Sossego em fevereiro  
Com suas danças e folclores me encantei!

Parintins que é filha da floresta  
Nasceu cercada de belezas naturais

O astro rei surgiu, trazendo vida e muito mais...  
O povo superou e hoje é feliz  
Pois conquistou sua própria diretriz

Que verde é esse que encanta o mundo  
Quem vem de lá pode dizer  
Mitos e rituais, água que satisfaz  
A paz e um lindo florescer...

Tupinambarana começou a Caprichar  
A comunidade se juntou então dançou  
O dois pra lá, dois pra cá

Boi Caprichoso sua fama correu chão  
Se tornando o guardião  
Das origens do lugar.

A arena explodiu num lindo ecoar  
Ontem, hoje e sempre a preservar!

A nação azul e branca vem mostrar  
Boi Caprichoso e Sossego é um lindo par